

Antropologia, 13

Obra publicada com o auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação:
Olimpio Pinheiro

DEDALUS - Acervo - FFLCH-FIL



F374 FERRARA, Miriam Nicolau – A imprensa negra paulista (1915-1963). São Paulo, FFLCH/USP, 1986. 280p. (Antropologia, 13)

Originalmente apresentado como Dissertação de Mestrado ao Depto. de C. Sociais – FFLCH/USP, 1981.

Imprensa negra – Brasil – SP
Negro – Brasil – SP

CDD.19ª ed. 079.81
305.8

(Ficha catalográfica preparada por Eunides A. do Vale)

Doc06

SBD-FFLCH-USP



227681

MIRIAM NICOLAU FERRARA
A IMPRENSA NEGRA
PAULISTA (1915-1963)

FFLCH - USP

1986

A IMPRENSA NEGRA
PAULISTA (1915-1963)

ns: 415960

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor:

Prof. Dr. José Goldemberg

Vice-Reitor:

Prof. Dr. André Ricciardi Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor:

Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira

Vice-Diretor:

Prof. Dr. João Paulo Gomes Monteiro

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Chefe:

Profa. Dra. Eunice Ribeiro Durham

COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Sylvia Caiuby Novaes

Profa. Dra. Aracy Lopes da Silva

Prof. Dr. Kabengelê Munanga

*"É na meza, é no lar, é nesse êlo onde crea
a solidariedade espiritual que o homem se
refaz das luctas quotidianas"* (Vicente Ferreira.
"O Clarim da Alvorada". 1930-ano VII,
n. 29:23/8).

dedico

(in memoriam) Farid

Olga

José Inácio

Luciana, Juliana e Daniel

"Não fôra a minoria e os annaes da Historia
Universal não registrariam episodios das
mais nobres abnegações e civismos" (Ger-
vasio Moraes.
"O Clarim da Alvorada". 1926-ano III,
n. 19:21/3).

homenageio

José Correia Leite
Francisco Lucrécio
Pedro Paulo Barbosa
Raul Joviano Amaral
Ironides Rodrigues
(in memoriam) Jayme de Aguiar

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho abre página para externar o apoio e a orientação do prof. Fernando Augusto Albuquerque Mourão.

Dos profs. que compuseram a banca examinadora João Baptista Borges Pereira e Clovis Moura recebi críticas e sugestões que foram acolhidas na revisão deste trabalho pela sua importância e sensibilidade.

De grande valia foram as entrevistas e cursos com os profs. Aparecida Jolly Gouveia, Oracy Nogueira e Theófilo Queiroz Junior

A preparação técnica dos originais apresentados para a Dissertação de Mestrado confiei a amiga Marina Birche de Carvalho.

Pelas opiniões e trocas de idéias no decorrer da pesquisa, a todos citados ou omissos o meu carinho, por compreenderem meus erros quando procurava os acertos.

“Negar o negro, odiá-lo, não é dar resposta científica ao problema. Amar o negro, estudá-lo é um patrimônio dos homens sensíveis”. (“Nosso Jomal”. 1961 - ano V. n.5:-/5).

(Este trabalho foi inicialmente apresentado, em 1981, como Dissertação de Mestrado ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo).

ÍNDICE

15	PREFÁCIO
23	INTRODUÇÃO
31	CAPÍTULO I <i>Uma imprensa de Negros para Negros</i>
67	CAPÍTULO II <i>Historico da Imprensa Negra Paulista</i>
87	CAPÍTULO III <i>A Manifestação da Imprensa Negra Paulista</i>
163	CAPÍTULO IV <i>Africa na Imprensa Negra Paulista</i>

193	CONCLUSÃO
205	BIBLIOGRAFIA
233	ANEXOS

PREFÁCIO

É com prazer que estamos apresentando aos leitores o trabalho da professora Miriam Nicolau Ferrara. Digo isto porque durante muito tempo convivi — e participei — das suas incertezas e hesitações, das suas inquietações, mas, também, e sobretudo, assisti o seu trabalho quase heróico de pesquisadora, de trabalhadora científica incansável que vasculhava fontes, refazia hipóteses, procurava por todos os meios ao seu alcance elaborar um trabalho que fosse capaz de esclarecer, não direi definitivamente, mas satisfatoriamente, o universo estudado.

A imprensa negra em São Paulo, no período que vai de 1915 a 1963 foi o tema escolhido. Um período longo, não apenas longo mas de difícil manipulação, pois os hiatos das fontes, as falhas de informações, a perda de material levam o pesquisador a ter de fazer um trabalho beneditino, paciente e honesto para conseguir toda a estrutura do painel

pesquisado e sobre ele interpretar a sua dinâmica. Muitas vezes acompanhei de perto as suas inquietações ante as dificuldades de conseguir material. Mas, ficou de tal forma apaixonada pelo tema que com ele se identificou, conheceu pessoas atoras dos fatos e com elas conviveu. Daí ter conseguido massa impressionante de material: coleções de jornais, histórias de vida, depoimentos, confidências e dúvidas dos participantes da confecção dessa imprensa. Disto resultou uma enorme massa de material empírico com a qual a autora trabalhou durante muito tempo, amadureceu a sua análise e teve oportunidade, por tudo isto, de chegar a um nível de reflexão interpretativa elevado, conforme se poderá ver nas suas conclusões.

É através desse material tão rico que Miriam Licholau procura e consegue retratar o mundo ideológico do negro paulista, as suas esperanças e o seu comportamento. Retratando um contexto de incertezas, frustrações e ambiguidades, esses jornais negros expressaram as particularidades e diferenças culturais, sociais e psicológicas dos afro-brasileiros de São Paulo.

Este esforço dos negros que através da sua imprensa — de negros para negros — reivindicavam a integração e a participação na sociedade abrangente representou uma forma alternativa de auto-afirmação étnica, de redescoberta do “eu” coerido ou quase perdido durante o longo período da escravidão colonial. A autora estuda e interpreta o período no qual essa imprensa circulou. Mas a autora não se contentou, para interpretar este universo com a leitura, ordenação e periodização dos jornais, mas recolheu material empírico em pesquisas de campo, conversou com os seus fundadores, os veteranos que até hoje recordam esse tempo com saudosismo.

Teve, portanto, oportunidade de enriquecer a sua monografia com o calor da convivência com os seus agentes históricos e deles obteve informações preciosas e seguras que humanizaram o seu trabalho, tirando-o da frieza austera da

impessoalidade para dar-lhe clima humano. Isto não invalida o seu rigor científico. Pelo contrário. Deu-lhe aquela dimensão humanista sem a qual nenhuma obra científica se afirma e permanece. Aqui, na sua forma de encarar os fatos, há muito da sensibilidade da autora, do seu modo de ver o mundo e os seus problemas.

Manipulando com o conceito de “grupo minoritário” de Wirth ela coloca esse grupo como um interlocutor menor junto à grande sociedade, mostrando todo ou quase todo o seu comportamento através da análise das páginas dos seus jornais. Essa imprensa passa a ser, por isto, um parâmetro importantíssimo para se analisar como ela servia de veículo de solidariedade grupal, através da forma de abordar os seus problemas, sempre em face da existência de outra sociedade: a sociedade *branca*.

Tratava-se, portanto, de uma imprensa alterna que se esgotava no discurso para os negros, nela não figurando curiosamente aqueles acontecimentos maiores que modificavam a sociedade abrangente. É um sintoma da especificidade dessa imprensa que mostra, concomitantemente, como ela era fruto e reflexo de uma posição de grupo específico que se auto-identificava como tal e por isto circunscrevia o seu discurso aos seus “irmãos de cor”.

Esta visão particular do negro paulista tinha e tem de si mesmo expressão através da sua imprensa remetendo-nos a um nível de reflexão global, proporcionado pela autora sobre a mundividência existencial desse grupo, o seu código de moral específico, a sua crença na educação privada como elemento de ascensão social, suas regras de etiqueta, elementos que o particularizam e diferenciam. Essa imprensa, por tudo isto, é um repositório precioso de dados para a compreensão não apenas do grupo negro, mas dos seus dramas existenciais e ideológicos.

todas as fases da imprensa negra, tema que a autora com proficiência científica e paixão abordou.

Clóvis Moura

Num momento em que os estudos sobre o negro já estavam ficando repetitivos, inflacionados por abordagens sobre preconceito de cor, racismo, marginalização do negro e outros temas correlatos, a autora nos dá um trabalho sobre assunto quase intocado. Afora o de Roger Bastide não temos conhecimento de outro do porte do presente. Este aspecto inovador deve também ser acreditado à autora. Se ela consegue repensar o pensamento do grupo negro, ela, ao mesmo tempo, abre picada para que sejam usadas novas técnicas de pesquisa e sugere que se procurem novos aspectos do problema do negro para enlarguimento do leque da temática.

O negro no mundo dos brancos consegue, conforme nos mostra a autora, organizar-se *para si* transmitindo ao grupo que se sente discriminado normas de conduta através das quais ele poderá se integrar. Porque, conforme podemos ver no presente estudo, todo o discurso dessa imprensa é integrativo, isto é, do negro querendo ser cidadão, conseguir integrar-se, ser reconhecido como igual. Mesmo quando se refere à África (o que faz raramente) nunca é para pregar um movimento de retorno à mãe perdida, mas como um referencial de memória para mostrar que tem um passado, ancestralidade que deve ser lembrada e reverenciada. Por outro lado, as referências à África são quase que meramente simbólicas, muitas vezes míticas. Somente quando um fato como a guerra entre a Abissínia e a Itália acontece esses jornais registram. No mais já é o negro brasileiro lutando pela sua cidadania.

O trabalho que será lido em seguida não apenas aborda um problema pouco estudado na área das pesquisas afro-brasileiras, mas repõe em discussão um problema significativo: a ideologia do negro urbano de São Paulo que sempre reivindicou o direito de ser cidadão brasileiro, o seu desejo de integrar-se em pé de igualdade com todos aqueles que compõem a nação. Esta ideologia de integração percorre

INTRODUÇÃO

Jornais produzidos por negros para negros em São Paulo e outros Estados do Brasil (Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul) articularam a imprensa negra de 1915 a 1963, com a finalidade de reivindicar direitos e assim atingir a integração e a participação do negro na sociedade brasileira.

É através de sua imprensa que o negro desenvolve uma consciência e solidariedade étnicas. Assim, a partir de 1915, o grupo negro se organiza para preservar ou manter suas características frente à discriminação social, política e econômica que conheceu na sociedade brasileira.

Este trabalho é um estudo monográfico que visa descrever os jornais negros num espaço de 48 anos (1915/1963) durante os quais essa imprensa vai, de diferentes maneiras, lutar principalmente contra os preconceitos, conscientizar o negro de sua posição na sociedade brasileira e valo-

zizar a educação e a instrução. Como fonte para análise da produção de estudo recorreremos ao material empírico (jornais), entrevistas com os fundadores e colaboradores da imprensa negra, bem como a bibliografia sobre a mesma.

Quanto a essa bibliografia, o trabalho de Bastide "A imprensa negra no Estado de S. Paulo" (1951), mostrou-se fundamental, pois a preocupação do autor foi mais a de desvendar, através da imprensa, "a mentalidade de uma raça", do que traçar o quadro histórico da imprensa negra em São Paulo. Um trabalho de grande valia, que nos possibilitou selecionar temas para a análise do material empírico propriamente dito, como: valorização/exaltação, união/solidariedade, conscientização, educação, preconceito, moral, vícios, participação sócio/político/econômica, propaganda política, representação política e mexericos.

O trabalho de Virgínia Leone Bicudo, "Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo" (1947), especialmente, forneceu dados sobre a Frente Negra Brasileira e o seu órgão oficial, o jornal *A Voz da Raça*.

Na obra de Florestan Fernandes "A integração do negro na sociedade de classes" (1965), na qual o autor analisa o processo de urbanização e industrialização em São Paulo a partir de 1900, encontramos um traçado histórico do aparecimento dos jornais, dos movimentos negros, suas manifestações e objetivos.

Maria Isaura Pereira de Queiroz, "Coletividades negras. Ascensão sócio-econômica dos negros no Brasil e em São Paulo" (1977), abordando o processo de urbanização e industrialização no sul do Brasil e especialmente em São Paulo, contribuiu para nossa análise, bem como nos forneceu um ~~apanhado histórico~~ em que situa o aparecimento da Frente Negra Brasileira e o cunho reivindicatório dos jornais da imprensa negra.

Finalmente, o trabalho de Clovis Moura, "Organizações negras" (1980), traçando o histórico das organizações negras desde a época da escravidão até os dias atuais, é imprescindível na medida em que, como participante do grupo negro, apresenta a história das organizações negras.

Uma busca de grande valia para nossa análise realizada nos arquivos dos jornais "O Estado de S. Paulo" e a "Folha de S. Paulo", constatou-nos a existência das atividades do grupo negro em questão.

A sistematização do material coletado obedeceu a metodologia apresentada por Ana Maria de Almeida Camargo¹, com algumas adaptações, devido às particularidades do universo pesquisado.

O material empírico foi sistematizado a partir destes itens: 1) *título*, em relação ao qual se deve estar atento para possíveis alterações, substituições e frequentes casos de homonímia; 2) *subtítulo*, ou indicações que acompanham o título, reveladoras da tendência da publicação ou das modificações dessas tendências ao longo do tempo; 3) *local de publicação* (cidade, estado, país); 4) *endereço de administração e redação*, por vezes não coincidentes, indicadores da zona geográfica de difusão do periódico, das dificuldades de circulação; 5) *periodicidade*; 6) *tiragem* e suas variações, dado de difícil obtenção, principalmente quando se trata de jornais ou revistas que deixaram de circular e que não estampam a informação; 7) *preço de venda avulsa e subscrições*; 8) *formato* (alt x larg em cm); 9) *data do n. 1*; 10) *número de páginas*; 11) *nome e endereço do impressor*; 12) *número de edições*;

(1) - Ana Maria de Almeida Camargo. A imprensa periódica como objeto de instrumento de trabalho: Catálogo da Hemeroteca Julio Mesquita do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. São Paulo, v. 1, 1975.

13) *local de conservação das coleções* (localização); 14) *nomes de diretores, redatores e colaboradores* (sua profissão e posição social); 15) *responsáveis pela administração geral da publicação*; 16) *forma de venda*; 17) *capital financeiro do jornal*.

Quanto às *datas*, dispomos de dados bibliográficos falhos e incompletos devido a periodicidade irregular dos jornais; além disso, decorrido o tempo, os entrevistados não nos forneceram dados de forma precisa e concordante. Esta dificuldade foi atenuada na medida em que confrontamos todo o material coletado.

No tocante à *ortografia*, a dos títulos e subtítulos foi substituída pela atual. Por outro lado, foi mantida a ortografia original dos textos transcritos para que esses não perdessem a sua autenticidade.

Os jornais foram registrados conforme dados fornecidos pelo próprio exemplar, obedecendo a seguinte ordem: ano de publicação, número, dia e mês². Essa indicação acompanhava também as notas de rodapé.

Delimitamos o universo ser analisado aos jornais publicados no Estado de São Paulo, por ser o material empírico mais volumoso (30 títulos), que poderia responder à nossa proposta de trabalho. Consultamos 36 títulos de jornais e revistas num total de 312 exemplares e que compõem o universo³.

No capítulo I, consideramos o negro como um grupo minoritário — no sentido de uma Minoria Assimilacionista —, na medida em que luta por sua integração e participação na sociedade global, desenvolvendo em seus membros sentimentos de auto-desenvolvimento individual, dirigindo seus esforços para uma aceitação por parte do grupo dominante.

(2) — Ver anexo I.

(3) — Ver anexo II.

Por outro lado, o negro através de sua imprensa desenvolve uma ideologia grupal que visa a manutenção de seus próprios valores e representações frente a uma sociedade que o discrimina. Assim, esses jornais se caracterizam, a nosso ver, como uma imprensa de integração, enquanto veículo de transmissão do pensamento grupal.

No capítulo II, reconstituímos a história dos jornais negros, a partir de 1915. Fomos buscar informações junto a colaboradores dos jornais em questão, especialmente os seguintes: José Correia Leite e Jayme de Aguiar, fundadores e colaboradores do jornal *O Clarim da Alvorada*; Raul Joviano Amaral, um dos fundadores da Frente Negra Brasileira e diretor do jornal *A Voz da Raça*; Pedro Paulo Barbosa, membro do conselho da Frente Negra Brasileira e colaborador do jornal *A Voz da Raça*; Francisco Lucrécio, secretário geral da Frente Negra Brasileira e colaborador do jornal *A Voz da Raça*; Aristides Barbosa, colaborador do jornal *O Novo Horizonte* e Iro-nides Rodrigues, fundador e colaborador da revista *Quilombo*. Os entrevistados nos forneceram material empírico, documentos e informações com os quais reconstituímos a história da imprensa negra. Com o levantamento de histórias de vida dos fundadores e colaboradores mencionados, aliado às referências históricas por período, estabelecemos um quadro no qual se situa o material empírico.

No capítulo III, os jornais da imprensa negra, considerados a partir de uma amosra, são descritos em 3 períodos:

— no primeiro período (1915/1923), há a tentativa de integração do negro na sociedade brasileira e a formação de uma consciência que mais tarde irá ganhar força.

— com a fundação do jornal *O Clarim da Alvorada*, em 1924, o segundo período atinge seu ápice em 1931 com a organização da Frente Negra Brasileira, e em 1933 com o

jornal *A Voz da Raça*. Este período termina com o Estado Novo.

— o momento das grandes reivindicações políticas marca o terceiro período (1945/1963), com elementos do grupo negro se filiando a partidos políticos da época ou se candidatando a cargos eletivos.

Devido às irregularidades do universo atingido e da periodicidade das coleções publicadas, optamos pela escolha de uma amostragem que obedeceu o seguinte critério: a) nas coleções de um exemplar foi analisado o exemplar localizado; b) nas coleções de um a 10 exemplares foram analisados dois exemplares; c) nas coleções de 10 e mais exemplares, foram retirados os exemplares, contando-se do primeiro ao último com espaços de cinco em cinco⁴.

Contudo, esses jornais, feitos por descendentes de escravos, oriundos do Continente Africano, apresentaram poucas referências de África. O capítulo IV enfoca essa problemática, abrangendo o universo total da pesquisa.

CAPÍTULO I UMA IMPRENSA DE NEGROS PARA NEGROS

(4) — Ver anexo III.

O estudo de um passado que envolve o grupo negro nos delineia um mosaico de traçado original onde formas de vida, padrões de sensibilidade, de interesses e de motivações diferentes se posicionam através da sua própria imprensa.

Os jornais feitos por negros para negros, no período de 1915 a 1963, no Brasil, esboçam uma camada social descendente de escravos e que, após três décadas de liberdade, consegue articular-se socialmente imprimindo suas idéias ou reivindicações.

Na época em que essa imprensa aparece (1915 a 1963), a sociedade brasileira enfrenta diversos acontecimentos, alguns com repercussão internacional, outros manifestando-se em diferentes setores de sua estrutura; no entanto, esses fatos não são ali registrados.

Revendo raízes, que se farão presentes em nossa realidade, citamos Pereira de Queiroz: "a abolição da

escravatura modificou profundamente a estrutura sócio-econômica do país, cuja definição fundamental fora até então a existência das relações senhor escravo. (...) Os antigos escravos [passaram] a formar um subproletariado miserável, sobretudo nas cidades do Sul do país. Nesta região, ampliava-se a migração européia desde a expansão cafeeira, fazendo aumentar rapidamente uma mão-de-obra ocidental e, portanto, plenamente adaptada à civilização burguesa ocidental, o que não se dava com os antigos escravos. Ora, as grandes cidades brasileiras foram submetidas a um processo marcante de 'aburguesamento' no decorrer do séc. XIX. Os antigos escravos, não apresentando características requeridas para se adaptarem às exigências urbanas principalmente à expansão da administração pública, dos serviços, do comércio, foram rejeitados para uma camada social inferior à dos imigrantes brancos".¹

Esta situação de inferioridade aliada à competição com o imigrante europeu nos conduz a dois pontos fundamentais: o próprio surgimento dos jornais negros que de início apresentam um caráter mais associativo e expressões de reivindicações, e, de outro, a sua concentração na parte sul do Brasil, principalmente nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Minas Gerais.

Como ressalta Pereira de Queiroz, a camada de escravos não era homogênea, nem mesmo no auge da escravidão; esta heterogeneidade aparecia tanto do ponto de vista étnico, como do ponto de vista da instrução e conhecimentos. Assim estas diferenças persistiram e pesaram no momento da passagem da situação de escravo para a de homem livre. "Nas regiões que não o Sul, não encontrou o escravo a concorrência

do imigrante no mercado de trabalho, e sua integração tanto rural quanto urbana em melhores posições foi mais fácil. Todavia, nas cidades e regiões do Sul, mais aburguesadas pelo próprio fato de serem mais ricas, a maioria dos escravos, mesmo quando dominavam um ofício, só pode se integrar em posições de inferioridade sócio-econômica, — os imigrantes ali presentes levando em geral, vantagem sobre eles".²

Analisando mais detalhadamente o caso de São Paulo, que Pereira de Queiroz considera mais significativo por ser onde ocorreu de forma mais acentuada o aburguesamento e a condensação de imigrantes, a mesma autora menciona que "o sistema de estratificação sócio-econômica caracteriza-se pela existência de uma camada alta, de pequena quantidade de gente; por uma camada intermediária em pleno processo de expansão (pequenos funcionários públicos, comerciantes de menor importância, caixeiros, gente engajada em tarefas e ocupações de serviços de nível médio como escriturários, etc.); por um subproletariado muito pequeno que crescia lentamente; por um subproletariado volumoso, que se compunha de alguns imigrantes e onde estava a maioria dos antigos escravos". A autora frisa que a heterogeneidade persistiu mesmo após a abolição, prejudicando o desenvolvimento da solidariedade étnica no interior das camadas inferiores. "A satisfação dos que haviam conseguido se elevar agia em sentido contrário à solidariedade étnica: não queriam ser mais confundidos com os 'irmãos de cor', que haviam permanecido na parte mais baixa da escala sócio-econômica. Além disso, também havia um reforço da adoção dos valores brancos que ascendiam e uma diligência em se mostrarem, mais ainda que os brancos, os cultores dos mesmos valores; estes

(1) — Maria Isaura Pereira de Queiroz. *Coletividades Negras*. Ascensão sócio-econômica dos negros no Brasil e em São Paulo. *Revista Ciência e Cultura*, 29 jan. 1977. p. 650.

(2) — Id. *ibid.* p. 651.

comportamentos iam na mesma linha de apagar a origem, permanecendo apenas como elemento de distinção a cor da pele".³

Tendo em vista a heterogeneidade existente dentro do grupo negro na sociedade brasileira e suas relações com a mesma podemos considerar esse grupo como um grupo minoritário.

Segundo Wirth, grupo minoritário é "um grupo de indivíduos que, devido as suas características físicas e/ou culturais são destacados dos outros na sociedade em que vivem por um tratamento diferencial e desigual, e os quais, portanto, se consideram como objeto de discriminação coletiva. A existência de uma minoria numa sociedade implica a existência de um grupo dominante correspondente possuindo status social elevado e maiores privilégios. O status minoritário acarreta a exclusão da participação integral na vida da sociedade. Embora não necessariamente um grupo alienígena, a minoria é tratada e se considera como um povo a parte".⁴

Aceitamos em parte a definição de Wirth para o caso do negro brasileiro, enquanto considera um grupo de indivíduos diferenciados socialmente e constituindo-se em grupo minoritário. No entanto, a existência de um grupo minoritário não implica necessariamente em sua exclusão de participação nas relações sócio-econômicas da sociedade abrangente. Este grupo constitui-se como parte das camadas desta sociedade, do ponto de vista sócio-econômico, como ressalta Pereira de Queiroz⁵. Essas explicações nos sugerem que tal situação, como um todo, fez com que alguns indivíduos, parte deste grupo minoritário, tenham, através dos jornais, iniciado suas

(3) - Maria Isaura Pereira de Queiroz. *op. cit.*

(4) - Louis Wirth. *Grupos Minoritários*. mimeogr.

(5) - Maria Isaura Pereira de Queiroz. *op. cit.*

reivindicações por melhores condições de vida e uma maior integração na sociedade brasileira. Complementando, escreve Florestan Fernandes que "se adotássemos a classificação das minorias propostas por L. Wirth, à luz dos movimentos, os negros e os mulatos constituíam uma Minoria Assimilacionista".⁶

Por outro lado, voltamos a frisar a heterogeneidade existente dentro do próprio grupo negro, no processo histórico brasileiro. Isto é, se por um lado temos um grupo discriminado pela sociedade global, por outro, este grupo é diferenciado por si mesmo.

Clovis Moura aponta que o negro brasileiro foi sempre um organizador; e considera, como Pereira de Queiroz, a importância dos quilombos, confrarias religiosas e do candomblé, como organizações frágeis, mas sempre constantes. "Em toda a nossa história vemos o negro se organizando, procurando um reencontro com suas origens étnicas ou lutando, através dessas organizações, para não ser destruído social, cultural e biologicamente. (...) Essa tendência do negro a se organizar não surge por acaso. Os grupos que se identificam na sociedade de classes por um estigma que essa sociedade lhes impôs podem, ao invés de procurarem fugir a essa marca, transformá-la em herança positiva, organizar-se através de um ethos criado a partir da tomada de consciência da diferença que as camadas privilegiadas em uma sociedade etnicamente diferenciada estabeleceram. É a revalorização da própria etnia do grupo que o faz ver-se como um componente específico dentro da sociedade que o discrimina. Esses valores podem ser a reelaboração de um passado cultural ou reivindicações mais atualizadas".⁷

(6) - Clovis Moura. *Organizações negras*. São Paulo: o povo em movimento. Petrópolis. Vozes, CEBRAP, 1980. p. 44.

(7) - Florestan Fernandes. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo, Dominus E.d., 1965. v. 2, p. 4.

Para Moura e Pereira de Queiroz, o preconceito de cor impede que os negros tenham acesso tanto a ocupações quanto a instituições, o que vai determinar a "criação de entidades negras independentes — grupos específicos — como clubes de lazer, cooperativas, escolas de samba, órgãos culturais, etc."⁸.

Tratando-se da imprensa em geral (ou grande imprensa) como veículo de comunicação e portanto de expressão geral de opiniões, expressão cultural, reivindicações, comentários, críticas, etc., vemos que o texto escrito tem uma grande "potencialidade como instrumento de propaganda e informação", constituindo o jornal "um instrumento de luta ideológica"⁹. Neste sentido, a análise da imprensa negra no período considerado, 1915/63, apresenta este mesmo objetivo; a "imprensa negra independente representava um papel muito importante como fator de aglutinação e pólo que tentava elaborar uma ideologia grupal; por seu intermédio se ficava sabendo aquilo que acontecia na comunidade negra: festas religiosas, competições esportivas, bailes, aniversários, casamentos e outros eventos"¹⁰.

Segundo Bastide, para esse grupo minoritário "o jornal é sinal de ascensão de tais ou tais indivíduos de uma classe cuja reivindicação principal é a mobilidade social". Além disso, "os jornais negros não têm grande tiragem; vivem miseravelmente; poucos duram mais de um ano" (...). Se esses jornais têm uma existência frágil, é porque se dirigem a uma

classe pobre, que não pode sustentá-los financeiramente; os seus desaparecimentos não indicam, pois, oposição entre a opinião do jornal e a opinião da massa"¹¹.

Sendo uma imprensa feita por um grupo racial diferenciado que sofre as imposições da ideologia dominante da sociedade brasileira, esta procura conscientizar o homem a reivindicar seus direitos na mesma. Esse fato ocorre principalmente no sul do Brasil e especialmente em São Paulo devido ao processo de industrialização e urbanização, por ser a área mais desenvolvida do país. Por outro lado, esse grupo minoritário recorre aos ideais do Panafricanismo¹² de origem norte-ame-

(11) — Roger Bastide. *A imprensa negra do Estado de S. Paulo*. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim CXXI. *Sociologia* n.º 2. Estudos Afro-Brasileiros, 2ª série, 1951. p. 50.

(12) — Segundo Philippe Decraene, o panafricanismo foi uma doutrina nascida fora da África mas que vinha buscar na África as fontes de inspiração. Em sua origem o Panafricanismo é uma manifestação de solidariedade fraterna entre negros de ascendência africana das Antilhas Britânicas e dos Estados Unidos da América. O panafricanismo constituiu-se, na segunda metade do século XX, numa ideologia, evoluindo de um objetivo da criação dos Estados Unidos da África para uma perspectiva continentalista de pátrias.

Entre os pensadores do Panafricanismo, destaca-se Marcus Garvey que, segundo depoimento de fundadores e colaboradores de jornais da imprensa negra, foi quem teve maior importância e influência nos jornais objeto do nosso trabalho.

Acreditamos terem sido esses princípios de igualdade entre brancos e negros a emancipação e a tomada de consciência gerando um sentimento de solidariedade e a busca das origens africanas que tocaram fundo no pensamento e ideais dos negros que fizeram os jornais no Brasil. Todos os nossos entrevistados aceitam, em muitos de seus aspectos, a doutrina de Marcus Garvey.

Nota: Sobre Panafricanismo, ver Philippe Decraene. *Le Panafricanisme*. Paris, PUF, 1970. (Que-sais-je? n.º 847).

(8) — Id. *ibid.* p. 145.

(9) — Nilson Lage. *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis. Vozes, 1979. p. 17-18.

(10) — Clovis Moura. *op. cit.* p. 145.

ricana e antilhese – e aos princípios da Negritude¹³, no seu conceito americano e não no africano. Contudo, esta imprensa raramente menciona África, que parece estar ausente quer pela falta de informação, quer pela marca da escravidão ou pela assimilação deste grupo com a sociedade brasileira, bem como a falta de registo dos fatos referentes à realidade brasileira e internacional.

Assim, partimos do pressuposto de que se trata de uma imprensa de integração do negro – como grupo minoritário – na sociedade brasileira, expressa através de suas reivindicações; porém, sob a influência da ideologia dominante nesta.

Para a análise, recorremos em primeiro plano à periodização de Roger Bastide; segundo o autor, o primeiro jornal da capital de São Paulo foi “O Menelick”, que surgiu em 1915. A partir daí, divide a história da imprensa negra em três períodos: 1º período, após 1915; 2º período, de 1930 a 1937 e o 3º período, após 1945. O primeiro período é aquele

“que acompanha ou vem em seguida a Guerra de 14, com a ‘Princesa do Oeste’ (1915), ‘O Bandeirante’ (1918), ‘O Alfinete’ (1918), ‘A Liberdade’ (1918), ‘O Kosmos’ (1922), ‘O Clarim da Alvorada’

(13) – “A Negritude foi, a princípio, tomada de consciência da originalidade do pensamento africano, e a descoberta de uma nova nobreza. Desse ponto de vista, a Negritude, em sua origem, reúne os fenômenos que a antropologia cultural norte-americana designou com o nome de contra-aculturação”.

A passagem da Negritude da África para a América levanta alguns problemas. O conceito americano está muito mais próximo da visão racial do que o conceito africano mais concentrado em torno da idéia de cultura. nota: sobre esses aspectos da Negritude, ver Roger Bastide. *O novo conceito da negritude*. Cadernos brasileiros, 4(4): 105-109, out/dez. 1962.

(1924). ‘A Tribuna Negra’ (1928), ‘Quilombo’ (1929), ‘Xauter’ (1916), etc., jornais esses em que a parte social tem, em geral, uma importância considerável mas nos quais se insinua cada vez mais a política de protesto racial. Sente-se que a guerra, divulgando as idéias de liberdade e igualdade, apresentando-se com o grande combate da democracia, despertou nas massas trabalhadoras de cor aspirações por melhor sorte. Ao mesmo tempo, temos aí indícios dos primeiros efeitos da política de educação no Brasil, o resultado do magnífico esforço da República no desenvolver o ensino gratuito primário. (...) Durante esse mesmo período, Campinas vê nascer vários jornais ‘A União’ (1918), ‘A Protectora’ (1919), e, sobretudo, ‘Getulino’ (1919 a 1924).

O segundo período é o que vai de 1930 a 1937, com ‘O Progresso’ (1931), ‘Promissão’ (1932), ‘Cultura, Social e Esportiva’ (1934), ‘O Clarim’ (1935) e sobretudo ‘A Voz da Raça’ (1936). É o período da formação, do desenvolvimento e do apogeu da ‘Frente Negra’, a passagem da reivindicação jornalística à reivindicação política. (...) Entretanto, a supressão de todos os partidos políticos pelo Estado Novo e o regime de censura à imprensa devia acabar ao mesmo tempo com a existência da Frente Negra e dos jornais de pretos. De 1937 a 1945 é o vazio. É preciso esperar a volta ao regime democrático para ver surgir de novo a imprensa de cor, com ‘Alvorada’ e ‘Senzala’¹⁴.

Propomos estabelecer outra periodização na história da imprensa negra, por ser o material de que dispomos mais amplo, ora pela dificuldade de localização do material impresso, ora porque alguns jornais são posteriores à obra de Bastide, o que nos permite apresentar o quadro que segue:

(14) – Roger Bastide, *op. cit.* p. 53-54.

Informações a partir da obra de Roger Bastide¹

1915 "O Menelick" "Princesa do Oeste"	São Paulo-SP São Paulo-SP***	1915 "O Menelick"	São Paulo-SP
1918 "O Alfinete" "O Ban deirante" "A Liberdade" "A União"	São Paulo-SP São Paulo-SP São Paulo-SP* Campinas-SP***	1916 "A Rua" "O Xauter"	São Paulo-SP*** São Paulo-SP**
1919 "Getulino" "A Protectora"	Campinas-SP (1919/1924)* Campinas-SP***	1918 "O Alfinete" "O Ban deirante"	São Paulo-SP São Paulo-SP
1922 "O Kosmos"	São Paulo-SP	1919 "A Liberdade"	São Paulo-SP*
1924 "O Clarim da Alvorada"	São Paulo-SP	1920 "A Sentinela"	São Paulo-SP***
1928 "Tribuna Negra"	São Paulo-SP*	1922 "O Kosmos"	São Paulo-SP
1929 "Quilombo"	Rio de Janeiro-RJ*	1923 "Getulino"	Campinas-SP (1923/1926)*
1931 "Progresso"	São Paulo-SP*	1924 "O Clarim da Alvorada" "Elite"	São Paulo-SP São Paulo-SP***
1932 "Promissão"***		1928 "Auriverde" "O Patrocínio" "Progresso"	São Paulo-SP*** Piracicaba-SP*** São Paulo-SP*
1934 "Cultura, Social e Esportiva"	São Paulo-SP***	1932 "Chibata"	São Paulo-SP***
1935 "O Clarim" "Escravos"	São Paulo-SP Campinas-SP***	1933 "Evolução" "A Voz da Raça"	São Paulo-SP*** São Paulo-SP*
1936 "A Voz da Raça"	São Paulo-SP*	1935 "O Clarim" "O Estímulo" "A Raça" "Tribuna Negra"	São Paulo-SP São Carlos-SP*** Uberlândia-MG*** São Paulo-SP*
Sem Data "Xauter" "Alvorada" "Senzala"	São Paulo-SP*** São Paulo-SP*** São Paulo-SP**	1936 "A Alvorada"	Pelotas-RS***
		1946 "Senzala"	São Paulo-SP**
		1948 "União"	Curitiba-PR***

(1) - Roger Bastide, op. cit., p. 52-54.
 *Data incorreta. / **Data não mencionada. / ***Título não localizado. /
 ***Este título não é do conhecimento dos nossos entrevistados, como
 também não foi localizado em nossa pesquisa. Segundo informações de Jo-
 sé Correia Leite, deve ter havido um engano em relação ao Clube Negro de
 Cultura Social que tinha como órgão oficial a revista "Cultura".

1950	"Mundo Novo"	São Paulo-SP***
	"Quilombo"	Rio de Janeiro-RJ*
	"Redenção"	Rio de Janeiro-RJ***
1953	"A Voz da Negritude"	Niteroi-RJ***
1954	"O Novo Horizonte"	São Paulo-SP***
1957	"Notícias de Ébano"	Santos-SP***
1958	"O Mutirão"	São Paulo-SP***
1960	"Hifen"	Campinas-SP***
	"Niger"	São Paulo-SP***
1961	"Nosso Jornal"	Piracicaba-SP***
1963	"Correio d'Ébano"	Campinas-SP***

*Data retificada. / **Data acrescentada. / ***Título acrescentado.

Deste modo, propomos o seguinte: 1º período de 1915 a 1923; 2º período de 1924 a 1937; 3º período de 1945 a 1963. De seu aparecimento em 1915 até 1923, os jornais de negros mantêm, de modo geral, as mesmas características, isto é, são um veículo de comunicação que se preocupa, principalmente, com pequenas notas, falecimentos, casamentos, festas religiosas, quermesses, mexericos, etc., apresentando de forma inexpressiva artigos reivindicatórios, apelos à conscientização, etc. Em 1923 surge em Campinas o jornal "Getulino", sob a responsabilidade de Lino Guedes. Este foi o primeiro jornal combativo; neste como nos que o sucederam encontramos também notas de falecimento, casamentos, mas o seu conteúdo torna-se mais reivindicatório.

Em 1924, é fundado em São Paulo o jornal "O Clarim da Alvorada" por José Correia Leite e Jayme de Aguiar. Com ele, o caráter combativo da imprensa negra desenvolve-se e acentua-se. Neste mesmo período temos a fundação da Frente Negra Brasileira (1931) e de seu órgão oficial o jornal "A Voz da Raça" (1933). Como frisou Bastide, temos "aqui a passagem da reivindicação jornalística à reivindicação política". Este 2º período termina em 1937 com a instauração do Estado Novo.

Em 1945, com a redemocratização do país, todos os grupos procuram reorganizar-se e também o grupo negro. A imprensa negra ressurge, principalmente, com o jornal "Alvorada" (1945), órgão oficial da Associação do Negro Brasileiro e a reorganização da Frente Negra Brasileira. O 3º período encerra-se em 1963 porque neste ano a imprensa negra sofre uma paralisação para rearticular-se por volta dos anos 70; porém, com características diferentes dos jornais das décadas anteriores. A imprensa recente não é objeto de nosso trabalho por ressurgir em outro momento histórico.

CAPÍTULO II
HISTÓRICO DA IMPRENSA NEGRA PAU-
LISTA

O café enriquecendo o Sul do país fez com que as cidades ganhassem importância sócio-econômica. Na mesma época começaram a surgir "associações voluntárias de negros destinando-se a promover atividades recreativas para seus associados. Eram associações essencialmente urbanas existindo tanto nas grandes quanto pequenas cidades, principalmente no Estado de São Paulo. Afirmavam dupla finalidade: uma que podemos chamar 'mundana', consistindo em organizar bailes e recepções para seus associados; e outra que seria 'cultural', buscando alargar a instrução e os horizontes mentais dos negros com o fito de auxiliá-los em sua ascensão sócio-econômica. Do ponto de vista das realizações, a atividade lúdica parece ter superado sempre a atividade cultural"¹.

(1) - Maria Isaura Pereira de Queiroz. *Coletividades negras. Ascensão sócio-econômica dos negros no Brasil e em São Paulo. Revista Ciência e Cultura*, 29 jan. 1977. p. 653.

Constatamos nos jornais da imprensa negra a ausência de registro de notícias referentes tanto à sociedade brasileira como à sociedade internacional. Daí, a nosso ver, a importância desses jornais, uma vez que são a forma de expressão de um grupo. Refletem suas aspirações e lutas, além de registrar notícias das atividades culturais e recreativas dos grupos e associações.

Analisando os jornais negros, Roger Bastide estabelece uma caracterização dos mesmos. Diz o autor que "raramente é uma imprensa de informação. (...) É uma imprensa que só trata de questões raciais e sociais, que só se interessa pela divulgação dos fatos relativos à classe da gente de cor. É uma imprensa adicional. Esses jornais procuram, primeiramente agrupar os homens de cor, dar-lhes o senso de solidariedade, encaminhá-los, educá-los a lutar contra o complexo de inferioridade, superestimando os valores negros. É, pois, um órgão de educação. É um órgão de protesto; para lutar contra o preconceito, o negro terá que se insurgir e o jornal servirá para fazer ouvir seu protesto".²

Assim, o jornal como veículo de comunicação e protesto estará na origem mesma do aparecimento da imprensa negra, como relata Pedro Paulo Barbosa:

"Os jornais negros surgiram porque os negros não tinham sua imprensa, que comunicasse o que queriam fazer; suas reivindicações; coisas que os outros jornais não aceitavam".³

(2) - Roger Bastide. A imprensa negra do Estado de S. Paulo. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim CXXI. Sociologia nº 2. Estudos Afro-Brasileiros, 2ª série, 1951. p. 51.

(3) - Depoimento pessoal.

Francisco Lucrécio complementa:

"As sociedades negras da época se reuniam para danças, reuniões, sessões de poesias, etc... Daí, a necessidade do jornal, como meio de comunicação".⁴

José Correia Leite fala do aparecimento dos jornais:

"São Paulo era uma cidade cosmopolita, de minorias raciais e nacionais, com colônias alemã, espanhola, italiana, etc., que tinham seus jornais e sociedades fortes. O negro então fundou seus jornais e sociedades para fazer, também, suas reivindicações".⁵

Com base na bibliografia analisada, no material empírico e nos depoimentos, traçamos um histórico do aparecimento dos jornais da imprensa negra. Apresentamos este histórico com base nos três períodos por nós apontados: 1º, de 1915 a 1923; 2º, de 1924 a 1937 e 3º, de 1945 a 1963.

No primeiro período, temos os seguintes jornais: "O Menelick" (1915); "A Rua" (1916); "O Xauter" (1916); "O Alfinete" (1918); "O Bandeirante" (1919); "A Liberdade" (1919); "A Sentinela" (1920); "O Kosmos" (1922) e "Getulino" (1923).

Estes jornais possuem uma característica comum, publicam versos, notas de aniversários, casamentos, falecimentos, quermesses, festas religiosas, etc..., e principalmente mexericos, através dos quais é exercido o controle sobre o grupo. As matérias de conteúdo reivindicatório são em número reduzido; contudo, neste período começa a formação de uma consciência de grupo que mais tarde irá ganhar força.

(4) - *Id.*

(5) - Depoimento pessoal.

De modo geral, os jornais eram mantidos com os escassos recursos do grupo negro. Os anunciantes eram poucos e os jornais eram vendidos nos bailes. Mas como relata Correia Leite,

“ninguém comprava e nós dávamos os jornais gratuitamente. Pagávamos o papel com nosso dinheiro e sempre tínhamos prejuízo”.⁶

Roger Bastide⁷ aponta que “os jornais negros vivem miseravelmente”, fato este comprovado por depoimentos; além disso, os dados fornecidos pelo próprio material, indicam a importância do fator econômico. Esse material, pela sua variação de tamanho, número de páginas, qualidade de papel, periodicidade irregular, pouca vendagem, falta de contribuições financeiras constantes, demonstra a instabilidade sócio-econômica do grupo e ressalta a importância do fator supramencionado, uma vez que o jornal, como vimos, dependia dos recursos financeiros das pessoas responsáveis pelo mesmo. Numa palavra: quando havia dinheiro, havia jornal; caso contrário não, ou então era feito em tamanho menor e com menos páginas.

O primeiro jornal da cidade de São Paulo foi “O Menelick” (1915), que “teve esse título em homenagem ao grande rei da raça preta, Menelik II, falecido em 1913”.⁸

Segundo depoimento de Correia Leite, “o jornal deve esse título ao fato da Etiópia ter sido o primeiro país independente da África, e Menelik um de seus imperadores, além do fato de que no Brasil, principalmente em São Paulo, os italianos apelidaram os negros de ‘menelick’”.

(6) — *Id.*

(7) — Roger Bastide, *op. cit.* p. 52.

(8) — Roger Bastide, *op. cit.* p. 52.

Para Jayme de Aguiar, “‘O Menelick’ foi um dos primeiros jornais associativos que surgiu em São Paulo, criado pelo poeta negro Deocleciano Nascimento. Teve uma repercussão muito grande dentro de São Paulo. Todo negro fazia questão de ler ‘O Menelick’”.⁹

“O Alfinete” (1918), jornal que tinha por objetivo “cutucar” as pessoas e o fazia de diferentes maneiras, exerceu certo controle social através do mexerico e de críticas ao comportamento moral e social do grupo negro. Segundo Correia Leite, “foi um jornal de críticas e fofocas, como o seu título indica”.¹⁰

Mais ou menos na mesma época surge o jornal “Princeza do Oeste” que não foi encontrado por nós, mas o depoimento de Correia Leite, caracterizando o jornal e seu diretor nos dá uma idéia do mesmo:

“O Tio Urutu, não me lembro o nome dele. Tinha um jornal o ‘Princeza do Oeste’, que era um jornal de críticas, um jornal de lavar roupa suja. Ele tinha um grupo que o ajudava... Então, as moças que se diziam recatadas, ele descobria certos podres e publicava. Vivia sempre fugido, porque todo mundo queria bater nele. Até que ele ficou famoso como o Tio Urutu. Era cozinheiro do Instituto Disciplinar. Gostava de fofocas e de criar casos”.¹¹

“O Kosmos” (1922), órgão oficial da Sociedade Recreativa e Cultural Kosmos, sociedade que “(...) constitui exceção nessa época. Realizou seu programa educativo: teve um grupo dramático e um jornal que publicava notí-

(9) — Clovis Moura. *Organizações negras*. São Paulo: o povo em movimento. Petrópolis. Vozes, CEBRAP, 1980. p. 150.

(10) — Depoimento pessoal.

(11) — Depoimento pessoal.

cias sociais e ensaios literários"¹². Com efeito, não é outro o depoimento de Correia Leite sobre o jornal e seu diretor:

"O Kosmos" foi um jornal sério, que se preocupava muito com atividades culturais. Seu diretor, Francisco Batista de Souza, foi secretário da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, e colaborou no jornal 'O Clarim da Alvorada'."¹³

O jornal "O Xauter" (1916) não foge às características dos jornais deste primeiro período. Publica também notas sociais, mexericos, crônicas, etc... Com dados fornecidos pelo próprio jornal, "Xauter significa, guia dos caminheiros nos áreas da Arábia Deserta. Pois bem, levem o xauter a beira da estrada do deserto que ele cumprirá o seu dever"¹⁴.

Este significado nos torna mais claro o objetivo dos jornais negros; eles querem conduzir, querem guiar os "caminheiros" que não estão integrados à sociedade brasileira; para tanto, apresenta-lhes o xauter que os conduzirá à "estrada do deserto", cumprindo então o seu dever.

É com o "Getulino" (1923-1926), jornal de Campinas, fundado por Lino Guedes e Gervasio Moraes que se iniciam, efetivamente na imprensa negra, as reivindicações. Este jornal foi feito em homenagem a Luiz Gama que tinha como um de seus pseudônimos Getulino. Segundo informações, a imprensa negra combativa surge em Campinas por tratar-se de uma cidade mais racista do que a de São Paulo, onde as pressões contra o negro eram fortes; também foi o caso de Piracicaba. Este movimento, aponta F. Fernandes, "...sugere a forma-

ção de uma consciência..."¹⁵; com efeito, esta imprensa apresenta um dos ideais do negro em sua luta pela ascensão social na sociedade brasileira.

Este ideal de luta formado a partir do "Getulino" irá ganhar força com a fundação, em São Paulo, do jornal "O Clarim da Alvorada", iniciando o segundo período da imprensa negra.

Assim, temos de 1924 a 1937 o 2º período na história da imprensa negra, com os seguintes jornais: "O Clarim da Alvorada" (1924); "Elite" (1924); "Auriverde" (1928); "O Patrocínio" (1928); "Progresso" (1928); "Chibata" (1932); "Evolução" (revista - 1933); "A Voz da Raça" (1933); "Tribuna Negra" (1935); "O Clarim" (1935); "O Estimulo" (1935); "A Raça" (1935); e "A Alvorada" (1936).

Com o jornal "O Clarim da Alvorada" fundado por José Correia Leite e Jayme de Aguiar a 6 de janeiro de 1924, as reivindicações ganham força e expressão. Foi um dos jornais que mais se destacaram em São Paulo, marcando a história da imprensa negra. Fundado para ser um jornal literário, tornou-se arma de luta contra a situação do negro na sociedade brasileira. Este, teve duas fases: de 1924 a 1927 e de 1928 a 1932. No primeiro momento guardou o caráter literário, porém, com aspectos combativos; no segundo, assume o papel reivindicatório e de cunho político. O subtítulo do jornal indica a tendência do mesmo; assim, "O Clarim da Alvorada" é fundado como "órgão literário, noticioso e humorístico" e permanece, com algumas variações ("órgão literário, noticioso e científico"; "Órgão literário, noticioso e político"), até 1928. Neste ano, o registro do subtítulo do jornal é outro: "O Clarim da Alvo-

(12) - Florestan Fernandes. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo, Dominus Ed. 1965. v. 2. p. 31.

(13) - Depoimento pessoal.

(14) - *O Xauter*. 1916 - ano I, n. 2: 16/5, p. 1.

(15) - Florestan Fernandes. *op. cit.* v. 2. p. 11.

da' - "Pelo interesse dos homens pretos. NOTICIOSO, LITÉRARIO E DE COMBATE".

Correia Leite relata como surgiu a idéia, como foi fundado o jornal "O Clarim da Alvorada" e seu título modificado:

"Vivi no meio da colônia italiana lá no Bixiga até mais ou menos 20 anos. Nos meus 20 anos, comecei a frequentar as sociedades de bairros negros. Foi quando encontrei Jayme de Aguiar. Ele era um intelectual já formado, e eu não tinha nem curso primário. Foi ele quem me orientou, me deu umas aulas de gramática, até que ele surgiu com a idéia de fundar um jornal. Um dia, ele apareceu e disse: já tenho o título do jornal. Vai se chamar 'O Clarim'. Como eu não era o mentor intelectual da coisa, me incumbi da parte mais pesada, que era a tipografia e outras coisas, e saiu o primeiro número em formato muito pequeno. Aí, um dia, apareceu na redação d' 'O Clarim' um cidadão alegando ser proprietário do título. Ele tinha um jornal com o nome 'O Clarim', mas era um jornal de picaretagem e de cavação, e nós não queríamos nos envolver com ele, apesar dele ser mestiço. E começamos a pensar como fazer. Nós pensamos em 'O Clarim da Vitória' ou 'O Clarim da Alvorada'. Mas aí, eu disse: vitória do quê? nós nem principiamos... E assim, 'O Clarim da Alvorada' surgiu como uma bandeira de luta e veio até 1932"¹⁶.

O jornal não dispunha de capital próprio e o grupo custeava suas tiragens que variavam de 1.000 a 2.000 exemplares por mês. Os anúncios publicados eram pagos, con-

(16) - Depoimento pessoal.

tribuindo para a manutenção do jornal. Ligação com grupos políticos ou econômicos não havia; daí, as dificuldades que o grupo enfrentou para mantê-lo.

Os jornais eram, em geral, distribuídos gratuitamente nos bailes e associações.

Conforme depoimento de Jayme de Aguiar, no início era grande a falta de colaboradores e o grupo viu-se sozinho para fazer o jornal. A fim de dar importância ao mesmo, assinavam as matérias com pseudônimos; assim, Jayme de Aguiar assinava com os seguintes: Maria Rosa, Moysés Cintra, Jim de Araguary, Praxedes, Ana Maria e Jim do Vale; Correia Leite, com o pseudônimo de Tuca, e Menotti Del Picchia com o de Helios. Mais tarde, agruparam-se ao jornal pessoas de renome na época, como: Evaristo de Moraes (criminalista), Aureliano Leite (deputado), Cândido Mota Filho (ministro), Ciro Costa (poeta), Mário Vasconcelos (homem de letras), que davam colaboração principalmente nas edições comemorativas do 13 de Maio.

Correia Leite faz referência especial a um colaborador:

"Quando 'O Clarim da Alvorada' partiu para as reivindicações, nós começamos a pedir auxílio, opiniões, etc. E Evaristo de Moraes foi um dos poucos mulatos que não fugiu a sua cor. Mantinha correspondência conosco e ficou colaborando no jornal"¹⁷.

Quanto ao caráter reivindicatório de seu jornal, Correia Leite diz:

(17) - Depoimento pessoal.

"A importância d' 'O Clarim da Alvorada' dentro da imprensa negra é que ele não foi um jornal apenas para o meio negro divulgar pequenas notícias. Ele procurou transpor as fronteiras e sair do meio. Mas o branco brasileiro nunca procurou tomar conhecimento. 'O Clarim da Alvorada' foi um jornal de negros para negros. Só branco muito curioso, ou estudioso é que mandava os empregados ir procurar o jornal".¹⁸

Em 1929 "O Clarim da Alvorada" lança a idéia do I Congresso à Mocidade Negra Brasileira:

"(...) E a época é dos congressos custe o que custar, realizar o nosso I Congresso À Mocidade Negra, deve-se congregar nesta afirmação patriótica, levando ao Brasil, uma nova demonstração; levantando o labaro da nossa reabilitação no conceito nacional.

O nosso labor em torno da realização do primeiro congresso da mocidade negra, despertou no seio da raça que, hoje, comemora e festeja, calorosamente, a extinção do trabalho servil, pelo menos, o entusiasmo de uma nova rota para se seguir, através da evolução hodierna no seio da pátria livre".¹⁹

Este congresso foi bastante divulgado pelo jornal, mas não chegou a realizar-se.

Quanto à conscientização e a influência dos jornais no meio negro, Correia Leite é categórico:

(18) - *Id.*

(19) - José Correia Leite. "O Clarim da Alvorada".

"A tomada de consciência, por parte dos negros na época dos jornais, aconteceu apenas por parte de uma minoria, porque o negro nunca viu que estava vivendo uma vida incompatível. 'O Clarim da Alvorada' lutou muito para fazer o negro aceitar sua condição, porque o negro não queria ser negro, mas sim preto, homem de cor, coisas assim...".²⁰

Contudo, "foi Vicente Ferreira quem introduziu o termo 'negro' para substituir o então vazio e usado 'homem de cor'. Homem de cor que também é o amarelo e o índio; acabou com essa baboseira de homem de cor, que não quer dizer nada".²¹

Em 1932 encerrou-se a publicação d' "O Clarim da Alvorada" em virtude das divergências deste grupo com a Frente Negra Brasileira. Foi então editado um pequeno jornal de título "Chibata", feito para satirizar e criticar a Frente Negra.

Do Jornal "Chibata" saíram dois números somente e Correia Leite relata:

"Editamos dois números do 'Chibata'. Quando ia sair o terceiro, um grupo da Frente Negra foi lá, empastelaram minha casa, quebraram tudo. Diziam que estavam empastelando o jornal. Aí, nós paramos, não editamos nem o 'Chibata' nem 'O Clarim da Alvorada'".²²

(20) - Depoimento pessoal.

(21) - Florestan Fernandes. *A integração do negro na Sociedade de classes*. São Paulo, Dominus Ed. 1965. v. 2.

(22) - Depoimento pessoal.

Outro jornal deste período foi o "Elite" (1924), órgão oficial do Grêmio Elite da Liberdade, que segundo depoimento de Pedro P. Barbosa,

"tratava-se de um grupo fechado, andavam sempre bem trajados, promoviam bailes, pique-niques e viagens. Seu diretor, Alfredo E. da Silva, era funcionário público da Secretaria da Fazenda do Estado. Para filiar-se ao grupo era necessário provar que era casado, chefe de família, com situação econômica estável".²³

Em 1928 foi fundado em São Paulo o jornal "Progresso", quando os negros, em cooperação, decidiram comemorar o centenário da morte de Luiz Gama, inaugurando uma herma no Largo do Arouche. O jornal, dirigido por Lino Guedes e Argentino Celso Wanderley tem, em sua origem, divergências, como narra Correia Leite:

"Para comemorar o centenário de Luiz Gama foi organizado uma comissão. Lino Guedes foi à redação do nosso jornal e propôs que 'O Clarim da Alvorada' ficasse com a idéia de um congresso e sugeriu que se fizesse um jornal, no caso o 'Progresso', do qual Lino Guedes seria o editor, e que ficaria encarregado de fazer a cobertura da herma de Luiz Gama no Largo do Arouche. Aí, nós tivemos que brigar com ele, porque não podia ser proprietário de Luiz Gama. 'O Clarim da Alvorada' não estava preparado para fazer uma herma, mas estava preparado para divulgar a notícia do centenário de sua morte. Assim, o 'Progresso' era para ser o divulgador, mas o 'O Clarim da Alvorada'

(23) - Depoimento pessoal.

também entrou e no dia dos festejos do centenário de Luiz Gama publicou um número especial".²⁴

Neste segundo período da história da imprensa negra dois fatos foram decisivos para a mudança de orientação dos jornais negros: o caso dos "negrinhos de Scottsboro" e o episódio de Sacco e Vanzetti.

O primeiro, registrado na imprensa negra, na opinião de Correia Leite foi mais contundente, por ter sido "o caso de uns negrinhos que foram condenados à cadeia elétrica, sendo inocentes. Foram acusados de violentar umas mulheres que, mais tarde ficou provado, eram prostitutas. Foram condenados e executados sem apelação". O caso foi amplamente divulgado nos jornais, por serem negros e "por se tratar de um caso racista dos mais criminosos". Na imprensa negra o fato foi registrado como forma de protesto contra a discriminação racial e o caráter apressado do julgamento, "pois os negrinhos eram inocentes".²⁵

O episódio de Sacco e Vanzetti, apesar de não termos encontrado registro no material empírico levantado, mas ter repercussão no mundo todo, segundo informações e depoimentos daqueles que fizeram os jornais da imprensa negra exerceu influência na orientação dos mesmos, principalmente, no grupo de "O Clarim da Alvorada". Na opinião de Raul J. Amaral "o grande fato que motivou a transformação da imprensa negra foi o episódio de Sacco e Vanzetti que abalou o mundo em 1922, e influenciou muito os grupos dos jornais, principalmente, o grupo Leite. Foi o embrião das reivindicações de cunho ideológico. A partir daí, temos uma evolução do pensamento até mais ou menos 1930".²⁶

(24) - *Id.*

(25) Depoimento pessoal.

(26) - *Id.*

No início da década de 30, começa a articular-se a formação da Frente Negra Brasileira. Ao organizar-se a Frente Única Paulista (união do PRP com o Partido Democrático), os negros foram excluídos de toda e qualquer participação. Surge, então, a idéia de organizar-se a Frente Negra Brasileira.

A 16 de setembro de 1931 foi fundada a Frente Negra Brasileira por Arlindo Veiga dos Santos, Isaltino Veiga dos Santos, Alfredo Eugênio da Silva, Pires de Araujo e Roque Antonio dos Santos. Temos, com a Frente Negra, o ponto alto dos movimentos, reivindicações e presença do negro na sociedade brasileira, entrando em declínio em 1937, não mais recuperando sua força anterior.

A história da Frente Negra é rica como o é também a de seu jornal "A Voz da Raça", fundado em 1933 e que deixou de circular em 1937. Pedro Paulo Barbosa, a respeito, informa o seguinte:

"A Frente Negra Brasileira começou nos baixos do relógio da Praça da Sé, com reuniões ao ar livre; de lá fomos para o Palacete Santa Helena e depois para a Rua da Liberdade nº 196 (onde é hoje a Casa de Portugal). E lá nós progredimos. Tivemos escola, gabinete dentário, banda de música, teatro, cursos educativos e muitos outros departamentos".²⁷

"A Voz da Raça"²⁸ publicou o seguinte:

(27) - Depoimento pessoal.

(28) 1937 ano III, n. 62: -/2.

O QUE PRETENDEM OS NEGROS FRENTE-NEGROS BRASILEIROS COM O NOME DE "FRENTE NEGRA BRASILEIRA".

"Do advento revolucionário de 1930, nasceram várias instituições tomando a denominação de Frentes: dentre os quais a Frente Negra Brasileira.

(...).

Depois da liberdade dos escravos era necessário o negro liberto edificar alguma coisa.

A F.N.B. surgiu no Estado de São Paulo, graças à perspicácia da alma Paulista, que, desde 1926, já tinha fundado o CENTRO CÍVICO PALMARES, com o mesmo objetivo da alludida organização.

(...).

A conservação do nome acima, justifica o feito da organização. Porque, longe de qualquer exploração, tem-na afirmação o seu ideal de: União Político Social da Raça. (...). esperou-se a colaboração da maioria do negro intelectual brasileiro: se assim fôsse, já estaria, talvez, de todo consolidada.

(...).

O 13 de maio surgiu em prejuízo da própria descendência negra que sentia falta de uma mentalidade capaz de competir com os seus contemporâneos em todos os raios da atividade humana.

A Frente Negra, pois, veio despertar, estimular, empregando todo o esforço para salvar a geração que surge.

Marcos Rodrigues dos Santos"

A Frente Negra conheceu, desde seu início, uma organização que possibilitou seu crescimento e penetração não só em São Paulo como em todo Brasil. Era dirigida por um Grande Conselho, composto de 20 membros e um Conselho

Auxiliar formado pelos Cabos Distritais da capital. Com sede em São Paulo, tinha delegados da capital, interior e outros Estados. Segundo informações, entre outros foram delegados da Frente Negra: Joaquim Valentim - da região de Barra Funda, Antonio Francisco Valentim - do Rio de Janeiro, Arlindo Soares - de Jundiá, Pio Damião e João Candido dos Santos - de Minas Gerais, João dos Santos - de Porto Alegre, professor Benedito Andrada - de São José do Rio Pardo, além de delegações de Ipaçu, Tietê e outras cidades.

Em outubro de 1931 são aprovados os Estatutos da Frente Negra Brasileira regulamentando as atividades da organização.

FRENTE NEGRA BRASILEIRA

ESTATUTOS

"Art. 1º - Fica fundada nesta cidade de São Paulo, para se irradiar por todo o Brasil, a "FRENTE NEGRA BRASILEIRA", união política e social da Gente Negra Nacional, para afirmação dos direitos históricos da mesma, em virtude da sua atividade material e moral no passado e para reivindicação de seus direitos sociais e políticos, atuais, na Comunhão Brasileira.

Art. 2º - Podem pertencer à "FRENTE NEGRA BRASILEIRA" todos os membros da Gente Negra Brasileira ambos os sexos, uma vez capazes, segundo a lei básica nacional.

Art. 3º - A "FRENTE NEGRA BRASILEIRA", como força social, visa a elevação moral, intelectual, artística, técnica, profissional e física; assistência, proteção e defesa social, jurídica, econômica e do trabalho da Gente Negra.

§ Único - Para execução do art. 3º, creará cooperativas econômicas, escolas técnicas e de ciências e artes, e campos de esportes dentro de uma finalidade rigorosamente brasileira.

Art. 4º - Como força política organizada, a "FRANTE NEGRA BRASILEIRA", para mais perfeitamente alcançar os seus fins sociais, pleiteará, dentro da ordem legal instituída no Brasil, os cargos electivos de representação da Gente Negra Brasileira, efetivando a sua ação politico-social em sentido rigorosamente brasileiro.

Art. 5º - Todos os meios legais de organização necessários á consecução dos fins da "FRENTE NEGRA BRASILEIRA" serão distribuídos em tantos departamentos de ação quantos forem precisos, constando de regulamento especial.

Art. 6º - A "FRENTE NEGRA BRASILEIRA" é dirigida por um "GRANDE CONSELHO", soberano e responsável, constando de 20 membros, estabelecendo-se dentro dele o Chefe e o Secretário, sendo outros cargos necessários preenchidos a critério do Presidente. Este Conselho é ajudado em sua gestão pelo Conselho Auxiliar, formados pelos cabos distritais da Capital.

Art. 7º - O Presidente da "FRENTE NEGRA BRASILEIRA" é a maxima autoridade e o supremo representante da "FRENTE NEGRA BRASILEIRA", e a sua ação se limita pelos princípios que a orientam.

Art. 8º - A "FRENTE NEGRA BRASILEIRA" representa-se ativa e passivamente, judicial e extra-judicialmente pelo "GRANDE CONSELHO", na pessoa do Presidente e, na falta deste, por um dos outros diretores. Os membros não respondem, subsidiariamente, pelas obrigações sociais,

Art. 9º - Têm força de lei os regulamentos, ordens, avisos e comunicações emanadas pelo "GRANDE CON-

SELHO" e os casos omissos nestes Estatutos serão regidos pelas leis e praxes em vigor no País

Art. 1º A "FRENTE NEGRA BRASILEIRA" somente se extinguirá pela vontade unanime do "GRANDE CONSELHO" e da maioria do Conselho Auxiliar e de todos socios reunidos na Assembleia Geral Especial, convocada pelo Presidente Geral, em harmonia com o "Grande Conselho". Se, por acaso, for extinta, seus bens passarão para uma Sociedade Beneficente de Gente Negra, que se mostrar digna da doação.

Estes Estatutos são irreformaveis nos artigos 1º. 2º. 6º e 7º a não ser por vontade unanime dos Conselheiros

(Publicado no Diario Oficial e registrados em 4 de novembro de 1931)

FRENTE NEGRA BRASILEIRA

A "FRENTE NEGRA BRASILEIRA" foi fundada nesta cidade de São Paulo em reunião efetuada no Salão das Classes Laboriosas, á rua do Carmo nº 25, perante regular assistencia no dia 16-9-31.

No dia 12 de Outubro, no mesmo local, perante mil e tantos negros, foi lido e aprovado por unanimidade o presente estatuto.

A mesa que redigiu os trabalhos estava assim constituída:

PRESIDENTE Dr. Arlindo Veiga dos Santos.
SECRETARIO Isaltino Benedicto Veiga

ORADOR OFFICIAL Alberto Orlando.
MEMBROS DO CONSELHO Francisco Costa Santos, David Soares, Horacio Arruda, Vitor de Sousa, João

Francisco de Araujo, Alfredo Eugenio da Silva, Isaltino B. Veiga dos Santos, Alberto Orlando, Dr. Arlindo Veiga dos Santos, Oscar de Barros Leite.*

A Frente Negra Brasileira tinha objetivos e metas a serem atingidos; seu objetivo primordial era a ascensão social do negro e para tanto as metas seriam: estímulo para estudar, trabalhar, ter casa própria e progredir. Com este intuito, sempre presente, eram feitas as domingueiras reuniões doutrinárias, tendo por finalidade educar e conscientizar os negros. Nesta ocasião, eram ministradas aulas de higiene e puericultura, aulas de religião e catecismo, conferências sobre filatelia; as poesias de Luiz Gama eram comentadas, bem como as datas nacionais. Também, foram feitas campanhas para que os negros depositassem seus salários na Caixa Econômica a fim de possibilitar a aquisição da casa própria.

Assim, os negros começaram na prática a sua ascensão social, conforme depoimento de Pedro Paulo Barbosa:

"E muitos negros começaram a comprar terrenos na periferia: São Judas, São Mateus, Barra Funda, Freguesia do Ó, Bairro do Limão, Cantareira. E todos eram pobres, viviam de salário. Assim, nosso movimento agiu de baixo para cima. Nosso movimento formou padres, vários professores, políticos, dentistas, todos negros".²⁹

(*) Transcrito do documento original, cedido pelo Dr. Raul J. Amaral.
(29) Depoimento pessoal.

Todos os membros da Frente Negra possuíam carteira de identificação, conforme foto nas páginas seguintes. Este documento, segundo relato, foi um documento que se legitimou e credenciava o seu portador, pois todos sabiam que "os membros da Frente Negra eram pessoas sérias e pessoas de bem".³⁰

A Frente Negra estava constituída de departamentos que procuravam suprir as necessidades do grupo negro. Os serviços e cursos eram gratuitos; a organização mantinha barbearia, gabinete dentário, escola primária com professoras nomeadas pelo Estado, aulas de música, consultório médico dirigido pelo Dr. Ferreira Dias, aulas de costura, conjunto regional, comissão de festas, curso de alfabetização de adultos, teatro da Frente Negra, teatro infantil, banda, além do hino e da bandeira. Esta última, com quatro cores, simbolizava o português (cor branca), o índio (cor vermelha), o africano (cor preta) e o verde, em forma de palmeira, representando a Guerra de Palmares.³¹

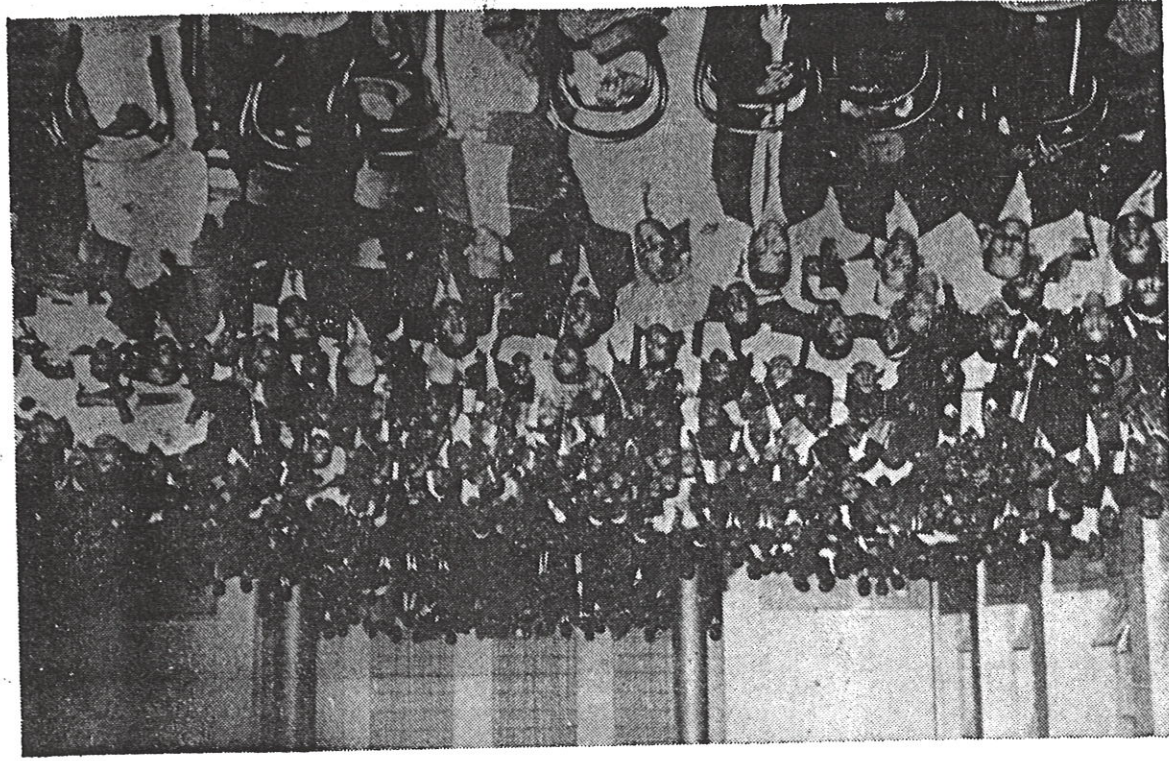
Em março de 1933, é fundado o jornal "A Voz da Raça", órgão oficial da Frente Negra que tinha por objetivo divulgar os seus ideais. Era um jornal combativo e chegou a ser divulgado no exterior, inclusive Angola e Estados Unidos. Suas tiragens eram de 1.000 a 5.000 exemplares e feitas nas oficinas Mariano através de contrato. O jornal era mantido com auxílios da Frente Negra e dos anunciantes. Dispunha de um corpo fixo de colaboradores e aceitava a colaboração de voluntários — brancos ou negros — desde que defendessem

(30) — *Id.*

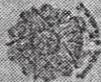
(31) "A Voz da Raça". 1936 ano II, n. 56

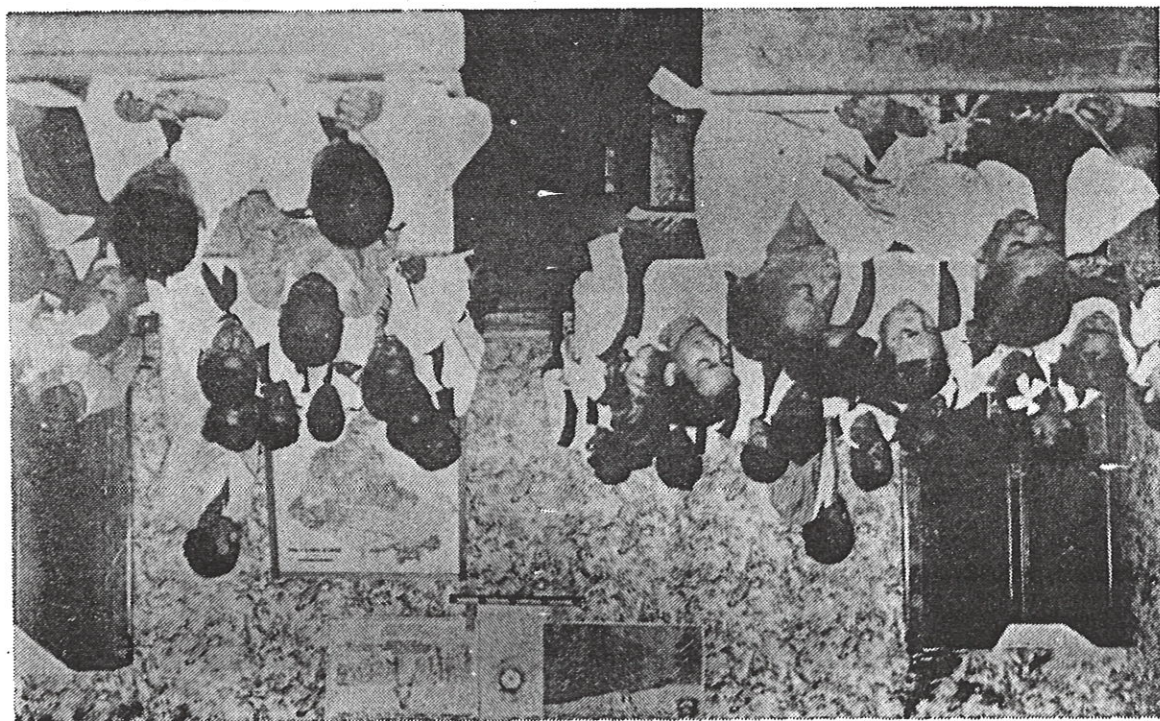
Domingueira no Salão Lira, Rua São Joaquim, n. 329. O salão era de propriedade da colônia alemã, alugado pela F.N.B. quando a frequência era maior.

(Documento cedido por Francisco Luércio.)



RESERVADO PARA USO PARTICULAR	DELEGACAO DA CIDADE	DE	SECRETARIO GERAL	Mao Direita	Mao Esquerda	Mao Direita	Mao Esquerda	Mao Direita	Mao Esquerda	Mao Direita	Mao Esquerda	Mao Direita	Mao Esquerda	Mao Direita	Mao Esquerda	Mao Direita	Mao Esquerda	Mao Direita	Mao Esquerda	Mao Direita	Mao Esquerda	Mao Direita	Mao Esquerda
VISTO DA AUTORIDADE	DELEGACAO DA CIDADE	DE	SECRETARIO GERAL	Mao Direita	Mao Esquerda	Mao Direita	Mao Esquerda	Mao Direita	Mao Esquerda	Mao Direita	Mao Esquerda	Mao Direita	Mao Esquerda	Mao Direita	Mao Esquerda	Mao Direita	Mao Esquerda	Mao Direita	Mao Esquerda	Mao Direita	Mao Esquerda	Mao Direita	Mao Esquerda

 FRENTE NEGRA BRASILEIRA UNIAO POLITICA SOCIAL DA RAÇA FUNDADA EM 16 - SETEMBRO - 1930		Serviço de Identificação S. Paulo - (Brasil) Categoria Social (Classificação) Nome <i>Francisco de Paula</i> Idade <i>29</i> anos, <i>igualmente</i> a <i>16</i> de <i>Desembarso</i> <i>1909</i> Estatu Civil <i>Casado</i> <i>Mar. Manoel Gasparino</i> <i>de</i> <i>Prof. Margarida</i> <i>Exercício</i> <i>Atuado de S. do Carmo</i> Profissão <i>Supremo Demolida</i> Residência <i>Bairro</i> Inscrito na F.M.B. em <i>5 de Janeiro de 1932</i> OUSEV. AC. 0251	
NOTAS CHRONICAS, etc. Culpa <i>Grata</i> Cabelos <i>Para pichos</i> Barba <i>Falta</i> Bigodes <i>Para pichos</i> Olhos <i>Para pichos</i>		Não é valido o retrato que não tiver o selo em relevo  Retrato tirado em <i>30 de Junho de 1932</i> <i>Francisco de Paula</i> O PRESIDENTE GER. DA F.M.B.	
MARCAS — CICATRIZES, etc. <i>0.</i>		ASSIGNATURA DO ESCRITISTA <i>Francisco de Paula</i>	



Profa. Jersey Barbosa (à esquerda), Profa. Fracisca de Andrade (à direita), Av. Liberdade, n. 196. Cursos diários, no mesmo sistema do ensino Oficial (Documento cedido por Francisco Lucrécio.)



5º aniversário de fundação da F.N.B., 20/9/1936. Salão Lira, Rua São Joaquim, n. 329. Uma Bandeira da F.N.B. sobre o canto direito da mesa. Da esquerda para a direita: Benedito Andrade; Pío Damiano; Pedro Paulo Barbosa (ao fundo); João de Souza; Antonio Francisco Napoleão (ao fundo); Francisco Lucrécio; Justiniano Costa (pres. dos Santos; João Cândido dos Santos; Maria Piedade; Arlindo Alves (ao fundo); Benedita Costa; Arlindo J. Veiga - em pé); Euzébio dos Santos; Maria Piedade; Arlindo Alves (ao fundo); Benedita Costa; Arlindo J. Veiga

idéias que interessassem ao movimento. "Sua posição ideológica era a defesa do elemento negro no seu sentido mais amplo"³²

Segundo depoimento de Pedro Paulo Barbosa, devido a grande projeção alcançada pela Frente Negra, em 1936 seus dirigentes resolveram transformá-la em partido político. Foram bem sucedidos no Tribunal Superior Eleitoral, graças a interferência do primeiro Procurador Geral da Justiça, Armando Prado, que assim se pronunciou:

"que ele conhecia muito bem aquela gente de São Paulo. que eram patriotas e eram ordeiros. E deu parecer favorável para que fosse dado por sentença a organização do Partido Frente Negra Brasileira"³³

Um dos delegados da Frente Negra, Antonio Francisco Napoleão, foi ao Rio de Janeiro assistir o julgamento e enviou para São Paulo a seguinte mensagem, sendo o fato comentado em todo país: "Temos mais um partido político de âmbito nacional. Partido Frente Negra Brasileira".

Tendo sempre presente seus objetivos, a Frente Negra lutou pela ascensão social do negro na sociedade brasileira; entre outras reivindicações, conseguiu quebrar o "tabu da patinação" (era vedado aos negros a entrada nos rinques de patinação), foram recebidos pelo então Presidente da República Getúlio Vargas que queria saber o que era a Frente Negra Brasileira e introduziram número expressivo de negros na Guarda Civil do Estado; esse alistamento tinha por objetivo permitir

(32) Raul Joviano Amaral. Depoimento pessoal.

(33) Depoimento pessoal.

aos negros estudarem e fazerem carreira, como relata Pedro Paulo Barbosa:

"Por preconceito, negro não podia entrar na Guarda Civil. Era interventor em São Paulo o tenente João Alberto Lins de Barros, e chefe de polícia Osvaldo Cordeiro de Farias. Uma comissão da Frente Negra entrou em contato com Cordeiro de Farias para protestar contra o racismo. Assim, Cordeiro de Farias autorizou que se fizesse uma lista de 50 nomes, depois outra de 100, 150, e, assim, aos poucos introduzimos perto de 500 negros na Guarda Civil. Marcelo Orlando, por exemplo, foi para a Guarda Civil, estudou e chegou a falar muito bem o inglês, e foi o primeiro negro intérprete da Guarda Civil, chegando, depois, a ser chefe dos intérpretes"³⁴.

Como já apontamos, é com a Frente Negra e conseqüentemente através de seu jornal "A Voz da Raça", conforme depoimento de Francisco Lucrécio, que se fazem presentes nos movimentos e na imprensa negra as grandes reivindicações políticas. O Partido Frente Negra Brasileira chegou a participar de uma eleição, tendo como candidatos Arlindo Veiga dos Santos e Francisco Lucrécio. Segundo o depoimento, o resultado foi o fracasso; de um lado, devido ao alto índice de analfabetismo entre os negros que os impedia de votar; de outro, porque o povo não estava preparado para votar em candidatos negros.

Em 1937, com a instauração do Estado Novo, a Frente Negra brasileira bem como todos os outros partidos políticos foram extintos. Com isso, para que os princí-

(34) Depoimento pessoal.

pios sociais, econômicos, educacionais da Frente Negra puderam continuar, foi criada a União Negra Brasileira, com direção constituída por Raul J. Amaral, Rubens Ribeiro Costa, Mario Silva Júnior, Anibal de Oliveira, Marcos Rangel. "Mas, diante da repressão, o movimento se desarticulou e o seu jornal 'A Voz da Raça' deixou de circular. A União morreu, melancolicamente, em 1938, exatamente quando se comemoravam os 50 anos da Abolição".³⁵

As palavras de Pedro Paulo Barbosa expressam de modo forte e participante o que foi a luta da Frente Negra Brasileira e o ideal que impulsionou os negros nesses seis anos que vão de 1931 a 1937:

"Eu digo sem medo de errar: no Brasil o negro participou de três grandes movimentos de âmbito nacional e internacional. Primeiro a Guerra dos Palmares; segundo a Campanha da Abolição e terceiro a Frente Negra Brasileira. Tivemos muitos jornais, mas nenhum alcançou a projeção, nem a importância do jornal 'A Voz da Raça'.³⁶

Para fazer oposição a Frente Negra Brasileira, o grupo de "O Clarim da Alvorada" continuou suas atividades através do Clube Negro de Cultura Social, fundado a 1º de julho de 1932, que publicou a revista "Cultura" (1934) e o jornal "O Clarim" — "publicação mensal da mocidade negra, editado pelo departamento intelectual do C.N.C.S. (Clube Negro de Cultura Social)" (1935). Segundo depoimento de Correia

(35) — Clovis Moura. *Organizações negras*. São Paulo: o povo em movimento. Petrópolis. Vozes, CEBRAP. 1980. p. 157.

(36) — Depoimento pessoal.

Leite foram editados apenas quatro ou cinco números tanto do jornal como da revista.

Como aponta Florestan Fernandes,³⁷ a atuação deste grupo foi bastante coerente, na medida em que procurou manter as reivindicações pela ascensão econômica, social e cultural do negro. Mas, o grupo dividiu-se e aos poucos dispersou-se, pois alguns membros do Clube Negro de Cultura Social eram filhos ou sobrinhos de dirigentes da Frente Negra e, quando esta iniciou sua campanha política, estes foram convidados para trabalhar na Frente.

A implantação do Estado Novo atingiu todos os partidos políticos; a Frente Negra desfez-se e as organizações deixaram de atuar. Então, de 1937 a 1945, não temos notícia da circulação de jornais da imprensa negra. Como salienta Clovis Moura, "há um interregno no qual esses grupos específicos recuam para somar forças. Os seus líderes também desapercebem ou se retiram para posições defensivas".³⁸

É em 1945, com a deposição de Getúlio Vargas e quando se inicia o processo de redemocratização do país que ressurgem os jornais da imprensa negra e se rearticulam as suas reivindicações. Deste modo, temos de 1945 a 1963 o terceiro período na história da imprensa negra, com os seguintes jornais: "Alvorada" (1945), "Senzala" (1946), "União" (1948), "Mundo Novo" (1950), "Quilombo" (1950), "Redenção" (1950), "A Voz da Negritude" (1953), "O Novo Horizonte" (1954), "Notícias de Ébano" (1957), "O Mutirão" (1958), "Hifen" (1960), "Niger" (1960), "Nosso Jornal" (1961) e "Correio d'Ébano" (1963).

Em 1945, o jornal "Alvorada", órgão oficial da Associação do Negro Brasileiro, publica uma declaração aos

(37) — *op. cit.* 1956. v. 2. p. 71.

(38) — Clovis Moura. *op. cit.* p. 157.

negros do Brasil, na qual é expresso o desejo da volta do jornal "O Clarim da Alvorada".³⁹

Correia Leite, receoso do movimento fracassar e para não prejudicar o nome deixado por seu jornal de 1924, fez com que o grupo fundasse o jornal "Alvorada" (1945-1948), órgão oficial da Associação dos Negros Brasileiros e dirigido por Fernando Goes, Correia Leite e Raul Joviano Amaral. Este jornal, segundo depoimento, foi o único da imprensa negra registrado no Fórum; isto é, por exigência de uma lei de Getúlio Vargas.

Encarado o problema simultaneamente do ponto de vista econômico, social, cultural e racial, a A.N.B. procurou fazer uma revisão das falhas anteriormente cometidas e a partir daí estabeleceu planos de ação. Composta de vários departamentos, tinha por objetivo uma abertura em leque que propiciaria uma ação conjunta do grupo negro. Para tanto, cada plano de ação necessitava de um quadro inicial de 1.000 sócios; as assinaturas eram feitas e quando os dirigentes iam buscar as adesões conseguiam apenas 50 ou 60. Daí, o fracasso da A.N.B. e o fim do jornal "Alvorada".

Um acontecimento que teve grande repercussão tanto no meio negro como na imprensa geral foi a Convenção Nacional do Negro Brasileiro, realizada nos dias 10, 11 e 12 de novembro de 1945, com a participação de representantes do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo. Foram discutidos problemas de interesse do negro, e no seu encerramento lançado um manifesto à nação.

Neste período, outros jornais voltaram-se para as reivindicações e desenvolveram o esforço de unir os

negros em favor de uma causa comum; assim, a revista "Senzala" — Revista mensal para o negro (1946), dirigida por Geraldo Campos de Oliveira, teve existência curta (três números), mas exerceu grande influência no meio negro.

A revista "Quilombo" — Vida, problemas e aspirações do negro (1950), teve repercussão na cidade do Rio de Janeiro. Dirigida por Abdias Nascimento, contava com a colaboração de Guerreiro Ramos, Edison Carneiro, Ironides Rodrigues e Hamilton Nogueira.

O jornal "O Novo Horizonte" que circulou de 1946 a 1954, dirigido por Arnaldo de Camargo e Aristides Barbosa,⁴⁰ segundo informações, preocupava-se mais com atividades culturais; este objetivo vemos expresso em seu lema: "Para seres bom negro, sê culto — o futuro da nossa raça o exige".

Referência especial deve ser feita ao jornal "Mutirão" — órgão da Associação Cultural do Negro (1958). A Associação Cultural do Negro, segundo Clovis Moura, possuía departamentos de Cultura, Esporte, Estudantil, Feminino e uma Comissão de Recreação. Seu presidente, Geraldo Campos de Oliveira imprimiu à entidade um ritmo de atividades intenso e dinâmico. Houve grande preocupação quanto à valorização da cultura negra. "A História da Associação Cultural do Negro tem duas fases distintas e que demarcam outras tantas filosofias sobre a solução do problema negro. A primeira caracteriza-se pela intensa atividade cultural e artística. A preocupação maior é criar uma ideologia para o negro paulista. Isto levou a que houvesse uma série de divergências no meio do grupo. Na elaboração desse pensamento, surgiram as contradições ideológicas

(40) Florestan Fernandes. *op. cit.* 1965. v. 2.

(39) — "Alvorada". set. 1945.

ENCERRADA A CONVENÇÃO POLÍTICA DO NEGRO, COM UM MANIFESTO À NAÇÃO

O programa de reivindicações — Homologado o Diretório Nacional da Convenção e distribuídos os cargos do Diretório Estadual

Encerrou-se, anteontem a Convenção Política do Negro Brasileiro com a realização de mais uma sessão na sede da A.P.I., que compareceram os delegados Estados Bahia e de Minas, recentemente chegados João Paulo.

Homologado o Diretório Nacional

Feita a leitura, discussão e aprovação de Estatutos que são a carta básica da Convenção Política do Negro Brasileiro, reuniu-se a homologação, pela assembléia, o Diretório Nacional da Convenção, que é o seguinte:

Presidente, Dr. Abdias do Nascimento; vice-Presidente, Dr. José Pomílio da Silva; Secretário-geral, acadêmico Ironildes Rodrigues; Secretário de relações políticas, Dr. Aguiinaldo de Oliveira Camargo.

Distribuição de Cargos no Diretório Estadual

Os membros do Diretório Estadual da Convenção Política do Negro já empossaram; receberam os seguintes cargos, homologados pela assembléia:

Presidente, Nestor Borges; vice-Presidente, Dr. Francisco Lucrécio; Secretário-geral, Prof. Geraldo Campos; 1º Secretário, Dr. Salathiel de Campos; 2º Secretário, Edito Bueno; Finanças, Geralcino Sousa; Lações culturais, Luiz Lobato; Assuntos

estudantinos, Sebastião Ramos; Assuntos políticos, Emilio Silva; Expediente, Mario Vaz Costa; Assuntos artísticos, Pedro Paulo Barbosa; Propaganda, David Soares.

Manifesto da Convenção Nacional do Negro Brasileiro

Encerrando a Convenção, foi aprovado o Manifesto da Convenção Nacional do Negro Brasileiro à Nação, cujo texto é o seguinte:

"Patrícios negros:

No momento em que todas as forças vivas da Nação se arregimentam e se articulam em prol de sua redemocratização, impõe-se como dever sagrado, trazeremos, num trabalho de conjunto, eficiente e construtivo a nossa despretenciosa palavra de fé e a exposição daquelas reivindicações para as quais nos devemos apressar. Nesse sentido, os negros do Brasil, reunidos em Convenção Nacional, examinaram, escrupulosa e detidamente, a sua situação atual, não somente em face de sua existência no passado, como, sobretudo, das injunções do presente.

Dessa análise verificou-se que mais do que nunca, no instante histórico que se vive, é imperioso realizemos um trabalho de unificação e coordenação

nação de todos os nossos esforços e anseios para que o ideal da Abolição se torne hoje em dia e para o futuro uma realidade expressiva sob todos os títulos.

E é assim que urge formularmos princípios de reivindicação de direitos que, de fato, se nos foram outorgados por aquele magno acontecimento, não puderam, entretanto, ser concretizados em consequência das condições particulares em que se verificou e dos prejuízos decorrentes não só nos domínios de ordem econômica, como nos de ordem moral e espiritual.

Temos consciência de nossa valia no tempo e no espaço. O que nos faltou até hoje foi a coragem de nos utilizarmos dessa força, por nós mesmos, e segundo a nossa orientação.

Para tanto é mister, antes de mais nada, nos compenetrarmos, cada vez mais, de que devemos estar unidos a todo o preço, de que devemos ter o desassombro de ser antes de tudo, negros, e como tais os únicos responsáveis por nossos destinos, sem consentir que os mesmos sejam tutelados ou patrocinados por quem quer que seja.

Não precisamos mais de consultar a ninguém para concluirmos da legitimidade dos nossos direitos, da realidade angustiosa de nossa situação e do acumplicimento de várias forças interessadas em nos menosprezar e em condicionar, mesmo, até o nosso desaparecimento!

Eis porque conclamamos a todos vós, sem distinção de sexo, idade, credo político ou religioso, para cerrardes fileiras em torno deste

grupo de pioneiros que se propõe a conseguir, dos poderes competentes, por todos os meios lícitos e segundo os ditames da própria CONSCIÊNCIA NACIONAL, as seguintes:

REIVINDICAÇÕES

- 1) que se torne explícita na Constituição de nosso país a referência à origem étnica do povo brasileiro, constituído das três raças fundamentais: a indígena, a negra e a branca.
- 2) Que se torne matéria de lei, na forma de crime de lesa-pátria, o preconceito de cor e de raça.
- 3) Que se torne matéria de lei penal o crime praticado nas bases do preceito acima, tanto nas empresas de caráter particular como nas sociedades civis e nas instituições de ordem pública e particular.
- 4) Enquanto não fôr tornado gratuito o ensino em todos os graus, sejam admitidos brasileiros negros como pensionistas do Estado, em todos os estabelecimentos particulares e oficiais de ensino secundário e superior do país, inclusive nos estabelecimentos militares.
- 5) Isenção de impostos e taxas tanto federais como estaduais e municipais, a todos os brasileiros que desejarem estabelecer-se com qualquer ramo comercial, industrial e agrícola, com o capital não superior a Cr\$ 20.000,00.
- 6) Considerar como problema urgente a adoção de medidas governamentais visando a elevação do nível econômico, cultural e social dos brasileiros. Ascultando a nossa realidade, tirarmos de sua consideração o remédio necessário aos nossos

*ignorância e protéria dos preconceitos existentes, embora muitos o queiram negar. Sobre tudo, mais que tudo contra a negação do que há feito, pode fazer e quer ainda fazer o nosso sangue, cujo valor foi demonstrado nas artes, nas ciências, na política e na guerra, pela identidade do seu destino com o da própria nacionalidade. São Paulo, 11 de novembro de 1945**

tes, negando atenção àqueles que rem "salvar-nos" contra as nossas condições e contra o Brasil. Nós temos fé e esta fé nos indicará caminho a seguir. Nós sabemos, cada um de nós, um obreiro da reação contra o sonamego de direitos sagrados do negro e da reivindicação dos mesmos; seja cada um soldado contra a decadência de nossos costumes, contra a

decorrentes da situação do negro na sociedade brasileira. (...) A A.C.N. perde aquele caráter inicial de unidade e começam as dissensões. (...) Depois de algum tempo inativa muda-se para o bairro de Casa Verde, com objetivos mais assistenciais e filantrópicos do que ideológicos. (...) A Associação Cultural do Negro mudou de feição. Foi criada uma estrutura assistencial que fornecia fundos necessários à sua manutenção. Ao mesmo tempo a A.C.N. ligou-se à população pobre do bairro da Casa Verde, procurando atraí-la para as suas atividades e o seu quadro social. (...) Aos poucos a entidade foi se esvaziando, terminando por cerrar as suas portas".⁴¹

O último jornal de que temos conhecimento neste período é o "Correio d'êbano" - um jornal a serviço da coletividade negra do Brasil (1963), editado em Campinas e que, segundo depoimentos, saiu apenas um número. Como já dissemos, em 1963, a imprensa negra sofre uma paralisação para ressurgir por volta dos anos 70, mas com características e objetivos diferentes dos jornais que são objeto de nosso trabalho. Ao percorrermos a história dos jornais negros ao longo desses 48 anos, a análise demonstra elementos cons-

(41) - Clovis Moura, *op. cit.* 1980. p. 158-59.
* Folha da Noite, 11 de novembro de 1945

tantes; o porquê desses jornais surgirem e as razões de seu desaparecimento. Assim, na origem desses jornais estão as reivindicações por integração, participação e ascensão na sociedade brasileira, a fim de que o negro conquiste a posição de "cidadão brasileiro", isto, através da conscientização e da educação e da luta contra o preconceito.

No início estes jornais refletem um caráter associativo e integrativo, mas, é a partir de 1923 que vão assumir abertamente as reivindicações como instrumento de luta. Porém, a falta de coesão do grupo negro, o desinteresse da maioria dos negros, pela condição social do mesmo, aliados à instabilidade sócio-econômica e à própria heterogeneidade do grupo na sociedade brasileira, fizeram com que movimentos, organizações e a imprensa negra tivessem duração em curtos espaços de tempo.

Se a imprensa escrita se mostrava ainda acanhada em suas manifestações, foi decisiva a presença de um orador em suas reivindicações. Vicente Nunes Ferreira não seria outro negro, não fosse sua oratória e seu carisma, segundo depoimentos pessoais.

Procedente do Rio de Janeiro, em São Paulo ele se tornaria um líder e advogaria a causa do seu povo negro por "melhores salários e as melhores condições de vida". "A primeira oração feita em São Paulo foi no túmulo de Carlos de Campos, no Cemitério da Consolação", como relata Pedro Paulo Barbosa.

Vicente Ferreira não escrevia e foi numa de suas orações que Raul Joviano Amaral o conheceu:

"Eu cursava a Escola de Comércio Álvares Penteado. Houve a inauguração da herma de Ruy Barbosa, no Vale do Anhangabá. Houve discursos oficiais, grande oratória. Ao fim da solenidade oficial, as autoridades desceram do palanque e a multidão

começou a se dispersar, quando um negro mal vestido, jamais debaixo do braço, pediu a palavra. Era Vicente Ferreira. Ninguém deu atenção. Ele então começou a falar, fez uma oração grandiosa a Ruy Barbosa, cuja vida conhecia muito bem. Aos poucos todos foram parando e voltaram para ouvir Vicente Ferreira. Se dizia jornalista e orador popular. Tinha uma memória fabulosa. Passava dias inteiros nas bibliotecas e decorava tudo o que lia.⁴²

José Correia Leite referindo-se à influência de Vicente Ferreira nos jornais negros e principalmente no "O Clarim da Alvorada", narra:

"Foi ele que induziu o grupo do jornal a reivindicar direitos; alertou quanto aos prejuízos que os negros sofreram com a escravidão... Essa foi a luta d' 'O Clarim da Alvorada' com a vinda do Vicente Ferreira. Ele lia e não escrevia. Ele nunca escreveu, nem o nome dele. Mas ele era um grande orador, participava de tudo, e a grande preocupação dele era o negro.

Qualquer acontecimento ele aparecia, e pedia a palavra, e entrava no barulho, colocava o negro em primeiro lugar. Fosse o que fosse, ele sempre dava um jeito de exaltar o negro. Vivía no meio de intelectuais, fazia conferências sobre a raça negra, que tinha para ele grande importância. Foi um teórico da causa negra, e muito contribuiu para a união dos negros."⁴³

(42) Depoimento pessoal.

(43) José Correia Leite. Depoimento pessoal.

É muito pouco o que podemos encontrar publicado a respeito de Vicente Ferreira, mas os relatos pessoais o apontam como o introdutor da palavra negro. Ele que

"levantava os estudantes, protestando contra a vida, contra a violência, contra o racismo. Às vezes era preso, passava dias e noites na cadeia, conversando, fazendo discursos, até que o mandavam embora. Desleixado na maneira de vestir, barba mal tratada, chapéu roto na cabeça, livros e jornais debaixo do braço, alto, quando falava se transformava num semi-deus. Do auditório mais frio conseguia arrancar manifestações de alegria ou de tristeza" - o "homem das barricadas".⁴⁴

Dos seus caracteres físicos e de sua oratória, assim se manifestou José Correia Leite:

"Ele era muito feio, mas muito elegante... andava mal vestido, mas numa elegância danada... Todos os negros que gostavam de falar, procuravam imitar Vicente Ferreira só que eles não tinham o conhecimento de Vicente Ferreira. Voltou para o Rio e morreu em Petrópolis, tuberculoso, por volta de 1934/35".

Vicente Ferreira, o "tribuno popular".⁴⁵

(44) - Pedro Paulo Barbosa. Depoimento pessoal.

(45) - José Correia Leite. Depoimento pessoal.

CAPÍTULO III
A MANIFESTAÇÃO DA IMPRENSA
NEGRA PAULISTA

Em 1914 as nações políticas de todo o mundo viviam os inícios da Primeira Guerra, um conflito que assumiria proporções gerais até 1918. No ano de 1915, surgia a imprensa negra e seu primeiro jornal "O Menelick", alheios ao acontecimento de caráter mundial. A preocupação do grupo negro e sua diferenciação racial, conseqüentemente sua desigualdade na sociedade global, são expostas a partir daí, ora unindo, ora exaltando, ou mesmo conscientizando ou reivindicando. Contudo, em buscas intensificadas somente um exemplar foi localizado, ocorrendo em sua primeira página o "Episódio da Revolta da Ilha de São Domingos": "Tudo é barulho! As florestas, as plantações, as casas, enfim tudo que pelo fogo devastador possa ser consummido, arde, deixan-[do] sahir fagulhas rubras que mais depressa fazem consumir aquellas riquezas"¹.

(1) - "O Menelick". Ano I, n. 3:1/1.

Esse episódio, de 1804, consistiu na revolta dos negros “quando os bravos homens de cor declararam-se livres do vaidoso jugo de malvados amos”, e entre paixões e atitudes individuais interferindo no comportamento dos revoltosos “vingam-se das humilhações que sofreram tão cruelmente”. Essa busca de liberdade contra a desigualdade reinante se impõe com o protesto racial: “Então negro não era gente? Porque? Seriam talvez os brancos melhor que os pretos?”².

Embora o fato tenha ocorrido no exterior, é através da imprensa em meio a mexericos, críticas às atitudes e ao comportamento, que jornalistas pertencentes ao grupo negro visam a integração na sociedade dominante. Valorizar-se e exaltar-se, pois o negro que foi escravo é lembrado como exemplo da força e luta, o que é expresso em “Getulino”: “/.../ nós hoje, homens livres, devemos enfrentar todas as dificuldades que por ventura encontramos em nossa vida, sempre com resignação, recordando dos nossos antepassados, que, por nossa causa atravessaram batalhas ferrenhas conquistando um dia a inesquecível vitória”³.

A primeira vista, esse exemplo de força e luta parece de conformismo, mas, se faz presente a tentativa de integração à sociedade brasileira, mostrando que também eles, negros, pesaram no processo de formação histórica desta, não ignorando as lutas vindouras.

Assim, o negro é visto, por ele mesmo, como elemento essencial à formação do Brasil e, por isso, advoga sua identificação. Pois o “Brasil não é filho do estrangeiro, não é tão pouco só o branco nacional que, si existe com as modalidades actuaes, é porque o preto amamentou, o embalou, e

(2) – *Id. ibid.*

(3) – “Getulino”. 1924 – ano II, n. 52: 14/9.

com inaudito esforço arroteou os campos, desbravou florestas e formou fazendas, sítios, arraiaes”⁴.

Apesar da Abolição (1888) e da República (1889) os elementos do grupo negro têm notória a sua condição de minoritários na sociedade brasileira, como “*partículas desse mesmo povo, descendentes obscuros de uma raça forte e abnegada, lutamos para legar aos vindouros um Brasil unido, cujos filhos sejam homens capazes e também unidos*”⁵.

As mesmas partículas que reivindicam o reconhecimento de a essa sociedade pertencer, pois “debaixo de uma República constitucional, moureja um povo, que caminha a agigantados passos para o porvir, na senda da ordem e progresso”⁶.

Despertando um incontido sentimento de patriotismo, o grupo negro procura, neste período, ser aceito e assimilar valores da sociedade dominante: “*O Brasil é a nossa pátria. Sejamos brasileiros. (...) O Brasil acima de tudo, primeira-mente!*”⁷

O ideal de identificação se acentua e se reforça, quando em 1924, final do primeiro período, vê-se na proposta de “fusão das raças”, “a condição primordial da nacionalidade” e conclui: “Contrariar este ideal é falta de patriotismo; ferir e desmanchar esse anseio do país, é impedir a evolução formativa da nacionalidade, é crime, é perversidade, que só a ignorância em cousas da pátria, póde produzir”⁸.

(4) – “Getulino”. 1924 – ano I, n. 32: 2/3.

(5) – Nota: esses grifos e os que seguem até o final do trabalho são de nossa autoria visando salientar aspectos do material empírico.

(6) – “Getulino”. 1924 – ano II, n. 52: 14/9.

(7) – “O Bandeirante”. 1918 – ano I, n. 3: -/9.

(8) – “Getulino”. 1924 – ano I, n. 32: 2/3.

De modo geral, os jornais da imprensa negra condenam o preconceito de cor nos Estados Unidos, manifestando que se “nos Estados Unidos existem preconceitos de raças, aqui, felizmente, não há desse tremendo flagello. É preciso que exemplifiquemos?”

(...)

Aqui existe isso?

Onde o rancor, perseguições e guerra de morte contra nós?

Onde os lynchamentos e os preconceitos? Si alguém se sentir estribado em argumentos que nos contradigam que nos dê testemunho então. (...)

Em toda a parte onde estiver um branco, pode estar mui tranquilamente um preto; por isto, pretender provocar a utópica separação das raças, será attrahir sobre nós uma guerra sem treguas — em a qual seremos fatalmente vencidos e cobertos de opprobrios”⁹

Certas colocações são feitas no sentido de obnubilarem aqui existente, quer social quer racial, pois, outros jornais de outros grupos étnicos ou profissionais existiram na época e tinham por objetivo reivindicar seus direitos sociais, econômicos ou políticos, conforme depoimento de José Correia Leite. Por outro lado, se não existisse o preconceito no Brasil, por que razão foram então produzidos esses jornais, se a principal reivindicação da imprensa negra era a igualdade com o branco, pela mobilidade e consequente ascensão social.

Como observa Bicudo¹⁰, o “ajustamento social do preto, na forma de conformismo, é coadjuvado pelas

(9) — “O Bandeirante”. 1918 — ano I, n. 3: —/9.

(10) — Virginia Leone Bicudo. *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo. Sociologia*. (Revista Didática e Científica). Órgão da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, IX (3) 1947. p. 204.

atitudes dos brancos que procuram evitar feir susceptibilidades. Tais atitudes de brancos, respeitando a sensibilidade dos pretos, facilitam a repressão do sentimento de hostilidade do preto, situação que explica a observação da parte de negros de que não possuem incentivos para se unirem por ‘não serem tão espiçados pelos brancos’”.

Outra constatação desta identificação do negro com a sociedade dominante é registrada no “Getulino”, em “O incidente do missionário”:

“Causou-nos dolorosa surpresa o ataque de que recentemente o Brasil foi victima, em conspicua revista norte-americana, por parte de um missionário protestante e professor de conhecido collegio do Rio. (...)

Esse infeliz não sentiu escrupulo, nem remordimento de consciencia, ao enviar para sua nobre nação uma série de “injurias, iniquas mentiras, revoltantes aleives contra a generosa terra que o acolhera em seu seio, terra somente culpada, de demasiada tolerância para com certos individuos a quem despreocupada depara abrigo. (...)

Uma das grosserias, — e esta mais ridicula do que ultrajante, do triste sujeito consistiu em chamar os brasileiros de pretos.

A deprimente ogeriza de norte-americanos para com a raça negra vai provocando protesto universal”¹¹.

Prova deste sentimento de participar da sociedade brasileira e de ser um elemento na formação desta, o jornal “Getulino” em artigo assinado por Evaristo de Moraes, “A ascensão dos mulatos”, trata do cruzamento das raças que formaram o Brasil, citando trechos de obras do século XVII que satirizavam os mulatos. Contudo, o autor demonstra o

(11) — “Getulino”. 1923 — ano I, n. 7: 9/9.

valor dos mulatos na formação histórica brasileira: "Começa a ascensão com o alvorecer do século XIX, verdadeiramente 'das luzes' para os mulatos. (...) E os mulatos tiveram, de facto, ingresso na prosperidade do Brasil, fartamente contribuindo para ella.

Desde o 1º Império, foram elles notaveis estadistas e sentaram-se nos conselhos da Corôa: (...) foram médicos e, tiveram aos seus cuidados a preciosa saúde dos dous Imperadores, (...) foram poetas, (...) foram musicistas, /.../ foram tudo que *quizeram ser*, e foram, também, a expressão da máxima affectividade brasileira".

No mesmo artigo, mencionando o 1º Congresso Internacional das Raças, reunido em Londres a 26/29 de julho de 1911, refere-se ao pronunciamento do Dr. João Baptista de Lacerda:

"Ao Brasil os mestiços forneceram, até hoje, poetas de grande inspiração, pintores, escritores, musicos distinctos, magistrados, jurisconsultos, oradores eloquentes, notaveis literatos, medicos e engenheiros que se destacaram graças ás suas aptidões technicas e à sua capacidade profissional". (...) A collaboração dos mestiços no progresso e no desenvolvimento do Brasil é notorio, e de grande valor" (...)

Concluindo, Evaristo de Moraes diz:

"Sirva o que ahi fica para compensar os desaforos que, de raro em raro, recordam o antigo menosprezo. Só é de admirar applaudam taes desaforos brasileiros que notoriamente se encontram na raça menosprezada"¹².

(12) - "Getulino". 1923 - ano I, n. 12: 13/10.

Nesse primeiro período (1915-1923) é expressa uma conscientização étnica do negro para com a sociedade brasileira, dominante, e que ganhará impulso no segundo período da imprensa negra.

Já, em "O Alfinete", "Preconceitos de Raça" faz colocação no sentido de levar a aceitação do homem negro pela sociedade brasileira: "O que nos amamos e veneramos nos nossos semelhantes não é a sua forma corporea, nem tão pouco temos a idéia das suas virtudes pelo seu vestuário e calçado, assim também *não devemos olvidar ou desprezar o homem de cor preta, porque muitos dessa raça poderiam ser o estímulo na prática do Bem e do Dever*, e muitos brancos ou a esses moços bonitos que são verdadeiros *parasitas sociais*, cérebros ôcos sem ideaes, não tendo um fim nobre e elevado a atingir na vida"¹³.

Outro aspecto a relevar nessa etapa de conscientização do negro é a Abolição da Escravatura, pois segundo sua própria consideração "...desde esse dia que devia abrir a senda para o primeiro passo de um futuro melhor eis que a nossa raça, cae e desaparece incensivelmente no borborinho da civilização branca, atropilando-se todas as suas energias, despauperando-se moralmente, sem nunca impor-se a nenhuma questão quer de ordem social quer intellectual"¹⁴.

Um grupo social que ainda se vê submisso de uma liberdade apenas aparente e incompreendida passa a se

(13) - "Alfinete". 1918 - ano I, n. 2: 3/9.

(14) - "O Alfinete". 1918 - ano I, n. 2: 3/9.

questionar e perceber reflexos dentro da sua própria imprensa: “Mas de que serviu finalmente a lei do abolicionismo no Brasil?”

Unicamente para mostrar ao estrangeiro a nossa aparente civilização, porque se ella aboliu a escravatura official, implantou o servilismo particular; se derrubou o regimen de escravas obrigatorias impôs o de servos voluntários.

Quem são os culpados dessa mancha que macula eternamente a nossa frente?

Nós, unicamente nós que vivemos na mais vergonhosa ignorancia no mais profundo absecamento moral, que não compreendemos finalmente a angustiosa situação em que vivemos”¹⁵.

Ainda no processo de conscientização “O Bandeirante” responsabiliza o próprio negro pela sua situação:

“Devemos queixar de nós mesmos, de nossa propria negligencia, de nossa falta de comunhão de vistas, vivendo, como vivemos, em um meio cosmopolita como este”¹⁶.

O mesmo artigo combate o vício, a vagabundagem e a prostituição, como forma de integração à sociedade dominante, adotando atitude conformista, na medida em que não leva em consideração as condições sócio-econômicas existentes, pois “jamais conseguiremos a amplitude das considerações que almejamos. A culpa não é dos brancos, é nossa! Pois os meios estão ali ao nosso alcance e disposição”¹⁷.

(15) — *Id. ibid.*

(16) — “O Bandeirante”. 1918 — ano I, n. 3: --/9.

(17) — *Id. ibid.*

Nessa tentativa de integração o negro coloca diferentes ideais, principalmente o profissional e o educacional, pois é “preciso que os pretos tenham a aspiração de querer ser alguma coisa no futuro; para isso é preciso que todos tenham força de vontade, ensinando aos vossos filhos o que nós mesmos não pudemos aprender.

Avante! meus irmãos de cor, caminhaes com o progresso da nossa capital, mandae vossas filhas para aprenderem costura, bordados e engomados”¹⁸

É a manifestação do desejo de ascensão social, a passagem da situação de escravo doméstico para uma profissionalização dentro da estrutura ocupacional que a época permitia, uma vez que a industrialização estava em sua fase inicial. “Só assim é que todos os nossos irmãos de cor, deixarão de ser cosinheiros, copeiros e arrumadores de quartos”¹⁹.

Os negros que produziram os jornais da imprensa negra tinham uma visão de sua problemática, e a maioria negra estava despreparada para enfrentar as condições sócio-econômicas, impostas pela sociedade dominante.

Nos jornais do primeiro período (1915-1923) é dada ênfase à solidariedade entre as sociedades dançantes e os grêmios tendo como consequência um apelo para a união entre os próprios negros. “Aggremiemo-nos, elevemos o nosso conceito perante todos, sejamos juizes severos de nos mesmos, solidifiquemos a fraternidade que nos confunde com os brancos nascidos debaixo da Bandeira Auri Verde”²⁰. Temos aqui expresso o desejo do negro em ser branco e de integrar-se na sociedade.

(18) — “O Alfinete”. 1918 — ano I, n. 2: 3/9.

(19) — *Id. ibid.*

(20) — “O Bandeirante”. 1918 — ano I, n. 3: --/9.

Numa sociedade em que a discriminação era atenuada, as agremiações e sociedades dançantes promoviam ora o lazer ora a cultura. Entretanto, colaboradores da imprensa negra criticavam essas reuniões ou encontros desvirtuados culturalmente para o lazer apenas, quando então surgiam os mexericos: "Até hoje não vemos união inabalável nas nossas sociedades, sempre aparece um dedinho de judas, a vender umas as outras; muitas vezes, por mero despeito, trazendo o enfraquecimento da união social".²¹

Em o "Getulino", a mesma reivindicação é de unidade da raça e participação da coletividade negra no convívio social: "De Campinas, partiu o primeiro toque de reunir para se implantar uma nova forma de governo e libertar o braço escravo. Surjam também dessas plagas de uteis iniciativas, os preambulos para a união da raça hontem excluída do convívio social".²²

Permanecem as reivindicações do grupo negro colocadas em temas como: educação/instrução, moral/educação, contra o álcool, contra o preconceito, pela liberdade e pela participação, embora todos muito mesclados e, por vezes, ambivalentes.

Assim "O Alfinete" apresenta um artigo que coloca a inteligência criadora dos norte-americanos, exaltando sua sociedade em vários de seus aspectos: agricultura, ciências, etc.; faz um paralelo com a situação do negro no Brasil e conclui que a única saída para o negro brasileiro é a instrução. "Cultivemos, extirpemos o nosso analfabetismo, e veremos se podemos ou não imitar os nort-americanos".²³

- (21) - "O Alfinete". 1921 - ano IV, n. 74: 28/8.
(22) - "Getulino". 1924 - ano II, n. 52: 14/9.
(23) - "O Alfinete". 1918 - ano I, n. 2: 3/9.

A instrução é necessária no momento em que se pleiteia uma melhor situação profissional, mas... "depois que saírem do Grupo Escolar, mande-os aprender ofício de sapateiro, mechanico, encanador, typografo, etc."²⁴. "A instrução e à educação juntemos a profissão que garante o meio de vida".²⁵

O triângulo indivíduo/família/sociedade é resultado do amadurecimento das reivindicações no fim do primeiro período com caráter mais global com apelos à moral, aliando-se à necessidade de educação:

"Não havendo a moral nos usos e costumes, a educação torna-se licenciosa e o respeito cede o terreno a vontade absoluta de espiritos educados fora da moral, que é a grande mantenedora da estabilidade social e a peia segura à dissolução familiar.

(...) A educação sob a égide da moral feita, deve começar a ser ensinada desde o berço, mas, sem um só momento de desfalecimento para que a mulher possa ser a grande constituidora da sociedade sem vícios. Essa missão é a mais santa e só compete a mãe, que em verdade tem amor pela família e um desejo inabalável de ser olhada como o esteio do grande edifício humano. (...)

Não pode haver moral sem respeito e não pode haver respeito sem uma boa educação"²⁶.

O ensino obrigatório é tema abrangido em artigo assinado por Evaristo de Moraes, criminalista renomado

(24) - *Id. ibid.*

(25) - Lino Guedes. "Progresso". 1930 - ano III,

n. 31: -12.

(26) - "Getulino". 1923 - ano I, n. 17: 18/11.

na época, de modo objetivo; e a educação, na opinião do autor é também problema que se coloca a nível político.

"Coube a S. Paulo a primazia de tornar obrigatório o ensino primário, obtendo, durante o anno de 1923, na maioria das escolas onde ministra esse ensino, frequência correspondente a mais de 90% dos alumnos matriculados. (...)

Póde-se, portanto, considerar resolvido, em S. Paulo, o mais sério dos nossos problemas nacionaes — o da instrução elemental do nosso povo. (...)

Nenhum democrata consciente poderia admitir a existência de uma republica moderna contendo o número de adultos analphabetos que a nossa Estatística revela. Só se explica o descaso pelo assumpto, por parte de milhões dos nossos estadistas, considerando que *lhes convem a ignorancia do povo, com a qual contam para os seus actos de usurpação e espoliação.* (...)

Por outro lado, conviria compenetrarem-se as classes dirigentes da obrigação que tem o Estado de assegurar a instrução da juventude"²⁷.

Sob o título "Cuidae de vossas filhas!", temos a relação sócio-econômica que oferece possibilidade à ascensão social, mas é dada ênfase ao trabalho dentro das possibilidades existentes e a família é valorizada. "As vossas filhas, nunca devem arredar de seus lares, sob o pretexto de que vão trabalhar para vestirem-se e comer..."

Lavar, engomar, bordar, costurar, e mesmo fazer doces em casa, por hypothese, não dá para finas iguarias e ricos e caros vestidos?

Esse rebento mimoso de vossa existência, que a educação actual chama de melindrosa, é flor da sombra

(27) — *Id.* 1924 — ano I, n. 32: 2/3.

que jamais deve sahir da estufa, pobre embora, mas honesta de vossa casinha onde reine o trabalho"²⁸.

Na mesma linha de conscientização, há o combate aos vícios, advertindo a comunidade negra: "abolindo álcool do seio das nossas sociedades, e mesmo das mezas dos nossos lares, muito conseguiremos em favor da nossa classe de cor"²⁹.

Contra o preconceito, a imprensa negra coloca de forma clara e objetiva a sua opinião quando expôs no fim deste período que: "(...) o grande prejuizo do homem preto não foi somente o indivisivel martyrio que soffreu, tem ainda a perseguição o preconceito tolo e vaidoso de alguns e a humildade servil hereditária, que a muitos pretos procura vencer de uma inferioridade racial que em absoluto não existe"³⁰.

A luta dos negros, através da sua imprensa, levou-os, neste primeiro período, a conscientizar-se das condições em que viviam e passar de uma atitude de reflexão à de real reivindicação de direitos e de participação, enquanto prezam, "... na defesa dos brasileiros pretos registrar um facto, injurioso ás moças de cor, em cuja classe se contam desde a modesta camponeza, até as filhas de médicos, de advogados, de magistrados e de altos figurões da política.

É de lamentar que em Campinas, — a terra abolicionista por excellencia, — (...) pretende uma fábrica, proscrever do seu operariado, as moças pretas. (...)

A's moças de cor aconselharemos que, — de forma alguma, — penetrem nos humbraes do rico estabele-

(28) — "Getulino". 1924 — ano I, n. 37: 6/4.

(29) — "O Alfinete". 1921 — ano IV, n. 74: 28/8.

(30) — "Getulino". 1923 — ano I, n. 22: 23/12.

cimento, em busca de emprego, pois melhor lhes será trabalhar em outros, não menos honrados.

Registrado o facto, bem certo estamos sobre-virão momentos de arrendimento para os que pretendem excluir da humanidade, um dos mais preciosos elementos que entram no caldeamento da nossa raça".³¹

A moral se expressa de diferentes maneiras, seja a favor da família seja na atuação individual do negro, ou ainda em relação às sociedades e grêmios recreativos, aliada ao sentimento de solidariedade, quando "elevant o nosso carácter, constituir família legítima e legal, crear homens de bem — é o que nos cumpre".³²

Os conceitos de bem e de mal aparecem com frequência dentro da imprensa negra e são colocados para o grupo dentro das sociedades e grêmios: "O bem que desejo ao Gremio "Kosmos", desejo as demais, todas são formadas de homens de côr, e a gloria de uma deve estender-se ás demais, demonstrando que os sentimentos elevados, que bem podem os homens de côr prestar a sociedade geral, hypothecando o seu dever social para a gloria da sociedade de que faz parte".³³

À distribuição da população pobre ou rica, de casebres ou de castelos, com mais ou menos espaço, a imprensa negra registra em "O Kosmos": "Lá no monte eleva-se um castello, mais além, outro e outro. Cá em baixo, um casebre rustico na apparencia e humilde no estylo, porem, encerrando em seu todo um passado de glorias e conquistas. (...)

Nos castellos que se erguem nobres pelo effeito da architectura, que se elevam orgulhosos pelo trabalho artistico, só se premeditam os crimes e as infamias! (...)

(31) — "Getulino". 1923 — ano I, n. 7: 9/9.

(32) — "O Bandeirante". 1918 — ano I, n. 3: —/9.

(33) — "O Kosmos". 1922 — ano I, n. 3: —/8.

Contraste!

O casebre é o templo da educação e do ensino, os castellos antros da depravação e da deshonra. Aquele, dá luz e compreensão, ao passo que estes encerram crimes e devassidões!"³⁴

Uma "aspiração que é inata do ser humano: a liberdade" aflora através dos participantes da imprensa negra, por "bem comprehender quão preciosa é a liberdade" (...) e "os homens à medida que á civilização se robustecia foram derrocando as monarchias e estabelecendo governos democraticos do povo para o povo, systemas em que o homem é governado sem prejuizo de sua independencia, que de resto é condição excencial para a perfeita integridade do seu caracter (...) Luctar, lutar sempre pela completa rehabilitação da raça, deve ser o lema, não só do homem negro como dos que verdadeiramente aspiram para o bello Brasil um regimen verdadeiramente democrático".³⁵

Por último, neste primeiro período protesta a imprensa negra contra a situação sócio-político-econômica de vida do povo em geral, a "par do custo exorbitante dos generos alimentícios que eleva a vida do operário quasi que ao impossivel". E a conscientização do grupo negro pela imprensa negra contra a "...terrivel exploração gananciosa de diversos proprietários de casas no tocante a questão dos alugueis, problema aliás complicadissimo e difficil de se resolver. (...)

Esperamos que os nossos distinctos edis procurem por qualquer meio por um dique a essa torpe exploração, pois o povo, o operário em geral, que constroe, que coopera para o engrandecimento das grandes cidades, tambem pre-

(34) — "O Kosmos". 1922 — ano I, n. 3: —/8.

(35) — "Getulino". 1923 — ano I, n. 22: 23/12.

cisa morar em casas confortáveis e por preços ao alcance de sua bolsa”.

Frente à estrutura do país e conscientizados de sua discriminação pela raça, o grupo minoritário reivindica “... as condições físicas e moraes da sua população que se definha a olhos vistos diante do modo insustentável da vida”³⁶.

Em 1923 encerra-se o primeiro período da imprensa negra, com o jornal “Getulino”. A partir daí, as reivindicações e o desejo de participação irão ganhar força; é quando se inicia o segundo período que vai de 1924 a 1937.

Se neste segundo período a imprensa negra trata dos mesmos temas explorados no primeiro, agora o que o difere é a maneira de enfocá-los. A produção jornalística atinge o seu ápice, sem palavras atenuantes, de forma direta e objetiva; quer unir o grupo negro para mais fortalecido reivindicar direitos e reclamar sua participação na sociedade.

A imprensa negra valoriza e exige, lembrando daqueles que através do êxito agora se transformam em exemplos ou mesmo mitos³⁷.

No ano de 1924, é produzido o primeiro número de “O Clarim da Alvorada” e que em seu ano I, de 6 de janeiro, apresentaria a época como um “período de progresso por excellencia”. “Em todos os recantos existiram e actualmente existem patricios, que merecem elogios aos quaes devemos seguir e imital-os”³⁸.

(36) — “Getulino”. 1924 — ano I, n. 37: 6/4.

(37) — Roger Bastide. *A imprensa negra do Estado de São Paulo*. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim de Sociologia n.º 2. Estudos Afro-Brasileiros, 2.ª série. 1951, p. 68.

(38) — “O Clarim da Alvorada”. 1924 — ano I, n. 1: 6/1.

A valorização a que se dá o negro é pelo elemento que atua marcadamente na história da pátria brasileira:

“Nós os pretos da America do Sul, devemos ter um orgulho não lamentarmos, porque muitos dos nossos antepassados deixaram seus nomes bem recomendados nas paginas bellissimas da nossa história: esses factos são os que servem para o orgulho dos pretos da época actual”³⁹.

Ao mesmo tempo em que há a valorização do negro, também é feita uma constatação a nível de conscientização das suas reais possibilidades, porém, “deixam-se ludibriar pela má vontade, desleixo e outras inconveniencias, quantos especializados, que ahí vagueiam sem reflexão...” enquanto há “por este mundo, varios patricios possuidores de predicados para galgarem posições de destaques”. Com capacidade e empenimento e “o pensamento renovado, iremos advertir aos outros povos, que somos dotados de um corpo e de uma alma sentimentalista, onde tambem fulgura a intelligencia”⁴⁰.

A sociedade brasileira é contribuída com a participação do grupo negro “prestando sua actividade profissional e intellectual para a grandesa da nossa industria e progresso do nosso glorioso Estado de São Paulo. (...) Vedes, meus patricios, que bello quadro de homens pretos que occupam lugar de destaque em nossa gloriosa terra de Santa Cruz!

n. 19:21/3.

(39) — “O Clarim da Alvorada”. 1926 — ano II,

(40) — *Id.* 1926 — ano III, n. 24: 22/8.

O orgulho para a nossa raça negra brasileira.

Eis aqui a phalange de pretos que nos orgulha:
Padre Dr. José Joaquim Lucas.

Inventor da Machina de escrever musica;

Dr. Alcides Bahiam Deputado Federal pelo Amazonas;

Dr. Evaristo de Moraes, Jurisconsulto;

Dr. Casimiro da Rocha, Médico e Deputado Estadual;

Dr. Cuba dos Santos, Juiz de Direito de Bananal;

Dr. Francisco de Assis, Lente de Latim do Gynasio de Campinas⁴¹.

Da mesma maneira, José do Patrocínio é exaltado exemplarmente, como "o grande José do Patrocínio. O formidável jornalista e tribuno negro que pereceu na maior miséria para deixar uma memoria limpa, para o nosso ledo orgulho. Luctador honrado e ativo, fez de sua penna e de seu verbo a bandeira de defeza dos seus ideaes; e, não tratou de sua defeza pessoal... Não enganou e não mentiu; não acreditou nas promessas porque, tinha confiança na sua força; não se dobrou porque, tinha certeza na victoria de sua causa"⁴².

Em artigo assinado por Máio Beni, "A Contribuição do Preto na Formação do Poderio Economico Paulista", extraímos trechos de um apanhado histórico de toda a atuação e participação do negro na formação de São Paulo:

"O que fez S. Paulo, foi o factor trabalho, em em primeirissimo lugar. Foi o braço de bronze do preto algemado vindo do Congo, do norte ou do sul da Africa de ninguem. Foi elle — o preto — em grande parte que fez tombar os gigantes ipês, os pinheirais, as peróbas que eram as sentinellas das grandes

n. 30: 20/2.
(41) — "O Clarim da Alvorada". 1927 — ano IV,

(42) — *Id.* 1928 — ano I, n. 6: 1/7.

e impenetraveis florestas. Foi o braço do homem preto que por força e pela sua felicidade escolheu por berço este grande Estado. Elle derrubou os matagaes. Elle abriu em nossos campos, que ainda guardavam o cheiro das queimadas, extensos canaes para sementeira e desses canaes surgiram os velhos corredores de café — o ouro de São Paulo — a expressão mais completa da riqueza nacional. Foi em grande parte, o preto o sementeiro do nosso ouro. Foi um sementeiro resignado, debaixo do chicote e da corrente, em quanto que hoje como hontem e ananham como hoje, todos colhem o ouro que custou o sacrificio mal definido ainda pela história. Foi o preto que Cyro Costa em versos cheios de mais crystallina verdade escreveu⁴³. O preto que deu o sangue, a liberdade, para formar com a sua grande cooperação, a riqueza

(43) — Pae João

Do taquaral á sombra, em solitaria fuma,
Para onde, com tristeza o olhar curioso alongo,
Sonha o negro, talvez, na solidão nocturna,
Com os limpios areaes das solidões do Congo!...

Ouve-lhe á noite a voz nostalgica e soturna,
Num suspiro de amôr, n'um murmurejo longo...
É o rouco, surdo som, zumbindo na cafurna,
É o urucongo a gemer na cadencia do jongo...

Bendicto sejas tu, a quem certo, devemos
A grandeza real de tudo quanto temos!
Sonha em paz! E que eu fique de joelhos,

Sob o fulgido ceo, a relembrar magoado,
Que os fructos do café são globulos vermelhos,
Do sangue que escoreu do negro escravizado.

Nota: poema de Cyro Costa extraído da Revista
"Evolução". 1933. p. 7.

de S. Paulo, ou paulistas do Brasil ou dos Brasileiros. (...) O preto está no coração dos paulistas, como irmão de cruzada. E em S. Paulo, ao preto deve-se dar o braço, na educação que pretendam, na organização de classe que esboçem, ou nas aspirações que guardam. Devemo-lhes o braço, dando-lhes o coração, porque eles nos deram, em grande parte, a invejável situação economica que desfrutamos dentro e fora do Brasil".⁴⁴

A imprensa negra manifesta "incontestavelmente, os fundadores de toda a prosperidade e do poder economico desta grande patria", pois "*deve-se a elles, aos negros, aos épicos filhos das solidões da Africa*". "mais uma passagem da Lei Aurea, Lei que veio redimir os padecimentos de uma raça forte e dedicada; raça heroica e amargurada, que, apesar de espoliada, venceu sacrificada como fora o calvario ininterrupto de doloroso que tivera de atravessar sob os seus e nas terras de Santa Cruz".⁴⁵

Em 1933, a revista "Evolução" lança um número comemorativo ao 13 de Maio. Na sua página de apresentação lembra os grandes negros e outros personagens da história:

"Patrocínio é um dos grandes da jornada de glorias, Luis Gama outro personagem da campanha dos nossos infelizes avoengos; é o grande Ruy, o entusiasta caudico da sorte do negro, Castro Alves o cantor sincero da vida do negro, lamentando com tanta justiça as dores do negro escravidado. Bilac, Coelho Neto, Guimarães Passos, Joaquim Nabuco, José Bonifácio, Antonio Bento e outros mais, grandes homens da época que se congregaram para o bem da nossa raça".⁴⁶

(44) - Revista "Evolução". 1933 (6): 4-14.

(45) - "O Clarim da Alvorada". 1929 - ano VI, n. 16: 13/5.

(46) - Revista "Evolução". 1933 (6): 3.

A formação da raça negra "vae sendo seguida do caldamento de trez outras, que se purificam no cadinho de um sol brasileiro, o preto, homem forte, homem valente, prestou valioso e magnifico concurso"⁴⁷, valorizando esse "negro que fez o Brasil agricola com seus braços, que fez o Brasil intellectual com o sangue das suas esposas as quaes aleitaram com tanto carinho os grandes vultos".⁴⁸

O grupo negro desperta para o sentimento patriótico na intensidade tal que os "faz compreender o próprio valor", eles que "em tempo algum, deixaram de attender a voz da patria, nos seus momentos mais difficeis", a essa "pátria, pelos homens que por ella respondem", "sem fugir aos principios de gratidão, negar os sagrados direitos a que elles fazem juz, não porque elles o tenham obtido, implorando-os de joelho em terra, mas porque o conseguiram pela sua bravura, pelo seu labor incessante de muitos annos".⁴⁹

Um maior reconhecimento pela sociedade o negro pretende através do esporte, evidenciando a aptidão física do atleta negro, para projetar-se e não se apegar aos vícios, pois o "Atletismo", é o único esporte capaz de terminar com a vida desregrada da maioria dos nossos jovens. (...) No Brasil, apesar do esforço titanico que o preto faz para ingressar em qualquer dos nossos clubs, possuímos bons atletas".⁵⁰

(47) - "Progresso". 1928 - ano I, n. 6: 15/11.

(48) - "Elite". 1924 - ano I, n. 2: 20/1.

(49) - "Progresso". 1928 - ano I, n. 6: 15/11.

(50) - "O Clarim da Alvorada". 1932 - ano IX,

Neste período (1924-1937) a união e a solidariedade têm por objetivo reivindicar a participação efetiva dos negros na sociedade brasileira.

O tema união aparece aliado a uma verdadeira campanha tendo, como precursor, José Correia Leite, pela "fundação de um centro beneficente", ... "uma prova que somos dignos de usar o nome de homens civilizados. Para isso seria preciso que um punhado de homens de nobres ideais assumissem essa santa cruzada. (...)"

Entrelacemos nossas mãos, assim conseguiremos uma só força, lutando para o mesmo ideal. Hoje um punhado, amanhã uma multidão (...)"⁵¹.

As sociedades beneficentes aparecem como uma solução para o atraso do homem negro, preocupado em proclamar que necessitamos formar sociedades beneficentes, educativas para que, não vivamos por mais tempo em completo atraso, como até presentemente.

(...); a beneficente para todos e a educativa e instrutiva para os que são analfabetos. (...) Procuremos reunir os que tem boa vontade; assim demonstraremos que entre os que amam os seus irmãos de raça existe uma completa União. Reunindo-nos trataremos dos nossos interesses, dos nossos infelizes que vivem a esmolar"⁵².

Para Moysés Cintra, um dos pseudônimos de Jayme de Aguiar: "Venceremos se combatemos a humildade, fazendo-nos apresentáveis em lugares necessários com o apoio da nossa boa apresentação. (...). Agora me dirão os leitores, de que forma, si não temos nada? É engano temos muito, depende somente de nós, da nossa União. (...)"

(51) - *Id.* 1924 - ano I, n. 1: 6/1.

(52) - "O Clarim da Alvorada". 1924 - ano I,

Com essa reunião havemos de ver os nossos homens bem unidos aos nossos corações de brasileiros e irmãos que somos, trabalhando todos para o ideal dos ideais"⁵³.

O tema união é também abordado no sentido de uma liberdade a ser conquistada, no jornal "O Clarim da Alvorada": "A liberdade pede uma união verdadeira: há entre essas duas palavras poderosas uma significação sagrada, porém, despresadas vivem, esparsas sem a nossa compreensão exacta; porque razão havemos de viver desunidos? (...)"

Devemo-nos unir, afim de não mais vivermos tão humilhados, despresados, sem instrução; quasi analfabetos, sem moralidade e sem união"⁵⁴.

União e solidariedade são reivindicadas uma vez "congregadas essas sociedades dansantes", haja vista que "por esse laço de união, teremos um só ideal, uma grande força, o necessario recurso para tratarmos de tudo quanto precisamos"⁵⁵.

Essa união se expressa também pelo sentimento patriótico de ser brasileiro, através do que ele lutará pela melhoria da sua raça, quando dirá "sempre com elevado orgulho: sou negro mas sou brasileiro; vivo em communhão com meus patricios e cooperando para os melhores dias da minha raça!"⁵⁶.

Combatendo diferenças existentes dentro do próprio grupo negro assim expõe "O Clarim da Alvorada": "*Pretos ou mestiços é uma cousa só, todos descendem da mesma raça; todos são negros. E porque tambem a idea não*"

(53) - *Id.* 1924 - ano I, n. 1: 6/1.

(54) - *Id.* 1925 - ano II, n. 14: 30/8.

(55) - *Id.* 1926 - ano III, n. 19: 21/3.

(56) - O Clarim da Alvorada. 1926 - ano III,

deve ser uma? Sendo uma só, a idea a luta tambem será uma; porém caso contrario nunca haverá harmonia em nossa classe, e o preto deverá ser combatido pelo proprio preto”⁵⁷.

Correia Leite, faz um apelo à união levando os negros a determinado grau de conscientização: “Os negros de S. Paulo, devem formar a sua frente unica; o trabalhar com lealdade para a unificação da classe, antes que seja tarde, pois nós os dirigentes desta folha, não tememos as criticas gratuitas dos innumerables despeitados; porque, enquanto os nossos irmãos de sangue que possuem dois vintens, assistem o retrocesso da raça, fugindo de sua propria sombra, nós temos certeza que, a nossa iniciativa, não perecerá em nossa mente... Ella viveu e vivera latente se vindo de alicerce e gaudio para uma alvorada nova, a geração que há de vir, porque é para ella que estamos plantando este orvalho immenso que tem de florescer — formando negros instruidos — para a maior grandeza do Brasil”⁵⁸.

A imprensa negra deseja o “negro do Brasil grandioso (...) hoje ou amanhã”, para participar do “momento feliz [que] será, quando as mãos possantes dos negros sensatos se entrelaçarem para a comunhão do amor. (...) Si há quem pense, que, o negro ainda não tratou da sua educação, e para tal é necessario o apoio de gregos e troyanos; nós outros achamos que se torna preciso antes de qualquer ajuda, tratarmos da nossa UNIÃO, para evitarmos as innumerables divergencias que por certo surgirão; isto é o que tem acontecido até a data presente”⁵⁹.

Fica evidente essa união, tão reivindicada, de modo mais acentuado nos jornais do 2º período. Outro aspecto do tema é o que encontramos em um artigo do jornal

(57) — *Id.* 1926 — ano III, n. 24: 22/8.

(58) — *Id.* 1929 — ano VI, n. 16: 13/5.

(59) — *Id.* 1928 — ano I, n. 6: 1/7.

“O Clarim da Alvorada”, “O Negro deve ser politico?”, assinado por Frederico Baptista de Souza, que responsabiliza a falta de união pelo fracasso dos negros, tanto em suas realizações como em suas reivindicações:

“— Seria preciso formar um grande bloco e na occasião precisa elle desabasse, firmando a solidariedade do negro, não derruindo quasi sempre as nossas proprias aspirações, formamos projectos e encontramos sempre a dificuldade para a sua realização, exemplo: (“O CONGRESSO DA MOCIDADE NEGRA”) que, apesar da boa vontade de alguns continua como em latargo, esmorecido, porque não encontrou o verdadeiro apoio que lhe deve prestar o elemento negro”⁶⁰.

“O Clarim da Alvorada”, prossequindo com insistentes apelos pela união do grupo negro reclama o emprego de esforços para no mais breve formar uma corrente coesa “não só para seu bem como a deixarmos de ser o que fomos até agora: Uma “Raça Inferior”, no entender dos brancos...”⁶¹.

Neste mesmo período (1924-1937) encontramos em outros jornais como “Elite” (1924); “O Patrocinio” (1928), expresso o tema união. O “Progresso”, em 1931, no artigo “Cuidar da Criança é Cuidar do Futuro”, menciona que é preciso cuidar “com sinceridade e com intelligencia no futuro da nossa mocidade negra e se unam e, dentro da esphera da sua acção, se dediquem à tarefa remuneradora por excellencia, pelo fruto que produzirá no futuro, a salvação da Raça Negra!”⁶².

De forma mais contundente a revista “Evolução” chama a atenção do grupo negro que agora é livre “dos atrozes sofrimentos, mas urge que não fiquemos nisso a nossa

(60) — *Id.* 1929 — ano VI, n. 21: 27/10.

(61) — *Id.* 1932 — ano IX, n. 39: 31/1.

(62) — “O Progresso”. 1931 — ano IV, n. 42: 15/11.

liberdade depende agora de nossos próprios esforços, sem os quaes o fracasso é certo.

Esse esforço em que consiste? Consiste na força da união, em que não entre politica externa, mas sim a interna para nossa arregimentação, porque sem arregimentação solida nada poderemos alcançar”⁶³.

São constantes os apelos enviados “reconhecendo, aproximando, unindo”, “é a fraternidade, a força maravilhosa de quem devemos esperar o advento da paz.

É a própria natureza que requer a solidiedade dos parentes, na família; a dos condiscipulos, nas escolas; a dos homens em geral, na sociedade, na ordem natural há entretanto as diferenças de robustez, energia e capacidade, o que não podemos evitar. Na ordem juridica, porem tanto o fraco como o poderoso, o pobre, o rico todos tem o mesmo direito”⁶⁴.

O jornal “A Voz da Raça”⁶⁵ tenta, com todas as suas forças, unir os negros através da Frente Negra Brasileira. Assim, o artigo “Pensando na Vida”, transcreve: “Os Srs. todos não podem proteger-se sosinhos e fiquem certos de que, estando cada negro separado para um lado, ninguém cuidará deles. É preciso união que cooperativamente facilitará tudo, cada vez que um precisar.

(...) Todos por um e um por todos.

A união se faz por meio de uma associação. Para o negro ela já existe — é a ‘Frente Negra Brasileira’ com sede central à Rua da Liberdade”.

(63) — Revista “Evolução”. 1933 (6): 7.

(64) — *Id.* 1933 (6): 13-14.

(65) — “A Voz da Raça”. 1933 — ano I, n. 12:

Neste sentido, a “Oração aos Pretos”, é um forte apelo à união e à solidariedade:

“Bons amiguinhos. A união é a base fundamental do progresso; para progredirdes, adotae-a na pratica da vida. Não deveis abandonar, nem apurar e nem profanar nenhum ente de vossa raça, mormente se ele tiver inspiração progressiva; abraçae-vos com êle e fazeis diligencias para que a vossa raça, somente pratique cousas futuras e apresentaveis perante o povo culto; contaê-lhe a historia que estaes ouvindo e acrescentaê-lhe que já é tempo de salientar-se dentre as outras raças porque o direito vos apresenta”⁶⁶.

A integração do negro na sociedade brasileira constituiu a preocupação máxima dos produtores dos jornais que analisamos. Para tanto, perceberam a necessidade de formar o negro em seus diferentes aspectos: educação, cultura, instrução, e, principalmente, conscientizá-lo de sua posição na sociedade brasileira, e mostrar-lhe qual poderia ser a sua atuação, como participante do grupo negro, e da sociedade mais ampla.

Com essa finalidade foi grande o empenho dos jornais neste segundo período: “O Clarim da Alvorada”, “A Voz da Raça”, com maior destaque, e outros.

Neste processo de conscientização, “O Clarim da Alvorada” em seu exemplar n. 6, no artigo “De que necessitamos”, assinado por Moysés Cintra, traz o seguinte:

(66) — “A Voz da Raça”. 1933 — ano I, n. 12:

"Senhores: a vida é curta, devemos-nos divertir; mas também devemos pensar em o nosso futuro e no dos nossos descendentes; é preciso que nos recordemos que nada possuímos nesta vasta nação de tantas bellezas naturaes, onde os nossos avós se sacrificaram pela actual grandeza; (...) Necessario é que, os que têm posição social, recordem-se que ha varios patricios nossos em completa miseria"⁶⁷.

Considerando a liberdade alcançada com a Lei Aurea, José Correia Leite concita o grupo negro para que saia da situação em que se encontra: "Será por certo, ainda que o nosso atrazo vá além desta geração? (...) nós continuamos marcando vagarosos passos, contemplando a evolução das nossas industria, commercio, etc., vagorosamente, vagorosamente"⁶⁸.

Mais do que a conscientização do negro, e sim uma crítica até certo ponto severa à atitude de alguns, é expressa em "O Clarim da Alvorada":

"Homens há que só vivem para desfazer os esforços de outros; julgam-se grandes, competentissimos, (...) mas não passam de indesejáveis, em certos meios onde se nota a boa vontade (...).

Cobertos com a mascara da hypocrisia elles, traioçairamente procuram desfazer tudo quanto se faz de bem; querem a collectividade para seus fins pessoas; (...).

Infelizmente, onde encontramos taes individuos é na nossa classe; o preto nunca, jamais conseguirá vencer, enquanto acompanhar as más idéas; os homens sensatos que já trabalham em prol da raça, poderão afirmar este facto veridico. (...).

(67) - O Clarim da Alvorada. 1924 - ano I, n. 6:

(68) - *Id.* 1925 - ano II, n. 14: 30/8.

22/6.

(...), são bem poucos os que comprehendem estes factos, mesmo assim vivem sujeitos, deixam-se levar, por esses intelligentes, profundos conhecedores das nossas necessidades, por esses que deso- jam emplantar na paz o espírito de rebeldia"⁶⁹.

Além do objetivo de conscientização temos impresso o desejo de ascensão social elevando "olhares ambiciosos ao futuro que se nos apresenta, tratemos, pois, de cultivar o nosso espírito, a nossa razão, para competetramos bem como as grandezas que se hão de esplanar ante nossos olhos desvendados da ignorancia, ante as instruções que tomarmos, com a sensatez precisa para adquirirmos força de vontade, o livro primeiro das nossas obrigações, o das letras mais tarde se a tanto chegar os nossos conhecimentos"⁷⁰.

A vontade de agir e inovar, sempre conscientizando: "Firme, de pé, povo preto. Olhemos para a Esperança!... Ella nos promete um futuro recheado de risos e de flores! A nossa imancipação surgiu a tantos annos, mas ainda somos oprimidos, porque vivemos as ordens do [vendaval] da vida, entregues aos empurros dos grupos e do desprezo, que não procuramos suplantar-os. Innovemos os nossos pensamentos, contemplemos as leis de nossa terra, que dentre essas leis, tambem, está escripta a nossa"⁷¹.

A imprensa negra responsabiliza o grupo negro pela inferioridade de situação e critica a atitude protecionista e paternalista do branco clamando o negro para "luctar com vontade e coragem, e, não andarmos de chapéus nas mãos,

(69) - *Id.* 1926 - ano III, n. 19: 21/3.

(70) - O Clarim da Alvorada. 1926 - ano III, n.

24: 22/8.

(71) - *Id.*, *ibid.*

implorando o nosso proprio desvirtuamento, como se fossemos a escoria da invalidez social. Assim como diz o Sr. Alcides Costa, em seu bem feito artigo, (...):

O preto até hoje, não cuidou da sua melhoria social; não tem cuidado de sua instrução; não tem cuidado absolutamente de sua educação; e finalmente, parece querer viver sob a direcção e protecção do branco, na illusão insensata de que nada vale, de que nada pode !...

Infelizmente, esta é a mais larga expressão da verdade, porém, a legitima protecção do branco, não veio totalmente ao encontro da raça negra do Brasil, porque depois que o negro deixou de ser a formidável machina productora, ficou só, parado na estrada do progresso"⁷².

Preocupados e mais conscientes, o período 1924-1937 mostra ao grupo negro "a segurança do futuro da nova geração que vem surgindo, e, precisa por força, encontrar o exemplo da nossa vitalidade moral, em volta de tantas ideas sans que temos defendido e semeado na seara do bem e do bom viver". Para isto o "elemento negro já sabe, que precisa trabalhar para a sua integralização moral e material; é uma conquista imprescindível; é uma necessidade inadiável que se nos apresenta; é a consagração que se pode offerecer à memória do nosso antepassado"⁷³.

Considerando a possibilidade do negro ter atuação na vida política, Frederico Baptista de Souza, no artigo "O negro deve ser político?" publicado no jornal "O Clarim da Alvorada", coloca o seu ponto de vista, quanto a esta atuação,

e dá diretrizes para que o negro possa fazer tal reivindicação, sempre para um grau cada vez maior de conscientização:

"- O negro deve ser político, compreendendo os deveres do bom e do util, não político pelo mero prazer em ser agradável a este ou aquelle, sem vontade própria; deve ser politico, porem de baixo de uma organização, com programma definido, organização esta que possa produzir interesses à raça negra."

- Verdade é que ouvimos a cada passo se dizer que o negro não tem habilitação nem capacidade, puro engano; o que há é que muitos renegam a sua origem; nem só esta, mas a própria cor! para que, não nos envergonhemos de ajudal-o com o nosso voto, a galgar uma posição elevada e honrosa para os proprios negros"⁷⁴.

Da mesma maneira, novamente o grupo negro é responsabilizado pela sua situação na sociedade dominante, alertando-o da necessidade de disciplina:

"Os unicos culpados são os proprios negros que ainda não sabem ser disciplinados, para o seu proprio bem."

Sem disciplina, o homem é como navio sem busula: no mar ao sabor da tormenta.

Não tem educação de espirito, não tem attitude de vida, nada lhe serve porque a ideia de desordem impera e assim julgando, tudo para ele é impraesentável"⁷⁵.

(72) - *Id.* 1928 - ano I, n. 6: 1/7.

(73) - *Id.* 1929 - ano VI, n. 16: 13/5.

(74) - *Id.* 1929 - ano VI, n. 21: 27/10.

(75) - *A Voz da Raça.* 1933 - ano I, n. 12: 10/6.

No artigo que segue Francisco Lucrécio aborda vários aspectos da situação do negro dentro do seu próprio grupo. Enquanto é admitida uma heterogeneidade neste grupo minoritário, fica evidente certa competição. Ao mesmo tempo, ele, negro, questiona o seu próprio grupo.

“O negro tem receio de progredir, mas tem intuição do mando sobre o que pertence aos seus irmãos de raça.

Onde esteja, não estão satisfeitos, com especialidade em se tratando de uma organização essencialmente de gente de côr. Existe uma persistente desconfiança surgida por querer, o negro, saber igual, julgar-se do mesmo nível social e de conduta de todos os negros, coisa que não há fundamento nem lógica.

(...). Não penso em fazer aqui uma seleção no meio negro.

Mas é justo que se observe e valorize aquele que manifesta tendências para o que vem seriamente beneficiar uma coletividade. Esse, é necessário que se respeite em todos os sentidos. (...)

Lamento profundamente a existência de pequenos núcleos de negros que dizem trabalhar para a união, assistência jurídica e hospitalar, nada se vendo a respeito. Outros há que o negro fá-los de verdadeiros escravos em ocasiões de suas necessidades e depois ainda têm a petulância de ridicularizá-los como entidades personalistas, sem se lembrarem que são estas que lhes têm proporcionado o bem sem que isso seja reconhecido. Esse é um fenômeno bastante explicativo que coincide com certos aquários com especialidade aqueles que devoraram os seus semelhantes. (...).

Eis portanto as razões de ser o negro inimigo de si próprio, por falta de um polimento inteligentemente feito, para que se conte com os membros que se dizem proe-

minentes e bemfeitores aos seus irmãos, ao passo que só servem para desvirtuar a ação dos negros de fibra, que tudo fazem para os seus, que nada têm por causa dos seus e resignadamente vão sofrendo, até que se ouça uma voz de cessar a luta. Toda ela derivada por descontentamentos, intrigas, ciúmes, invejas, personalismos, incompetências sabichões, parasitas, miudezas, boatos inconvenientes, tudo entre os que dizem trabalhar pela grandeza negra do Brasil e até do mundo.

(...).

Eis pois, mocidade negrina, aí, o tolhimento da prosperidade do negro brasileiro e quiçá duma pátria, que tanto espera de vós; quero crêr que essa mesma mocidade saberá cumprir o seu dever libertando-se do medo de progredir, medo de lutar... para a morte do INIMIGO DO NEGRO”⁷⁶.

Os jornais do segundo período, além de valorizar e conscientizar o homem negro, partem para as reivindicações, o que vai, de certa maneira, resultar na organização do grupo negro, permitindo o início de sua participação e representação na vida política do país. Essas reivindicações se voltam do mesmo modo que nos jornais do primeiro período, para a educação e a instrução, para a moral, para o combate ao alcoolismo e outros vícios e, inclusive, para o preconceito.

“O que nos falta para alcançarmos o zenith da gloria, que é justamente, o que a Esperança nos promete, é o muito capricho; tenacidade fervorosa pelos estudos e unirmos, enfim, para fins instructivos. Com taes predicados, mudaremos de apparencia e com a nova apparencia, conquistaremos, immortavelmente, o mimo que a Esperança nos conserva”⁷⁷.

(76) — *Id.* 1935 — ano III, n. 47: 31/8.

(77) — “O Clarim da Alvorada”. 1926 — ano III, n. 24: 22/8.

A ascensão social tão procurada ou desejada somente será possível se o grupo negro vencer obstáculos, pois "nós os pretos precisamos mandar educar nossos filhos, dando-lhes uma educação onforme a nossa força; assim elles estarão preparados para tomar parte em qualquer cargo que dependa de exame ou concurso"⁷⁸.

O mesmo desejo vem expresso no artigo "O negro deve ser político?", publicado também em "O Clarim da Alvorada": "—O que convem é a educação para que os futuros negros sejam uteis à sociedade"⁷⁹; e em "Elite":

"(...) eduquemos os nossos filhos, sacrificuemos tudo para eleval-os à altura de perfeito cidadão e dia virá em que, proclamarmão bem alto, para todo universo, que são brasileiros tão dignos como os demais o são"⁸⁰.

Maior incentivo é denotado quando a imprensa negra, em "Campanha Patriotica" faz apelos para que o grupo negro cumpra "seu dever cívico" pela educação:

"É a pratica da instrução o verdadeiro dever cívico, que deve cumprir todo o brasileiro que almeja a sua patria um futuro brilhante, digno della; e para tanto não dispensará grande esforço, bastando apenas um pouco de força de vontade. (...) Qual de vós, que tendo a felicidade de saber ler e escrever não dispõe de tempo sufficiente para fazer um bem a outrem, sem prejuizo pecuniario e sem atrapalhar os seus affazeres habituaes?"

(78) — *Id.* 1927 — ano IV, n. 30: 20/2.

(79) — *Id.* 1929 — ano VI, n. 21: 27/10.

(80) — "Elite". 1924 — ano I, n. 2: 20/10.

Apenas trinta minutos diários bastarão para que se possa ministrar as primeiras letras, e o interesse (...) por si só se encaminhará, pois, os poucos conhecimentos recebidos, animal-o á a prosseguir sosinho, para saciar a sede do saber que em todos os seres humanos se observa.

(...), o analfabeto, auxiliado por alguém, encontrará também a luminosa vereda do saber. (...)

Labutar contra esse mal que infelizmente assola ainda o território brasileiro, cujo nome é 'analphabetismo' será além de praticar um bem ao nosso proximo, um inestimavel serviço prestado á nossa

Em 1931, o jornal "Progresso", reivindica amparo á juventude negra, para atingir a elevação do grupo negro para "salvar a juventude negra da degradação e da miséria material e moral em que se encontra.

Por quasi todo S. Paulo se depara com grupos de crianças abandonadas a devassidão e ao oprobrio.

Que dizer dos menores que estiolam nos salões?

Corpos tenros e já em farrapos! São flores em botão que jamais darão frutos sazonados, porque vivem sem amparo de ninguém, pelas ruas crestando-se pelos bailes.

Este triste espetáculo não deve continuar, não pode continuar"⁸².

"A Voz da Raça", com a seção "O que nós os pretos devemos saber", visa formar os negros, em termos de educação e boas maneiras.

(81) — O Patrocinio. 1929 — ano IV, n. 46: 20/10.

(82) — Progresso. 1931 — ano IV, n. 42: 15/11.

“CONSELHOS

O que nós os pretos devemos saber:

- Devemos tratar todos com respeito; para sermos também respeitados.
- É princípio de civilidade não fumar no quarto de um doente; quando lhe façamos uma visita.
- Precisamos tratar mais dos dentes; do que dos lábios.
- Quando tomar o Bonde e sentar perto de uma senhora, não devemos fumar; é falta de cortesia.
- Pessoa que está em estado interessante deve estar sempre coberta com seu casaco, quando sair para passear.
- Não devemos desprezar os que não tem roupa cortada pelo ultimo figurino; porque a fartura não dura sempre.
- Precisamos mais de ação e menos discursos.
- Não devemos fazer apresentação de uma pessoa para outro; porque aqui na capital nós somos todos conhecidos de vista.
- Quando uma pessoa estiver conversando na rua ou em qualquer lugar devemos esperar-o tres metros mais adiante para não observar assuntos que não é do nosso interesse.
- Não devemos fazer visita para ninguém na hora do almoço ou do jantar; para não ser chamado de ‘Fila Boia’.”⁸³

O mesmo jornal enfatiza a instrução, deixando evidente que sem esforço o negro nada conseguirá:

“Coragem irmãos! Estudai! Vencer!
Ardua é a escalada da gloria e não há vitoria autentica sem luta porfiada.”⁸⁴

(83) - A Voz da Raça. 1933 - ano I, n. 12: 10/6.
(84) - *Id.* 1935 - ano III, n. 47: 31/8.

Como numa batalha incessante, prossegue “A Voz da Raça” reivindicando, alertando o grupo negro da necessidade de educação e instrução, “coisa tão necessária a um povo que quer progredir momentaneamente na hora difícil que a humanidade atravessa, é que traz-me a estas colunas, afim de fazer um apelo à gente negra frentenegrina, convidando-a à instrução, pois sem isso ser-nos-a mil vezes mais difícil e quasi ingloria a campanha em a qual nos achamos, para a conquista dos ideais sublimes da Frente Negra Brasileira.

A sede da Frente dispõe de um Curso de Alfabetização, Curso de formação Social, Curso Musical, etc. Instruamo-nos, pois!

Instruamo-nos e a batalha do dia de amanhã se nos apresentará muito mais suave, alem de abreviarmos a chegada dos dias em que os pelejadores em prol da redenção da raça negra do Brasil durmam sobre os louros da vitoria.”⁸⁵

A imprensa negra reivindica também o combate ao analfabetismo, se pergunta e se responde, pelo “triste estado de coisas”, quando em “quatro décadas que somos livres filhos da terra de Santa Cruz, e, ainda, não temos um rancho, ao menos, onde se ministre ás primeiras letras a nossos irmãos na cor!...

Não é bastante saber ler e escrever. É preciso mais. Um emprego [definido]. Um officio. Feliz do pae que conseguir dar um emprego a seu filho. Equivale a uma herança. ‘Officio é beneficio’, vive na bocca do popapulacho.

É urgente uma reacção. Temos força de vontade, brio em demasia, mas, fallece-nos coragem.

Supprimindo a falta da escola que carecemos, ahí está o Juizo de Menores, preparando homens validos e capás

(85) *Id.* 1937 ano III, n. 62: 1/2.

para o futuro. Abreviar o estafante serviço dessa autoridade, precisamos. Como?

Educando, de hoje em diante, a medida de nossas forças, os nossos filhos. Se assim procedermos, jamais escapará de seus labios: — "Sou um analfabeto, e culpados dessa minha deessidia, foram meus paes'.

Outro intuito estas linhas não têm, sinão de appelar para os paes de hoje que colloquem nas pequeninas mãos de seus rebentos a cartilha"⁸⁶.

Também a moral desse homem que há de "ser sempre um rebellado, um inconsciente ante ás leis do Deus- Supremo que lá de cima o vê reestejar no pó da terra, minuscullo, mas insuflado pela insatisfação!

(...)

O salario que tem na repartição em que moureja dá-lhe muito bem para manter a familia e ainda fazer economias, mas o transviado, o perdido da rota do Bem, vive clamando contra a justiça do Céu por que o dinheiro que aufere no trabalho honrado não lhe chega para nada!

(...)

Vão se passando os annos e a Velhice, vem chegando e com ella o tardio arrendimento e o tumulto..."⁸⁷.

O mesmo artigo faz critica aos vícios e maus costumes:

"Deus lhe deu saúde, robustez nos musculos para o trabalho diurno, e elle, á noite em torno de uma mesa objecta, num ambiente saturado de impurezas, ou nos decorados salões da alta roda, onde

se tem o fato limpo e a alma manchada, perde o somno - o reformador da energia physica - e perde com as cartas nas mãos, a vergonha e o credito, antes de saccar do bolso a primeira moeda... (...), manuseia o baralho vil e enquanto no seu lar ha falta de um cobertor para um filho, perde o dinheiro e a saúde, e o abysmo vae-se approximando mais... E clama, insensato: 'Eu trabalho e me canso... (...).

Aquillo que eu recebo, mensalmente mal chega para o sustento da prole.

E depois, minutos depois accende um cigarro, e vae visitar a amazia, antes de beber cerveja e se deixar vencer pelo hyponotismo do panno verde..."

Com maior objetividade "A Voz da Raça" em 1937 tenta combater os maus costumes:

"Em inumeras cidades, o ponto de concentração dos 'colored' a indicação das maximas e minimas entrevistas, é o recinto confuso dos 'botequins' onde, na mais completa balburdia, passam horas e horas em conversas inuteis que, ao invés de correrem a alguma restauração coletiva, simplesmente vêm desordenar a marcha pacifica e patriotica das iniciativas com que, uma pleiade deles, tenta conseguir a reacquição de sua liberdade de pensar e agir. (...)

Muita coisa já se fez pela Raça, muito óra se faz e mais ainda se fará, por certo, nos dias que subseguirem a estas lutas constantes para o seu engrandecimento.

(...)

Urge, por isso, que os negros se incompatibilizem com as 'paradas forçadas' que degladiam a sua sublevação, fazendo guerra persistente aos seus patricios infractores. Para apreciar um 'apetitivo', não é mistér morar em 'botequins'.

(86) - Progresso. 1928 - ano I, n. 1: 23/6.

(87) - O Clarim da Alvorada. 1924 - ano I, n. 6:

Isso porque, se toda essa gente negra que vegeta pelas 'esquinas e botequins' se regenerar e apoiar pelo menos, a campanha pró-restauração da Raça, o Brasil terá, nesta fase de controvérsias, o ponto culminante de sua Salvação".⁸⁸

Dentro da evolução social pretendida e reivindicada a imprensa negra registra que há "muitos pretos que afirmam a existência de um pequeno preconceito em nossa terra!

Não é verdade, meus patricios de cor.

Existem uns incurtos e invejosos, que sempre procuram obstruir a ascensão de alguns dos nossos de cor, em benefício dos seus candidatos. Isso sempre acontece e tem de acontecer com todas as classes ou pessoas que procuram o bem estar para seus dias.

(...). O Dr. Sylvio Romero no seu livro *Moral e Civil*, diz: Todos os homens que têm o seu preparo intelectual ou profissional estão aptos para ganhar sua vida honestamente. Nós, os de cor, para obter um lugar custa um pouco; mas, graças a Deus sempre surge coração humanitário que não quer ver a nossa cor, sim o carácter, e dão um lugar para os nossos de cor.

E porisso meus irmãos, que eu digo não existir preconceito; só ha incurtos e invejosos. (...)"⁸⁹

Nebulosamente, enquanto uns não aceitam o preconceito, outros o vêem sem que possam "atinar com a razão desse procedimento", sendo, então, "afastados de certos cargos públicos".

(88) - A Voz da Raça. 1937 ano III, n. 62: -/2.

(89) - O Clarim da Alvorada. 1927 ano IV.

"Esse fato, como é de se vêr, choca profundamente com os sentimentos do povo, na realidade, não mantem preconceitos de cor.

O que acima dissemos vinha se verificando nas repartições públicas estadoaes e já estava se fazendo demasiadamente sensível.

O Sr. Julio Prestes, presidente do Estado, conhecedor da situação, que se choca rudemente contra o espírito da lei e contra os sentimentos populares, acaba de estabelecer severas medidas que virão por cobro a essa lamentavel injustiça.

(...)

O gesto do Sr. Julio Prestes, já o dissemos, é desses que merecem os maiores applausos, e nós, que jamais alimentamos o desejo de encontrar mau tudo quanto o governo pratica, não negamos, de nossa parte, os nossos encomios, os mais sinceros, ao illustre sr. presidente do Estado".⁹⁰

Paralelamente "o negroi foi substituído pelo imigrante, o pobre ficou sem norte, iludido com sua carteira de eleitor e com o seu titulo de cidadão brasileiro, mas, não o ensinaram a ler nem a escrever; classificado pelos altos sociólogos, descendentes de raça inferior".⁹¹

É com este raciocício que a imprensa negra, mesmo expondo exemplos de forma individualizada, apela para o grupo negro, pois tanto o homem como a mulher "de raça negra têm, de colligar todas as forças de sua alma de seu coração, e de sua intelligencia, no sentido de aperceber-se dos patrimonios superiores que alcandoram a personalidade humana e determina-se numa labareda de fé e de energia a exigir,

(90) - "Progresso". 1928 - ano I, n. 6: 15/11.

(91) - "O Clarim da Alvorada". 1928 - ano I,

dentro do Brasil, os direitos que as leis que não lhes negam mas que o feito moral e espiritual do Brasil lhes recusa poeticamente por um vil preconceito contra uma raça a que o Brasil deve a sua formação como povo e raça mas a que elle tudo nega porque são negros".⁹²

José Correia Leite abordando o preconceito, mostra aos próprios negros "a existência da questão negra, brasileira", daqueles que vivem "apavorados diante da marcha evolutiva de outras classes", ora por incapacidade, ora por uma atitude passiva e de acomodação "diante dos phenomenos resultantes aos erros sociaes pela covardia e a vaidade de certos negros que vivem amparados pelo preteccionismo interesseiro e confessamos abertamente que somos incapazes de advogar a nossa propria causa. (...).

Os negros brasileiros, na sua maioria, não estão aparelhados para trazerem nesta grande jornada, a sua contribuição a patria no terreno moral e intellectual, porque, o sentimentalismo brasileiro, com relação a Raça Negra, segundo o notavel sociologo dr. Mario Pinto Serva, é: — "E nós no Brasil que fizemos dos negros? Pretendendo ser mais humanos que os americanos, nós não lynchamos os negros, mas, fizemos mais ainda e extinguiamos completamente a raça negra, abandonando-a á syphilis, á ociosidade. Qual é preferível — o sentimentalismo brasileiro ou a brutalidade americana? O nosso sentimentalismo não é homecida? Os americanos lyncham cincoenta negros por anno. Nós matamos a raça negra inteira no Brasil. No Brasil não ha preconceito de Raças. Assim dizem".⁹³

A reivindicação política do grupo negro através da sua imprensa se posiciona da seguinte forma, pelo artigo "O negro deve ser político?", de Frederico Baptista de Souza:

"— O negro, até a presente data, não teve conhecimento de um só Governador, que, em suas politicas politicas tivesse collocado uma só linha ao interesse do negro, para que este tenha algum merecimento, alem dos que lhes são dispensados nas occasiões tão somente de eleições.

(...)

— O negro deve ser politico, porem conscio de seus deveres, trabalhando para a sua prosperidade e bem estar de sua familia, enfrentando obstaculos, uma vez que redunde em proveito da classe.

— Então, nesse dia, poderemos cantar o Hymno da Victoria".⁹⁴

Esta a posição da Frente Unica em "Progresso", no ano de 1931:

" 'Frente Unica', quer dizer colligação de todas as forças physicas, de todas as energias de alma e de intelligencia da potencialidade total de alma e corpo em defeza intellectual, moral e economica, já não de um individuo, mas de toda uma raça, de todo um povo. (...)

Na hora em que o Brasil vae reunir o seu Congresso Constituinte, dando uma nota ao Brasil novo os homens e mulheres de raça negra devem comprehendere e batalhar para que nesse Congresso o negro tenha sua representação de seus legítimos irmãos de raça, para pensarem e realizarem por força de lei, tendo quanto ao homem e a mulher de raça negra tenha até hoje faltado por haver vozes que se levantem no parlamento nacional, em defeza dos seus grandes anseios de cultura e perfeição. Homens e mulheres da raça negra batalhae com

(92) — "Progresso" 1931 — ano IV, n. 42 — 15/11.

(93) — Revista Evolução. 1933 (6): 9.

(94) — O Clarim da Alvorada. 1929 — ano VI, n. 21:

ardor para que no alto conselho da nação a vos do negro se levante como uma tuba de guerra im-
pondo ao Brasil, para a raça, os esplendores da
Justiça".⁹⁵

A reivindicação política e a participação política do grupo negro, no período considerado, atinge o seu ponto mais alto, com a Frente Negra Brasileira e com a oficialização do seu partido político. Este fato, já mencionado no histórico deste trabalho, é registrado no jornal "A Voz da Raça", no artigo "O que pretendem os negros frentenegrinos com o nome de Frente Negra Brasileira":

"Ela já conseguiu, entre outras cousas que o Supremo Tribunal de Justiça Eleitoral achasse por bem reconhecê-la como PARTIDO POLITICO em todo o território nacional e isto, significa um passo bem agigantado de uma ação, cujo capital de combate tem sido a capacidade e a boa vontade dos seus componentes. (...). Trabalham os legisladores da raça, especialmente no campo Politico, dando provas de que são capazes de competir em todo terreno das atividades humanas".⁹⁶

Liberdade para as ações, para o pensar, etc., são reivindicadas e expostas com quase quatro décadas da Lei Aurea que "não nos trouxe somente a liberdade contra as irregularidades dos labores; da-nos o direito da liberdade de pensamentos. E a liberdade de acção uma vez dentro dos limites da nossa constituição; será impossível chegarmos cons-

(95) - Progresso. 1931 - ano IV, n. 42: 15/11.

(96) - "A Voz da Raça". 1937 - ano III, n. 62:

tituir um centro de homens pretos neste Estado ou no Brasil inteiro, para a nossa representação maxima como fazem os outros pretos de outras nacionalidades, sobretudo os estrangeiros aqui domiciliados? (...)

Será que os pretos do Brasil receiam reunir-se prevendo intervenções proibitorias? Absolutamente, não. Depende somente da nossa vontade, vivemos em nossa terra em piores condições que os estrangeiros aqui chegados a poucos dias, estes apoz alguns mezes de labores e de união, conquistam o que planejaram, isto em virtude da união e do trabalho, enquanto nós de nada valem e constituímos se não tratarmos de muito cooperar diante dos grandiosos progressos de nossa terra".⁹⁷

A "Tribuna Negra" em 1935⁹⁸ menciona que, "os negros de todo o mundo estão desafiados para marchar, para vencer ou morrer". E continua José Correia Leite: "Essa é a pura verdade. Não há meios termos. Si neste momento, o ultimo Imperio Negro cahir, exgottado sob o peso desse clamoroso attentado a liberdade de uma nação, preparado em nome da civilização com elle conidos. A obra do negro não póde ser emanada apenas de favores da politica partidaria. Aquelles que a comprehendem bem sabem que ella se pode ser realisada nos proprios arraiaes da raça. (...)

(...)

De uma cousa precisamos prevenir o homem negro brasileiro. Já chega de tapeações nessas manobras de baixos interesses pessoas. Já é tempo de se purificar as consciências. Há os patrioteiros de fancaria, individuos que surgem em

n. 14: 30/8. (97) - "O Clarim da Alvorada". 1925 - ano II,

zena/9. (98) - Tribuna Negra. 1935 - ano I, n. 1: 1.ª quin-

nossos meios cantando as promissas das mais tentadoras miragens, mas em verdade são verdadeiros abutres perdidos e trahidores”.

O jornal “Progresso” trouxe, sem título, o artigo que segue:

“O empresario José Loureiro organizou um grupo de negros retintos para irem a Europa cantar o ‘que é nosso’ e dançar o ‘coco’ do Norte como os sambas e cateretês da nossa gente.

Muito simples, claro e patriótico o que acima leram. Pois jornal houve que achou um tanto fora de nível racial a escolha de José Loureiro: — deviam ser mestiços os escolhidos! talvez para que as taes canções e os bailados tivessem mais doçura.

Não sabemos porque essa renitente perseguição ao negro patente do Brasil...

Mais uma causa sabemos, e que deve consolar o negro retinto, os mestiços levarão para lá, aos olhos do estrangeiro, a certeza de que no Brasil o negro serviu e ainda serve para tudo até para produzir a legião dos mestiços que dansam sambas e de que o Brasil se gloria...”⁹⁹.

A imprensa negra questiona a Abolição de 1888 relatando que “os pretos são amaldiçoados, mas se isto é facto, será por ventura, somente os do Brasil, sobretudo os de S. Paulo; exceptuando os de outras nações que progridem consideravelmente, engrandecendo a sua patria e a sua classe; e nós brasileiros pretos ficamos cheios de enthusiasmos quando contemplamos nos jornaes estrangeiros os progressos daquelles nossos irmãos de raça; porem, longe muito longe estamos de

(99) — Progresso. 1931 — ano IV, n. 37: 23/6.

imita-los”¹⁰⁰, ou, então, que a “liberdade dada aos pretos como foi, põe em evidencia os grandes contrastes da opulencia e da miseria. Devemos esse triste quadro, ao espantoso progresso do paiz. Uns triumphando na vida grandemente auxiliados pela Fortuna, a deusa millionária. Outros nasceram na miseria para nella morrerem, acossados por toda especie de revêses e contrariedades”¹⁰¹.

Entretanto, em “Os homens pretos e a evolução social”, assim expôs Horacio da Cunha:

“Ha muitos annos tendo eu lido uma velha revista, que contava factos dos tempos da escravidão, deparei com essas estrophes cantadas n’um samba por um dos nossos paes velhos, d’aquelle tempo:

Hoje nós somos livres

Amanhã nossos filhos

Vão todos para estudar

Depois serão Professor,

Médico, Deputado e Senador.

Vedes meus patricios?

O que cantou no samba á 38 annos passados agora vem realisado o ideal dos nossos antepassados”¹⁰².

Em “Capacidade dos incapazes...” José Correia Leite manifesta que em “nosso meio, existe um elevado numero de apostolos, mas, cada um costuma apostolar por conta propria, andam sempre desentendidos e desta feita, as ideas em vez de se congregarem, [chocam-se] violentamente...

n. 14: 30/8.

(100) — O Clarim da Alvorada. 1925 — ano II,

(101) — Progresso. 1929 — ano II, n. 17: 31/10.

(102) — O Clarim da Alvorada. 1927 — ano IV,

n. 30: 20/2.

e nada fazemos para o bem estar da raça. Os batalhadores mais conhecidos são por signal os que menos teem feito; esses pouco fazem porque não gostam de procurar aquelles que, verdadeiramente, podem lhes dár o necessario apoio. Vão procurar os humildes para depois os qualificar de *boçães*, mas, no entanto é com esses humildes que podemos contar para qualquer iniciativa.”¹⁰³

Finalizando, o segundo período, dois artigos merecem atenção, ambos publicados no jornal “Tribuna Negra”. O primeiro, “Trajetória do Ideal”, é polémico na medida em que faz uma rápida revisão das atividades do grupo negro, criticando sua ação.

“Durante tres annos mais ou menos, Palmares dominava todas as atenções, e todos os espiritos dotados do bom senso racial estavam integralizados na obra Palmarina.

Mas, apesar do grande entusiasmo, do grande trabalho dispendido, Palmares não foi mais feliz que as outras sociedades de até então.

Teve tambem o seu corpo minado pelo miocrobio da desorganização interna, e foi mais uma victima da falta de cooperação, e de manobras politiquieiras e interesses mesquinhos.

E depois de alguns mezes de grave enfermidade teve por destino a valla comum — o baile.

A raça teve depois da queda do ‘Gigante’ um intervalo nas lutas do seu interesse colectivo.

Quando o Brasil foi sacudido na sua estrutura politica, a raça se movimentou para a formação dos alicer-

(103) — *Id.* 1926 — ano III, n. 24: 22/8.

ces da nova obra, impulsionada tambem pela onda vermelha que varreu o território patrio.

Nasceu, então, a União Politico Social da Raça.

Desde ahi a raça teve o seu mais ardente entusiasmo, a sua maior agitação. O movimento foi tamanho que começou a inquietar a grande imprensa do Paiz. Para que isso? Era a indagação de todos. Os negros de nada precisam, teem tudo: era a afirmação de alguns. E dia a dia as fileiras iam engrossando, todos crendo na sinceridade dos chefes supremos do movimento.

Mas, oh! desgraça das desgraças!

A União trazia no seu ventre o embrião de ambições e interesses inconfessáveis, e dessa forma foi saltada pelo embuste, pela violencia, pelo despistamento.

Como era natural, criou-se a maior luta entre os elementos da raça, em protesto contra os desmandos da mentalidade dos seus dirigentes que tudo faziam sem proveito para a collectividade, visando apenas a satisfação dos seus baixos appetites e ambições.

O tempo foi passando e a luta cessou.

A União não precisou succumbir para seguir o destino de todas as outras.

[falha no original]

Cumpre-nos o dever de lançarmos um olhar retrospectivo na historia contemporanea do negro em São Paulo, e analizarmos com bastante animo e movidos da maxima sinceridade, as lutas havidas em prol da collectividade negra.

Varios e innumerables projectos para a formação d’uma sociedade que reunisse todo o elemento negro de São Paulo para a realização do alevantamento moral e material do negro foram tentados, e todos elles deram, no sentido geral, em resultado, umas tantas acções confusas e desmoralizantes

que vieram lançar desconfianças e descrédito no seio da massa negra já desconfiada.

Tentativas levadas a effeito pela geração que está passando, redundaram nessa legião de Centros, Uniãoes, Dramaticos e Recreativos, que infestam a nossa Capital e que servem apenas de rotulos para que meia duzia de expertos aproveitem para fazerem reuniões semanaes sem outra finalidade a veitem para fazerem reuniões semanais para a realização não ser a união da mocidade des preocupada para a realização de ensaios que não passam de verdadeiras aulas de desmoralização.

Tentativas de dez annos a esta parte é que vieram por um pouco de luz nas trevas em que a mocidade vivia envolvida com relação ao problema do negro.

Fundação de jornaes puzeram em acção uma pleiade de jovens idealistas, e a raça negra da Capital começou a interessar-se pela sua sorte. Assim a acção do negro veio crescendo e desenvolvendo.

1926. Fundase o Centro Civico Palmares. Inicia-se nessa epoca um periodo de grande agitação em torno dos problemas do negro brasileiro,

Discursos, conferencias, artigos, etc.

De todos os lados e por todos os meios via-se e sentia-se os elementos da raça negra num trabalho intenso de propaganda dos ideaes da raça — o alevantamento moral, material e intellectual.

1932. São Paulo, a grande formilha de trabalho, paraliza a sua vida industrial e commercial e atira-se heroicamente em luta pela constitucionalização do paiz.

O negro mais uma vez se movimenta formando a Legião Negra. E com a algamassa de sua coragem, (...) ajuda a construir os alicerces da grande obra de reconstrução da nacionalidade, tomando parte saliente nos sangrentos combates da luta gloriosa de São Paulo.

Terminada a guerra, houve a natural transformação. Partidos Politicos, Associações de Classe, Constituinte e Constituição.

E o negro tambem trocando o campo da luta, volve a sua atividade para o campo do trabalho construtivo da obra do seu interesse que é a integralização total do negro na communhão da nacionalidade.

Os soldados da constituição, são hoje soldados do ideal"¹⁰⁴.

O artigo de Fernando Goes denota um movimento de reflexão de crítica e autocritica dos negros que militaram na imprensa.

"No momento actual, cheio de lutas e incompreensões, é necessario que cada individuo comprehenda a importancia que pode ter a sua individualidade para a colectividade.

É preciso, portanto, que cada um tenha uma decisão. Fixe sua inclinação. Mantenha, firme, uma idéa. Enfim, tome um partido.

Esse partido, porém, não póde ser nunca o da inercia. Essa idéa, insincera. Essa inclinação, falsa. Para que aquella decisão seja sempre uma: a da acção.

(...).

Estagnação e impassibilidade não provêm directamente da collectividade negra. A culpa não é da massa. Os culpados são apenas os 'condottiere', Gamas de ultima hora, Patrocinios de terceira mão, que se utilizam da sua gente afim de galgarem posições destacadas. E é o grande mal. Porque a verdade é que o homem negro do Brasil (as excepções quasi

não existem) que descobre em si um pouco de intelligencia, de argucia de perspicacia, pensa immediatamente em tirar partido dessas qualidades sobre os seus companheiros menos perspicazes, menos argutos, menos intelligentes. Por isso é que vemos por ahi uma série infinita de conferencistas, de cathequistas, de apóstolos improvisados, que procuram á custa de uma dialética mais que duvidosa e uma elloquencia abstrusa, levar o povo negro para determinadas sociedades especulativas. São palavrosos quando deveriam ser substanciosos. Mentem quando deviam ser verdadeiros. Sob a capa de construir destróem. Dizem que educam e fogem sempre que é preciso ensinar. (...). Põem a vaidade acima da consciencia.

Ao lado desses demagogos e derramados surgem os doudores. São aquellos que conseguiram de certas escolas superiores pergaminhos de formatura. Dizem-se quasi sempre, diplomados em Direito. Quasi sempre são cathedrátricos de Tapeações. (...).

Armam casos raciaes com a mesma precisão com que um mathematico applica um theorema geométrico. [falha do original]

É necessario ver a vida como ella é. E não como nos dizem que é. (...).

A transformação attinge tudo. Política. Arte. Philosophia.

Não é mais admissivel, pois, que se pense pela cabeça dos outros. É preciso primeiro comprehender.

Para depois se definir. Não podemos admirar o que não comprehendemos. E não podemos tambem viver dentro da incomprehensão. Que se desperte em primeiro lugar a curiosidade do homem negro pela vida do pensamento. Que se mostre a elle a differença que existe entre um jogo de futebol e um problema social. Mas primeiramente que lhe expliquem com clareza que o crepusculo é tão bello como o amanhecer.

E que assim o cerebro de um negro é feito com as mesmas subtancias de que é feito um branco.

Pensar não quer dizer não dansar. Estudar não significa não se divertir.

Fala-se de Luiz Gama e Patrocínio de cinco em cinco minutos.

Entanto nem todos sabem ou conhecem a "verdadeira" obra desses homens. Porque se soubessem, veriam que elles não tinham a mania de falar. Mas tinham o vicio, talvez, de agir. Si falavam é porque tinham um objectivo.

Hoje falamos do passado sem nos lembrar de que nos espera um futuro. Os negros de amanhã falarão novamente só em Patrocínio e Luiz Gama. Quando falarem de nós será com um sorriso de mófa e ironia. Porque falamos muito e não fizemos nada. Poderão dizer que fomos a geração dos demagogos. E não mentirão. Vemos falar dos vultos do passado. Não para fazer frases bonitas. Mas para comprehender o presente e preparar o futuro.

Precisamos discernir com criterio onde está a demagogia imunda que nos infesta para expellir-a com repulsa. E verificar onde se encontra a palavra serena da verdade para nos pôr ao seu abrigo. Não olhemos a forma. É preciso exigir o fundo. Não almoçamos porque isso nos pareça bonito. Comemos para nos alimentar. O essencial é a substância. Pensamentos claros. Idéas constructivas. Ninguém vive do passado. Vejam agora porque eu chamei a esse artigo 'Inactualidade do Negro Brasileiro'."¹⁰⁵.

Com a volta ao regime democrático em 1945, inicia-se o terceiro período da imprensa negra. O que

diferencia este dos dois anteriores é a situação política geral que, de certa maneira, reflete-se nos jornais negros. Temos a propaganda política aberta e o apoio a candidaturas tanto de negros quanto de brancos. Isto seria reflexo ou decorrência da formação de outros partidos políticos da sociedade brasileira: Partido Social Democrático (PSD), o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), a União Democrática Nacional (UDN), o Partido Social Progressista (PSP), a legalização do Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Partido Socialista Brasileiro (PSB), o Partido Social Trabalhista (PST), o Partido de Representação Popular (PRP) e outros.

A Frente Negra Brasileira tenta rearticular-se como partido político, funda-se a Associação do Negro Brasileiro (A.N.B.) e é realizada a Convenção Nacional do Negro. Como aponta Bastide, "o ponto de vista dos jovens de esquerda parece agora prevalecer-se"¹⁰⁶.

Sinal de amadurecimento foi a fundação da Associação dos Negros Brasileiros, que fez uma revisão dos erros anteriormente cometidos, no sentido de uma autocrítica, e se apresenta como a saída possível para o negro. Assim, no jornal "Alvorada" de 1945, os artigos, de modo geral, têm uma finalidade: mostrar aos negros os objetivos e a importância da A.N.B., criada para que os negros não se dispersassem; ao contrário, temos "agora com o advento de uma fase nova da reestruturação dos quadros de nossa vida política e social — a Associação dos Negros Brasileiros. Idéia surgida pode-se dizer do amadurecimento das nossas antigas experiências"¹⁰⁷.

(106) — Roger Bastide. *A imprensa negra do Estado de S. Paulo*. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim de Sociologia n.º 2. Estudos Afro-Brasileiros, 2ª série, 1951. p. 54.

(107) — Alvorada. 1946 — n. 11: —/18.

Em 1946, a Convenção Nacional do Negro é comentada, revista e analisada, de modo coerente, objetivo, parecendo mesmo uma crítica do negro, pelo negro e para o negro.

Por outro lado, as reivindicações permanecem; serão feitos apelos à união, o negro será exaltado e valorizado, o preconceito também será abordado; mas, não podemos esquecer que, dentro de um quadro sócio-político e econômico, diferente dos jornais anteriores, temos no Brasil a volta ao regime democrático, e portanto uma fase de reestruturação da sociedade global, num mundo de pós Segunda Guerra Mundial.

Esse retorno da imprensa negra é marcado pela fundação da Associação dos Negros Brasileiros, e de seu órgão oficial, o jornal "Alvorada", que em seu primeiro número lança uma declaração aos Negros do Brasil, estabelecendo seus princípios e objetivos:

"(...) está sendo organizada, plantando firmemente seus alicerces em bases sólidas, que são a boa vontade, o desinteresse, o espírito de sacrifício e idealista de leais companheiros"¹⁰⁸.

A A.N.B. procura fazer com que os negros tomem consciência de sua situação na sociedade brasileira, considerando o momento político que atravessam:

"Os negros precisam se prevenir. A situação do país é grave. Estamos numa era de ficção inflacionária. Isso pode desabar de um momento para outro e nós devemos nos prevenir.

(108) — *Id.* set. 1945.

Devemos nos organizar o quanto antes. A ASSOCIAÇÃO DOS NEGROS BRASILEIROS – em organização – lançou as suas bases de cooperação por meio do seu primeiro plano econômico. Uma subcrição pública, que se processa paulatinamente, para o patrimônio de uma instituição renovada em seus métodos de ação, com estabilidade própria na sua expressão de inteira independência”¹⁰⁹.

Prossegue o “Alvorada” em seu n. 11 de 1946, quando menciona que “a nossa obra repousa na esperança de agazalhar, com o decorrer do tempo, o espírito de uma elite bem organizada e dirigente. É o que afigura-se-nos de prudência na estruturação desse espírito de nossa organização”¹¹⁰.

Este terceiro período, pelo menos em seu início, parece ser um momento de reflexão do negro em relação a sua situação na sociedade brasileira, como grupo minoritário, e mais um momento de revisão do que conseguiram produzir até então, seja em termos de reivindicação, de conscientização e mesmo de participação. Neste sentido, Raul Joviano Amaral, referindo-se a Associação do Negro Brasileiro, mostra que “não é a primeira tentativa, e certamente não será a última, a que no momento se verifica em todos os quadrantes do país – mas especialmente em São Paulo – em torno da unificação dos anseios do Negro brasileiro, unificação de pontos essenciais: de seu programa de valorização, autovalorização e integração na sociedade brasileira”¹¹¹.

O negro, entre 1945 e 1963, é exaltado de forma diferente do que era feito nos dois períodos anteriores: se vê como parte integrante e ativa na sociedade brasileira.

(109) – *Id.* 1946 – n. 6: –/2 e 3.

(110) – *Id.* 1946 – n. 11: –/8.

(111) – *Id.* 1946 – n. 6: 2 e 3.

“Gostar de negro, hoje, é imposição. Ele responde pelos anseios do povo. Não acendamos o estopim, lutando contra o negro. (...). Os negros são luzes de amizade. Eternamente vivos. (...). Não poderemos esquecer, jamais, nunca, que o negro selou, com sangue, a sua amizade ao branco! (...) Raça negra é fenômeno central da vida. Qualquer criação do negro penetra com fé nas forças criadoras do homem”¹¹².

O negro é lembrado e exaltado como elemento que contribuiu para a formação das três “grandes raças que se uniram para formar a população brasileira: o português, o índio e o negro. (...) O negro ocupa lugar de destaque tanto na formação da raça, como no engrandecimento da metrópole brasileira pelos relevantes serviços prestados ao lado dos primeiros colonizadores desta pátria. (...) Daí o dizer, que o negro foi um titã na sua obra, na sua função de cooperação, na época da colonização do Brasil. E daí também o comprovar o quão eficaz, valeroso e gigante foi o elemento negro na formação desta grande raça – a raça brasileira”¹¹³.

A conscientização, entre 1945-1963 conduz o negro para uma participação que será alcançada pela educação. O desejo de integração permanece, e apesar de todos os esforços, essa integração não se efetivou, isto é, as barreiras impostas pela sociedade dominante à ascensão social do negro continuam a existir: o negro encara esse fato como um problema seu que deve ser solucionado por ele mesmo.

“É evidente, pois, que o negro brasileiro não mais pode ficar apático, indifferente, em face das realidades que o cercam. *Não mais pode esperar, com aquela santa ingenuidade avoenga, pelo decreto salvador que o integre de fato e*

(112) – Nosso Jornal 1961 – ano V, n. 5: –/5.

(113) – *Id. ibid.*

de direito na comunhão brasileira. Precisa lutar. Instruir-se. Interessar-se pelos problemas essenciais da humanidade e do país e pelas questões basilares da sua sorte. (...).

É incontestável, pois a existência de *questões fundamentais, privativas da coletividade negra, que reclamam solução*. Para isso, desperta, conciente do próprio valor, acri-solando o caráter na luta diuturna, o negro moderno quer ar-mar-se de todos aqueles predicados, requisitos e qualidades, que o levem a acompanhar, com firmeza no passo, a nacionali-dade em marcha acelerada rumo às culminâncias da civilização contemporânea¹¹⁴.

Para conscientizar e fazer com que o grupo negro tome posição frente a sociedade dominante, Raul Jovia-no Amaral menciona "que se precisa (...) por de lado os perso-nalismos e intransigências: é necessário um esforço máximo de compreensão desses prenúncios seguros do aparecimento do Negro brasileiro banhado de novas idéias e conscio do seu valor: imprescindível é a coordenação dessas forças novas ainda dis-persas ou alheadas da grande obra de unificação"¹¹⁵.

O artigo "Os negros que se previnam" faz um retrospecto histórico a partir da Primeira República anali-sando as diferentes situações enfrentadas pelo negro e aponta qual foi, em cada uma delas, a posição do grupo negro frente à sociedade dominante, tanto social quanto politicamente.

"Em situações diversas temos nos encontrado no caminho de nossa história política e social.

Depois do Império veio a Primeira Repú-blica. Esta, o negro se encontrou livre. Porém, que poderia

fazer uma raça recém liberta, analfabeta, embrutecida e espolia-da em tudo por um cativo de 300 anos? Nada...

(...). Alguns conseguiram subir, apesar da dura adversidade.

Em 1930, uma revolução transforma a situa-ção. Uma nova mentalidade se pronuncia e o país, em como-ção, entra, conturbado com as suas legiões de analfabetos para a Segunda República.

Os negros brasileiros, apesar de despreve-nidos, sem uma consciência formada para uma luta de reivindi-cações de direitos, criam o seu primeiro caso mais ou menos sério no Brasil. Dentro da legalidade, fundam a Frente Negra Brasileira.

Vem o golpe de 1937 e, com ele, o regime do silêncio e das mistificações.

Estamos agora em plena Terceira Repúbli-ca, 58 anos depois dessas experiências e encontramos as nossas massas no gozo de uma situação transitória de amargas conse-quências¹¹⁶.

Em "Conhece-te a ti mesmo", a própria A.N.B. conscientiza o grupo negro para que sejam "sensatos enquanto é tempo. Reconhecer o erro não é vergonha, é sinal de equilíbrio e pureza moral; sempre erramos para acertar e é errando que se aprende.

O plano da A.N.B. está certo na justeza de seus princípios porque, antes e acima de tudo, aspira concre-tizar, sem sofismas, a obra de organização, de aproveitamento, levantando o homem negro de sua condição para que se integre, sem tutela e sem favor, no nível de uma melhor situação no convívio social da nossa nacionalidade.

(114) - "Alvorada". set. 1945.

(115) - *Id.* 1946 - n. 6: -/2 e 3.

(116) - *Id.* *ibid.*

A.N.B. é um anseio do despertar do negro para que conheça, por si mesmo, a sua própria força. Mas que essa força não seja mal empregada; que não seja vendida e nem sirva de escada para os aventureiros que estão na espreita, emboscados por aí”¹¹⁷.

Em 1946, a Revista “Senzala” em sua apresentação traz um apelo aos negros para que “lutem intimamente contra os recalques de serem negros, que desçam até as massas, procurando sentir as suas angústias, perceber as suas necessidades, que se incorporem a campanha de orientação que está sendo deflagrada”¹¹⁸.

Neste processo de conscientização do negro brasileiro pela sua imprensa, notamos dois pontos fundamentais que se apresentam tanto nos jornais do primeiro período, quanto nos do segundo: o desejo de integração à sociedade brasileira e a manifestação clara do negro de a ela pertencer, como registra o artigo “O despertar de uma Raça”, publicado no jornal “O Mutirão”, quando menciona que nada “impede que o homem de cor se torne verdadeiramente homem. Há 70 anos a Soberana Isabel tirou-lhes os grilhões e a venda dos olhos dando-lhes liberdade, liberdade esta no sentido mais amplo possível; cumpre tão-somente aos que formam a elite negra do Brasil, reeducar seus irmãos desgarrados fazendo-os honrar a tez escura que Deus lhes deu, que ela não seja motivo de escárnio de outrem, ou o que seria pior, de desprezo, mas sim de orgulho e satisfação, em bem representá-la perante a sociedade brasileira”¹¹⁹.

A estagnação da imprensa negra de 1937/45 resultou na dispersão dos negros. Isto trará para o terceiro período o negro buscando a união e a solidariedade mais obje-

tiva que subjetivamente, haja vista que todos “os problemas da vida ou do mundo, em qualquer tempo e em todos os rumos da atividade humana, giram em torno desta palavra: União. Porém, não se pode fazer um entrelaçamento em base de uma confraternização, sem que perdue a centralização de uma fórmula idealizada no aproveitamento de qualquer coisa concreta. Não se concebe a idéia de quem prega a união num sentido vago. E muito menos num sentido de separatismo. (...)”

Pregar a União apenas pelo fato de sermos dispersivos, sem auscultar os fatores determinantes de origem diversas de problemas que são oriundos do atavismo histórico de nossa formação, é o mesmo que caminhar no vácuo (e incidir no erro das contendas de ordem reacionárias)”¹²⁰.

A união é tema da revista “Senzala”, que em seu primeiro número “se apresenta, como um órgão inteiramente a serviço do negro nacional. O seu objetivo é o caminho da união na campanha pela nossa valorização social”. Uma revista que neste ano de 1946 tem a “certeza de estar preenchendo uma incommensurável falha presente na nossa vida associativa, a falta de algo capaz de estabelecer uma ligação permanente entre os negros que vivem, sofrem e sonham em todos os quadros da pátria.

A falta de união entre os elementos afro-brasileiros é uma das principais causas do desprestígio geral do próprio elemento no seio da coletividade nacional. (...) Julgamos imprescindível para qualquer conquista social, a união imediata de todo o elemento negro brasileiro, (...), que aqueles que tenham conseguido alguma regalia social, em virtude de seu sobre-humano esforço pessoal, não se afastem dos seus

(117) – *Id.* 1947 – ano II, n. 18: –/3.

(118) – Revista “Senzala”. 1946 (1): 12.

(119) – O Mutirão. 1958 – ano I, n. 1: –/5.

Trabalhos publicados nesta Coleção:

1. *Caipiras Negros no Vale do Ribeira.*
Renato S. Queiroz
2. *Os Senhores da Terra e os Homens do Mar.*
C. Serrano
3. *O Negro na Televisão de São Paulo.*
Solange M.C. Lima
4. *Os Ciganos.*
Maria de Lourdes B. Sant'Ana
5. *Socialização e Relações Raciais.*
Irene Maria F. Barbosa
6. *Nomes e Amigos.*
Aracy Lopes da Silva
7. *Os Basanga de Shaba.*
Kabengele Munanga
8. *Mulheres, Homens e Heróis.*
Sylvia Caiuby Novaes
9. *Antropólogos e Pioneiros.*
Paulo Roberto Azeredo
10. *Política e Relações Raciais.*
Ana Lucia E.F. Valente
11. *Tupi. Índios do Brasil atual.*
Roque de Barros Laraia
12. *Os Índios Guarani do Litoral do Estado de S.Paulo.*
Mauro Cherobim

SBD / FFLCH / USP	
SEÇÃO DE: FILOSOFIA	TOMBO: 227681
AQUISIÇÃO: DOAÇÃO /	

DATA: 23/09/02 PREÇO: R\$ 20,00

Seção de Publicações e Gráfica da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP.

Rua do Lago, 717 – CP 8105

Cidade Universitária – (CEP 01051)

São Paulo – (SP) – tel.: 211-2431



Título: "Nosso Jornal"
 Subtítulo: Homenagem aos homens de cor de Piracicaba
 Local de publicação: Piracicaba-SP
 Endereço da administração e redação:
 Periodicidade:
 Tiragem:
 Preço de venda avulsa:
 Formato (altura x largura em cm.):*
 Data do nº 1:
 Número de páginas:*
 Nome e endereço do impressor:
 Número de edições:
 Localização do jornal:*
 Nomes de
 Diretores: Benedito de Barros, Luiz Carlos Verissimo
 Redatores:
 Responsáveis pela administração geral da publicação:
 Forma de venda:
 Capital financeiro do jornal:

Subscrições:

*	Formato alt. larg.	Nº pag.	Localização
1961 ano V, 05/05	43 28	18	Col. Raul J. Amaral

Título: "Correio d'ébano"
 Subtítulo: Um Jornal a Serviço da Coletividade Negra do Brasil
 Local de publicação: Campinas-SP
 Endereço da administração e redação: R. José Paulino, nº 1.459 - Campinas-SP
 Periodicidade:
 Tiragem:
 Preço de venda avulsa: \$50,00
 Formato (altura x largura em cm.):*
 Data do nº 1: 16 de junho de 1963
 Número de páginas:*
 Nome e endereço do impressor: Composto e Impresso nas Oficinas do Jornal "Correio Popular" R. da Conceição, nº 124 Campinas-SP
 Número de edições:
 Localização do jornal:*
 Nomes de
 Diretores: Azail Mendonça
 Redatores: Benedito E. Balthazar, Waldemir Balthazar
 Responsáveis pela administração geral da publicação: Silvio Balthazar Jr., Lucila Ferreira
 Forma de venda:
 Capital financeiro do jornal:

Subscrições: \$600,00

*	Formato alt. larg.	Nº pag.	Localização
1963 ano I, 1/2 16/06	40 31	12	Col. José Correia Leite

Título: "Notícias de Ébano"
 Subtítulo: Órgão Noticioso do "Ébano Atlético Clube"
 Local de publicação: Santos-SP
 Endereço da administração e redação:
 Periodicidade:
 Tiragem:
 Preço de: venda avulsa:
 Formato (altura x largura em cm.):*
 Data do nº 1: outubro de 1957
 Número de páginas:*
 Nome e endereço do impressor:
 Número de edições:
 Localização do jornal:*
 Nomes de
 Diretores: Prof. Luis Lobato
 Redatores:
 Responsáveis pela administração geral da publicação:
 Forma de venda:
 Capital financeiro do jornal:

Subscrições:

		Formato alt. larg.	Nº pag.	Localização larg.
272	1957 ano I, 01: -/10	33 22	8	Col. Raul J Amaral

Título: "O Mutirão"
 Subtítulo: Órgão da Associação Cultural do Negro
 Local de publicação: São Paulo-SP
 Endereço da administração e redação: R. São Bento, nº 405, 16º and.
 Periodicidade:
 Tiragem:
 Preço de: venda avulsa:
 Formato (altura x largura em cm.):*
 Data do nº 1: maio de 1958
 Número de páginas:*
 Nome e endereço do impressor:
 Número de edições:
 Localização do jornal:*
 Nomes de
 Diretores: Jacira da Silva
 Redatores:
 Responsáveis pela administração geral da publicação:
 Forma de venda:
 Capital financeiro do jornal:

Subscrições:

		Formato alt. larg.	Nº pag.	Localização
1958 ano I, 01:	-/05	38 28	4	Col. José Correia Leite
02:	-/06	38 28	4	Col. José Correia Leite

Título: "Quilombo"

Subtítulo: Vida, problemas e aspirações do negro

Local de publicação: Rio de Janeiro-RJ

Endereço da administração e redação: R. Mayrink Veiga, nº 13, 2º and.
Periodicidade: quinzenal/mensal

Tiragem: 2.000 a 3.000 exemplares

Preço de venda avulsa: \$ 1,50

nº atrasado: \$ 3,00

Subscrições: ano: \$ 30,00

ano p/o estrangeiro: 5 dólares

Formato (altura x largura em cm.):*

Data do nº 1:

Número de páginas:*

Nome e endereço do impressor: Oficinas Gráficas do "Jornal do Brasil"

Rio de Janeiro - Brasil

Número de edições:

Localização do jornal:*

Nomes de

Diretores: Abdias Nascimento, Maria de Lourdes Vale Nascimento

Redatores:

Responsáveis pela administração geral da publicação:

Colaboradores: Guerreiro Ramos, Hamilton Nogueira, Edison Carneiro,

Ironides Rodrigues, Maria Nascimento

Forma de venda: livrarias, bancas de jornais, distribuição gratuita

Capital financeiro do jornal:

268

	Formato alt. larg.	Nº pag.	Localização
1950 ano II, 05: /01	37 27	12	Col. José Correia Leite

Título: "Redenção"

Subtítulo: Trabalharemos unidos por um Brasil melhor

Local de publicação: Rio de Janeiro-RJ

Endereço da administração e redação: Av. Presidente Vargas, nº 435,
15º and., sala 1.503

Periodicidade:

Tiragem:

Preço de venda avulsa: \$ 1,00

Subscrições: ano:

Brasil: Cr\$ 60,00

E. Unidos: 5 dólares

Formato (altura x largura em cm.):*

Data do nº 1: 9 de dezembro de 1950

Número de páginas:*

Nome e endereço do impressor:

Número de edições:

Localização do jornal:*

Nomes de

Diretores: João Conceição

Redatores:

Responsáveis pela administração geral da publicação: Vitalino Cardoso,

Abel Nazeauze Filho, Hugo dos Santos Oliveira

Forma de venda:

Capital financeiro do jornal:

*	Formato alt. larg.	Nº pag.	Localização
1950 ano I, nº 01:09/12	38 26	8	Col. Raul J. Amaral
02:30/12	38 26	8	Col. Raul J. Amaral

	18:	-/03	33	24	4	Col. José Correia Leite
	19:	-/04	33	24	4	Col. José Correia Leite
	24:	-/06	33	24	4	Col. Jayme de Aguiar
	23:	-/08	33	24	4	Col. José Correia Leite
ano III,	25:	-/10	33	24	4	Col. José Correia Leite
	26:	-/11	33	24	4	Col. José Correia Leite
	27:	-/12	33	24	4	Col. José Correia Leite
1948	29:	-/02	33	24	4	Col. José Correia Leite

Título: "Senzala"

Subtítulo: Revista mensal para o negro

Local de publicação: São Paulo-SP

Endereço da administração e redação: Edifício Martinelli, 23º and., sala 2.360

Periodicidade:

Tiragem:

Preço de: venda avulsa:

Subscrições:

Formato (altura x largura em cm.):*

Data do nº 1: janeiro de 1946

Número de páginas:*

Nome e endereço do impressor:

Número de edições:

Localização do jornal:*

Nomes de

Diretores: Geraldo Campos de Oliveira

Redatores:

Responsáveis pela administração geral da publicação: Sebastião Ramos, Armand de Castro

Forma de venda:

Capital financeiro do jornal:

*			Formato alt. larg.	Nº pag.	Localização
1946 ano I,	01	/01	26 18	30	Col. Jayme de Aguiar
	02:	-/02	26 18	30	Col. José Correia Leite

Título: "O Estímulo"

Subtítulo: Semanário independente literário e noticioso

Local de publicação: São Paulo-SP

Endereço da administração e redação: R. 9 de julho, nº 109

Periodicidade:

Tiragem:

Preço de: venda avulsa: \$ 300

Subscrições: mês: 1 \$ 000

Formato: altura x largura em cm.):*

Data do nº 1:

Número de páginas:*

Nome e endereço do impressor:

Número de edições:

Localização do jornal:*

Nomes de

Diretores: Alfredo Botelho

Redatores: Clovis P. do Amaral

Responsáveis pela administração geral da publicação:

Forma de venda:

Capital financeiro do jornal:

		Formato		Nº	Localização
		alt. larg.		pág.	
1935 ano I,	15: 12/05	33 21	4		Col. Raul J. Amaral
	16: 19	33 21	6		Col. Raul J. Amaral
	18: 02/06	33 21	4		Col. Raul J. Amaral

Título: "A Raça"

Subtítulo: Órgão da Legião Negra de Uberlândia

Local de publicação: Uberlândia-MG

Endereço da administração e redação:

Periodicidade:

Tiragem:

Preço de: venda avulsa:

Subscrições:

Formato (altura x largura em cm.):*

Data do nº 1: 10 de novembro de 1935

Número de páginas:*

Nome e endereço do impressor:

Número de edições:

Localização do jornal:*

Nomes de

Diretores: João B. Brazil

Redatores: Jeronymo Vargas, Francisco Pinto

Responsáveis pela administração geral da publicação:

Forma de venda:

Capital financeiro do jornal:

		Formato		Nº	Localização
		alt. larg.		pág.	
1935 ano I,	01: 10/11	39 28	4		Col. Raul J. Amaral
	02: 21/12	33 21	4		Col. Raul J. Amaral

Título: "A Voz da Raça"
 Subtítulo: Órgão da "Frente Negra Brasileira" Mensário Independente.
 Local de publicação: São Paulo-SP
 Endereço da administração e redação: R. Liberdade, nº 196, sala 10.
 Periodicidade: semanal
 Tiragem: 1.000/5.000 exemplares
 Preço de: venda avulsa: \$ 200 Subscrições: ano 12 \$ 000
 semestre: 6 \$ 000
 Formato (altura x largura em cm.):*
 Data do nº 1: março de 1933
 Número de páginas:*
 Nome e endereço do impressor: Oficinas Mariano
 Número de edições:
 Localização do jornal: *
 Nomes de
 Diretores: Deocleciano Nascimento, Raul J. Amaral
 Redatores:
 Responsáveis pela administração geral da publicação:
 Forma de venda:
 Capital financeiro do jornal: não havia. Era mantido pela Frente Negra Brasileira e anunciantes.

*		Formato		Nº pág.	Localização
		alt.	larg.		
1933 ano I,	12: 10/06	48	33	4	Col. José Correia Leite
	24: 28/10	48	33	4	Col. José Correia Leite
	25: 11/11	48	33	4	Col. José Correia Leite
1930	30: 20/01	48	33	4	Hemeroteca Julio Mesquita do Instituto Histórico Geográfico São Paulo
ano II,	41: 11/08	48	33	4	Col. Jayme de Aguiar
	47: 31/08	48	33	4	Col. José Correia Leite
ano III,	50: 31/12			4	Col. Francisco Lucrécio
	53:			/054	Col. Francisco Lucrécio
	54:			/064	Col. Francisco Lucrécio
	55:			/074	Col. Francisco Lucrécio
	56: -/08			4	Col. Francisco Lucrécio

1937	58: -/10	4	Col. Francisco Lucrécio
	59: -/11	4	Col. Francisco Lucrécio
	60: -/12	4	Col. Francisco Lucrécio
	61: -/01	4	Col. Francisco Lucrécio
	62: -/02	4	Col. Francisco Lucrécio
	ano IV 63: -/03	4	Col. Francisco Lucrécio
	64: -/04	4	Col. Jayme de Aguiar
	65: -/05	4	Col. Jayme de Aguiar
	66: -/06	6	Col. Jayme de Aguiar
	67: -/07	4	Col. Jayme de Aguiar
	68: -/08	4	Col. Jayme de Aguiar
	69: -/09	4	Col. Jayme de Aguiar
	70: -/11	4	Col. Jayme de Aguiar

Título: "Progresso"

Subtítulo:

Local de publicação: São Paulo-SP

Endereço da administração e redação: Largo do Riachuelo, nº 38

Periodicidade: mensal

Tiragem:

Preço de venda avulsa: \$ 200

Subscrições: ano 5 \$000

semestre: 3 \$000

Formato (altura x largura em cm.):*

Data do nº 1: 23 de junho de 1928

Número de páginas:*

Nome e endereço do impressor:

Número de edições:

Localização do jornal:*

Nomes de

Diretores:

Redatores:

Responsáveis pela administração geral da publicação:

Proprietário: Argentino C. Wanderley

Editor: Lino Guedes

Forma de venda:

Capital financeiro do jornal:

1930	16	26/09	33	25	8	Col. José Correia Leite
	17	31/10	33	25	6	Col. José Correia Leite
	18	24/11	33	25	8	Col. José Correia Leite
	19	31/12	33	25	4	Col. José Correia Leite
	20	31/01	33	25	6	Col. José Correia Leite
	21	15/02	33	25	6	Col. José Correia Leite
	23	20/04	33	25	6	Col. José Correia Leite
	26	31/07	33	25	6	Col. José Correia Leite
	27	20/08	33	25	6	Col. José Correia Leite
	29	28/09	33	25	4	Col. José Correia Leite
ano III,	30	30/11	33	25	6	Col. José Correia Leite
	31	/12	33	25	6	Col. José Correia Leite
1931	32	/01	33	25	6	Col. José Correia Leite
	33	/02	33	25	6	Col. José Correia Leite
	35	/04	33	25	4	Col. José Correia Leite
	36	31/05	33	25	4	Col. José Correia Leite
ano IV,	37	23/06	33	25	6	Col. José Correia Leite
	38	31/07	33	25	6	Col. José Correia Leite
	39	30/08	33	25	4	Col. José Correia Leite
	40	20/09	33	25	4	Col. José Correia Leite
	41	04/10	33	25	4	Col. José Correia Leite
	42	15/11	33	25	4	Col. José Correia Leite

*		Formato		Nº	pág.	Localização
		alt.	larg.			
1928 ano I,	01: 23/06	33	25	6		Col. José Correia Leite
	02: 22/07	33	25	4		Col. José Correia Leite
	03: 19/08	33	25	4		Col. José Correia Leite
	04: 07/09	33	25	6		Col. José Correia Leite
	05: 12/10	33	25	4		Col. José Correia Leite
	06: 15/11	33	25	6		Col. José Correia Leite
	07: 16/12	33	25	6		Col. José Correia Leite
1929 ano II,	08: 13/01	33	25	8		Col. José Correia Leite
ano I,	09: 24/02	33	25	6		Col. José Correia Leite
	10: 24/03	33	25	6		Col. José Correia Leite
	11: 28/04	33	25	6		Col. José Correia Leite
ano II,	13: 23/06	33	25	6		Col. José Correia Leite
	14: 28/07	33	25	6		Col. José Correia Leite
	15: 31/08	33	25	6		Col. José Correia Leite

36: 28/09	48	33	4	Col. José Correia Leite
38: 20/12	48	33	4	Col. José Correia Leite
1932 ano IX, 39: 31/01	48	33	4	Col. José Correia Leite
41: 13/05	48	31	6	Col. José Correia Leite
1940 ano I, 01: 28/09	48	33	4	Col. Jayme de Aguiar

Título: "Elite"

Subtítulo: Órgão oficial do Grêmio Dramático, Recreativo e Literário
"Elite da Liberdade"

Local de publicação: São Paulo-SP

Endereço da administração e redação: R. dos Estudantes, nº 14

Periodicidade: mensal

Tiragem:

Preço de venda avulsa:

Subscrições:

Formato (altura x largura em cm.):*

Data do nº 1:

Número de páginas:*

Nome e endereço do impressor: "Typ Paulista" - R. Assembléia nºs
56/58

Número de edições:

Localização do jornal:*

Nomes de

Diretores: Alfredo Eugenio da Silva

Redatores: Alfredo Eugenio da Silva

Redatores: Frederico Baptista de Souza

Responsáveis pela administração geral da publicação: Abílio Rodrigues,
Olivio Cardoso

Forma de venda:

Capital financeiro do jornal:

*		Formato alt. larg.	Nº pág.	Localização
1924 ano I, 02: 20/01	37 27	4	Col. José Correia Leite	
03: 17/02	37 27	4	Col. Jayme de Aguiar	
04: 02/03	37 27	6	Col. Jayme de Aguiar	

1924

18:25	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
19: 02/12	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
20:09	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
21:16	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
22:23	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
23:30	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
24: 06/01	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
25:13	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
26:20	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
27:27	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
28: 03/02	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
29:10	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
30: 17/02	46	32	6	Col. Jayme de Aguiar
31:24	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
32: 02/03	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
33:09	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
34:16	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
35:23	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
36:30	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
37: 06/04	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
38:13	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
39:19	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
40: 01/05	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
41:13	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
42: 01/06	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
43:08	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
44:15	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
45:22	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
46: 06/07	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
47:13	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
48: 10/08	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
49:17	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
50:24	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
51: 07/09	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
52:14	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
53:21	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
54:28	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
55: 05/10	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
56:12	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
57:19	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar

58:26	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
59: 02/11	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
60:09	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
61:16	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
62:23	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar
63:30	46	32	8	Col. Jayme de Aguiar
64: 30/12	46	32	26	Col. Jayme de Aguiar
1926 ano III, 01: 13/05	46	32	4	Col. Jayme de Aguiar

Título: "A Liberdade"

Subtítulo: Órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso

Local de publicação: São Paulo-SP

Endereço da administração e redação: Largo do Riachuelo, nº 56

Periodicidade:

Tiragem:

Preço de: venda avulsa \$ 100

número atrasado: \$ 200

Subscrições: ano: 5\$000

semestre: 3\$000

Formato (altura x largura em cm.):*

Data do nº 1: 14 de julho de 1919

Número de páginas:*

Nome e endereço do impressor:

Número de edições:

Localização do jornal:*

Nomes de

Diretores:

Redatores: Gastão Silva

Responsáveis pela administração geral da publicação: Frederico S. de Souza, Joaquim Domingos

Forma de venda:

Capital financeiro do jornal:

*			Formato		Nº	pág.	Localização
			alt.	larg.			
1919 ano I, 01:	14/07	33	24	4	Col. José Correia Leite		
	05: 28/09	33	24	4	Col. José Correia Leite		
	06: 12/10	33	24	4	Col. José Correia Leite		
	07: 09/11	33	24	4	Col. José Correia Leite		
	08: 23/11	33	24	4	Col. José Correia Leite		
	09: 14/12	33	24	4	Col. José Correia Leite		
	10: 28/12	33	24	4	Col. José Correia Leite		
	12: 01/02	33	24	4	Col. José Correia Leite		
1920	13: 07/03	33	24	6	Col. José Correia Leite		
	14: 04/04	33	24	4	Col. José Correia Leite		
	15: 09/05	33	24	4	Col. José Correia Leite		
	ano II, 16: 12/09	33	24	4	Col. José Correia Leite		
	18: 31/10	33	24	4	Col. José Correia Leite		

Título: "A Sentinela"

Subtítulo: Órgão crítico, literário e noticioso

Local de publicação: São Paulo-SP

Endereço da administração e redação: R. Tibiriçá, nº 88

Periodicidade: quinzenal

Tiragem:

Preço de: venda avulsa: \$ 200

Subscrições: ano: 8\$000

semestre: 4\$500

Formato (altura x largura em cm.):*

Data do nº 1: 10 de outubro de 1920

Número de páginas:*

Nome e endereço do impressor:

Número de edições:

Localização do jornal:*

Nomes de

Diretores:

Redatores: E.A. Balthazar, B. Lazaro

Responsáveis pela administração geral da publicação:

Forma de venda:

Capital financeiro do jornal:

*			Formato		Nº	pág.	Localização
			alt.	larg.			
1920 ano I, 01:	10/10	32	22	4	Col. Raul J. Amaral		

Título: "A Rua"
 Subtítulo: Literário, crítico e humorístico
 Local de publicação: São Paulo-SP
 Endereço da administração e redação:
 Periodicidade:
 Tiragem:
 Preço de: venda avulsa: \$ 100
 número atrasado: \$ 200
 Formato (altura x largura em cm):*
 Data do nº 1:
 Número de páginas:*
 Nome e endereço do impressor:
 Número de edições:
 Localização do jornal:*
 Nomes de
 Diretores:
 Redatores: Domingos José Fernandes, Oliveira Paula
 Responsáveis pela administração geral da publicação:
 Forma de venda:
 Capital financeiro do jornal:

Subscrições: ano: 10\$000
 semestre: 6\$000

		Formato alt. larg.	Nº pag.	Localização
236	1916 ano I, 03 24/02	38 27	4	Col. José Correia Leite

Título: "O Xauter"
 Subtítulo: Jornal Independente
 Local de publicação: São Paulo-SP
 Endereço da administração e redação: R. Teixeira Leite, nº 14
 Periodicidade:
 Tiragem:
 Preço de: venda avulsa: Subscrições: semestre: 2\$000
 Formato (altura x largura em cm):*
 Data do nº 1:
 Número de páginas:*
 Nome e endereço do impressor:
 Número de edições:
 Localização do jornal:*
 Nomes de
 Diretores: Propriedade de uma Sociedade Anônima
 Redatores:
 Responsáveis pela administração geral da publicação:
 Forma de venda:
 Capital financeiro do jornal:

		Formato alt. larg.	Nº pag.	Localização
	1916 ano I, 02:16/05	37 27	4	Col. José Correia Leite

ANEXOS

BOOKER. O continente negro. *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, 15 jan. 1927. p. 4, c. 3.

A LEI Aurea. *Auriverde*, São Paulo, 13 maio 1928. p. 1.

MATTAR, A.H. O único povo livre do occidente africano. *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, 1 jul. 1928. p. 2, c. 1 e 2.

A COROAÇÃO do novo rei da Ethiopia. *Progresso*, São Paulo, 16 dez. 1928. p. 4, c. 4.

RAYMOND de Sarka é um grande artista negro. *Progresso*, São Paulo, 13 jan. 1929. p. 2, c. 4.

NA ÁFRICA. As Línguas que ahi se falam. *Progresso*, São Paulo, 13 jan. 1929. p. 3, c. 4.

TAFARI, o imperador negro da Abyssinia, descendente da rainha de Sabá e do rei Salomão. *Progresso*, São Paulo, 13 jan. 1929. p. 5, c. 1, 2 e 3.

SSERÁ garantido aos negros o trabalho nas minas da África do Sul. *Progresso*, São Paulo, 24 mar. 1929, p. 3, c. 1.

ARTE negra na exposição de Sevilha. *Progresso*, São Paulo, 24 mar. 1929. p. 4, c. 1.

O THRONO do famoso Menelick. *Progresso*, São Paulo, 28 abr. 1929. p. 2, c. 3.

O NEGRO, apesar de ser uma fonte inesgotável de motivos para toda manifestação de ARTE não é ainda no Brasil, suficientemente explorado. *Progresso*, São Paulo, 28 jul. 1929. p. 1. c. 1.

IDEA erronea da raça opposta. *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, 18 ago. 1929. p. 4, c. 5 e 6.

A POESIA do continente negro. *Progresso*, São Paulo, 31 out. 1929. p. 5, c. 1.

CONTINENTE negro. *Progresso*, São Paulo, 31 jan. 1930. p. 5, c. 3 e 4.

BATHO, Abantu. Educação. *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, 13 maio 1930. p. 2, c. 4 e 5.

O NASCIMENTO da questão racial na África do Sul. *Progresso*, São Paulo, 31 jul. 1930. p. 1, c. 2, 3 e 4.

"A RAÇA desprevidiada". In JACOB, Andronicus. *The negro world. O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 23 ago. 1930. p. 4, c. 6.

A ETHIOPIA é o nosso coração. *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, 26 jul. 1931, p. 4, c. 3 e 4. Tradução especial do correspondente Mario Vasconcelos.

"O QUE devemos fazer para nos libertar". *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, 23 ago. 1931. p. 4, c. 5. Tradução especial de Arthur Grey. Los Angeles, Califórnia, EUA.

O CASO da Abyssinia e o mundo negro. *O Clarim*, São Paulo, mar. 1935. p. 1, c. 1 e 2.

COSTA, Ciro. O escravo. *Alvorada*, São Paulo, 13 maio 1946. p. 2, c. 3 e 4.

CASTRO, Armando de. Um representante do negro no legislativo bandeirante. *Mundo Novo*, São Paulo, set. 1950. p. 2, c. 1 e 2.

CONTRA o capitalismo escravizador — Comitê universitário procandidatura Geraldo Campos de Oliveira. *Mundo Novo*, São Paulo, set. 1950. p. 3, c. 1 e 2.

AO POVO de São Paulo. Aos negros de São Paulo. A mulher negra. *Mundo Novo*, set. 1950. p. 5, c. 1, 2, 3 e 4.

BUNCHE, Ralph (Dir.). Democracia Racial — Da solidariedade humana. *Mundo Novo*, São Paulo, set. 1950. p. 4, c. 3, 4 e 5.

AOS NEGROS de São Paulo. Ao povo em geral. *Mundo Novo*, São Paulo, set. 1950. p. 8, c. 1, 2, 3, 4 e 5.

TEIXEIRA, Jorge Prado. Problemas específicos dos negros brasileiros. *O Novo Horizonte*, São Paulo, set. 1954. p. 5, c. 1 e 2.

LEITE, José Correia. Uma lição do tempo. *O Novo Horizonte*, São Paulo, set. 1954. p. 2, c. 1 e 2.

GÓES, Fernando. Os três grandes de São Paulo. *O Novo Horizonte*, São Paulo, set. 1954. p. 1, c. 4.

LOBATO, Luis (Prof.). Nossa Apresentação. *Notícias de Ébano*, Santos, out. 1957. p. 1, c. 1 e 2.

BARBOSA, Guiomar de Oliveira. Preconceito. *Notícias de Ébano*, Santos, out. 1957. p. 3, c. 4.

LEITE, José Correia. Do conselho superior da A.C.N. *O Mutirão*, São Paulo, maio 1958. p. 1, c. 3 e 4.

PALESTRA com a Diretora. *O Mutirão*, São Paulo, maio 1958. p. 2, c. 3 e 4.

PAULA, José Elias de. O despertar de uma raça. *O Mutirão*, São Paulo, maio 1958. p. 1, c. 1, 2, 3 e 4. p. 3, c. 4 e 5.

PAIVA, Luiz Carlos S. Aqui é como nos EE.UU. *Hifen*, Campinas, fev. 1960. p. 1, c. 3 e 4.

ALBÃ, Oscar. O problema do negro. *Niger*, São Paulo, jul. 1960. p. 1, c. 1, 2 e 3. o. 8, c. 3.

PAULA, René Raul de. Grandes negros. *Hifen*, Campinas, set. 1960. p. 3, c. 1 e 2.

CHIARINI, João. Não gosta de negro. *Nosso Jornal*, Piracicaba, maio 1961. p. 5, c. 1, 2, 3 e 4.

MONTEIRO, Lené Aparecida. Homenagem ao dia treze de maio. *Nosso jornal*, Piracicaba, maio 1961. p. 11, c. 1, 2, 3 e 4.

SILVA, Lourdes A. da. O negro na formação da raça brasileira. *Nosso Jornal*, Piracicaba, maio 1961. p. 2, c. 3 e 4.

CORREA, Dalva Aparecida Gaspar. O negro em luta pelo "Status". *Nosso Jornal*, Piracicaba, maio 1961. p. 13, c. 4. p. 15. c. 1.

BARBOSA, Delci L.A. Lei Aurea. *Nosso Jornal*, Piracicaba, maio 1961. p. 15. c. 3.

DECLARAÇÃO aos negros do Brasil. *Alvorada*, São Paulo, set. 1945. p. 1, c. 4.

AMARAL, Raul J. O negro não tem problemas? *Alvorada*, São Paulo, set. 1945. p. 1, c. 2 e 3. p. 4, c. 3.

FREITAS, Abelardo Pires de. A nossa raça e o preconceito. *Evolução*, São Paulo, 13 maio 1933. p. 13, c. 3 p. 14, c. 1 e 2. Número especial comemorativo.

PENSANDO na vida. *A Voz da Raça*, São Paulo, 10 jun. 1933. p. 1, c. 3, 4 e 5.

MENELIK. Oração aos pretos. *A Voz da Raça*, São Paulo, 10 jun. 1933. p. 1, c. 5.

CONSELHOS. O que nós os pretos devemos saber. *A Voz da Raça*, São Paulo, 10 jun. 1933. p. 2, c. 3.

BARBOSA, Pedro Paulo. Perdoai-lhe Senhor. *A Voz da Raça*, São Paulo, 10 jun. 1933. p. 3, c. 1.

MICE. O que será delles... *O Clarim*, São Paulo, mar. 1935. p. 1, c. 3.

BLACK, Eoys. Brasileiros. Despertai. *A Voz da Raça*, São Paulo, 31 ago. 1935. p. 1, c. 4 e 5.

LUCRÉCIO, Francisco. Inimigo do negro. *A Voz da Raça*, São Paulo, 31 ago. 1935. p. 1, c. 4 e 5.

LUCRÉCIO, Francisco. Inimigo do negro. *A Voz da Raça*, São Paulo, 31 ago. 1935. p. 2, c. 4 e 5.

TEIXEIRA, Aristides. Por acaso. *A Voz da Raça*, São Paulo, 31 ago. 1935. p. 4, c. 3, 4 e 5.

SANTOS, Manoel Antonio dos. Trajectory do ideal. *Tribuna negra*, São Paulo, 1ª quin. set. 1935. p. 1, c. 3 e 4. p. 2, c. 1.

LEITE, José Correia. O mundo negro. *Tribuna negra*, São Paulo, 1ª quin. set. 1935. p. 3, c. 4 e 5. p. 4, c. 4 e 5.

GÓES, Fernando. Inactualidade do negro Brasileiro. *Tribuna negra*, São Paulo, 1ª quin. set. 1935. p. 4, c. 4 e 5.

COSTA, Justiniano. Bandeira da Frente Negra Brasileira. *A Voz da Raça*, São Paulo, ago. 1936. p. 1, c. 3, 4 e 5.

SANTOS, Marcos Rodrigues dos. O que pretendem os negros frentenegrinos brasileiros com o nome de "Frente Negra Brasileira". *A Voz da Raça*, São Paulo, fev. 1937. p. 1, c. 3, 4 e 5. p. 4, c. 3, 4 e 5.

RAJOVIA [Raul Joviano Amaral]. Fiapos do meu livro... *A Voz da Raça*, São Paulo, fev. 1937. p. 1, c. 1 e 2. p. 4, c. 1 e 2.

OICREBA. Atenção, Frentenegrinos. *A Voz da Raça*, São Paulo, fev. 1937. p. 4, c. 3.

ARLINDO. Arlindo José Veiga dos Santos. Do problema. *A Voz da Raça*, São Paulo, fev. 1937, p. 4, c. 1 e 2.

DECLARAÇÃO aos negros do Brasil. *Alvorada*, São Paulo, set. 1945. p. 1, c. 4.

LEITE, José Correia. Capacidade dos incapazes... *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, 22 ago. 1926. p. 2, c. 2 e 3.

ROTINEIRO. O Início da cruzada... *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, 22 ago. 1926. p. 3, c. 2 e 3.

CUNHA, Horacio da. Os homens pretos e a evolução social... *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, 20 fev. 1927. p. 2, c. 1 e 2.

ESCOBAR, Bento. Rebarbos. *O Patrocinio*, Piracicaba, 7 abr. 1928. p. 2, c. 1 e 2.

CUNHA, Horacio. Os homens pretos e a instrução. *Progresso*, São Paulo, 23 jun. 1928, p. 1, c. 3.

LEITE, José Correia. O negro para o negro. *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, 1 jul. 1928. p. 1, c. 1 e 2.

CARNEIRO, Gastão. O direito dos pretos. *Progresso*, São Paulo, 15 nov. 1928. p. 3, c. 1 e 2.

FIGUEIREDO, Virginio. Raça negra. *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, 13 maio 1929. p. 2, c. 1 e 2.

LEITE, José Correia. A mocidade negra. *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, 13 maio 1929, p. 6, c. 1 e 2.

LORDELLO, Alvaro. Campanha Patriotica. *O Patrocinio*, Piracicaba, 20 out. 1929. p. 8, c. 1.

HÁ MALES que veem para bem. O preconceito da cor. *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, 27 out. 1929. p. 1, c. 5.

SOUZA, Frederico Baptista de. O negro deve ser político? *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, 27 out. 1929. p. 3, c. 2.

NÃO HÁ raças inferiores. *Progresso*, São Paulo, 31 out. 1929. p. 4, c. 4.

A CASA do escravo — *Progresso*, São Paulo, 31 out. 1929. p. 1, c. 1, 2 e 3.

FREITAS, Adalberto Pires de. Um bravo. *Progresso*, São Paulo, 20 abr. 1930. p. 5, c. 1.

[S/TÍTULO]. *Progresso*, São Paulo, 23 jun. 1931. p. 1, c. 4.

PELA Supremacia da Raça. *Progresso*, São Paulo, 23 jun. 1931. p. 2, c. 4. p. 3, c. 1.

CUIDAR da criança é cuidar do futuro. *Progresso*, São Paulo, 15 nov. 1931. p. 1, c. 4.

“ENTRE e veja se ahi há negros como você...”. *Progresso*, São Paulo, 15 nov. 1931. p. 2, c. 1.

“FRENTE Única”. *Progresso*, São Paulo, 15 nov. 1931. p. 3, c. 1.

S/TÍTULO. *Progresso*, São Paulo, 15 nov. 1931. p. 3, c. 4.

O NEGRO e o atletismo. *O Clarim da Alvorada*, São Paulo, 31 jan. 1932. p. 3, c. 2 e 3.

APRESENTANDO. *Evolução*, São Paulo, 13 maio 1933. p. 3. Número especial comemorativo.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. *Escravidão negra em São Paulo: um estudo das tensões provocadas pela escravidão no século XIX*. Rio de Janeiro, J. Olímpio, Brasília, INL, 1977. Prefácio de Sérgio Buarque de Holanda. (Documentos Brasileiros, v. 176).

RAMOS, Arthur. *O negro na civilização brasileira*. Rio de Janeiro. Livr. Ed. da Casa do Estudante do Brasil, 1956.

----- *A imprensa como objeto de estudos da psicologia social*. Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes. São Paulo, 1970 (mimeogr.).

RODRIGUES, José Honório. *O jornal: fonte da história*. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes. São Paulo, 1970. (mimeogr.).

----- *Brasil e África: outro horizonte*. (Relações e política brasileiro-africana). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1961. (Retratos do Brasil, v. 9).

SENGHOR, Léopold Sédar. *Problématique de la Négritude*. Le Soleil. Spécial Colloque sur la Négritude. n. 305, 8 maio 1971. Grande Imprimerie Africaine - Dakar.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

WIRTH, Louis. "The Problem of Minority Groups", in LINTON, Ralph (ed.). *The science of man in the world crisis*. New York, Columbia University, 1945. p. 347-372. Tradução de Gioconda Mussolini. (mimeogr.).

Periódicos

Estado de São Paulo

PRIMUS, Marcus. Episódio da revolta da ilha de São Domingos. *Menelick*, São Paulo, 19 jan. 1916. p. 1, 2, 3 e 4. p. 2, c. 1.

LEITE, Hercules de F. Preconceitos de Raça. *O Alfinete*, São Paulo, 3 set. 1918. p. 1, c. 1 e 2 p. 2, c. 1.

OLIVEIRA. Aos nossos leitores. *O Alfinete*, São Paulo, 3 set. 1918. p. 1, c. 1, 2 e 3.

MARTINS, José Benedicto. Os pretos e o progresso. *O Alfinete*, São Paulo, 3 set. 1918. p. 2 e 3.

D'ALENCASTRO. Grave Erro. *O Bandeirante*, São Paulo, set. 1918. p. 2, c. 2 e p. 3, c. 1 e 2.

SALÃO da rua Glycerio. *A Liberdade*, São Paulo, 9 maio 1920. p. 2, c. 1.

AZUOS. Reparando. *O Alfinete*, São Paulo, 28 ago. 1921. p. 1, c. 3. p. 2, c. 1.

ZELINDO, Sr. Redactor. *O Alfinete*, São Paulo, 28 ago. 1921. p. 4, c. 2.

MUITO bem. *O Kosmos*, São Paulo, ago. 1922. p. 1, c. 1 e 2.

RODRIGUES, Abilio. Contraste. *O Kosmos*, São Paulo, ago. 1922. p. 2, c. 2 e 3.

Orgão da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, IX (3) 1947.

CADERNOS da A.C.N. Série Cultura Negra-I. Edição da Associação Cultural do Negro. São Paulo, 1 [s.d.].

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Comunicação apresentada na 1ª Sessão de Estudos, Equipe B, no dia 2 de setembro de 1939.

----- *A imprensa periódica como objeto de instrumento de trabalho*: Catálogo da Hemeroteca Júlio Mesquita do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. São Paulo, v. 1, 1975.

CAMARGO, Oswaldo de. *O carro do êxito*. São Paulo, Livr. Martins, 1972.

----- *15 poemas negros*. Série Cultura Negra-3. Edição da Associação Cultural do Negro. São Paulo, s.d.

CARONE, Edgard. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro, Difel, 1976.

CHIAVENATO, Julio José. *O negro no Brasil*. Da senzala à guerra do Paraguai. Brasiliense, São Paulo, 1980.

COOK, Mercer. *Les précurseurs négro-américains de la négritude*. La Soleil, Dakar, Spécial Colloque sur la négritude. n. 305. 8 mai 1971.

DECRAENE, Philippe. *Le Panafricanisme*. Paris, PUF, 1970. (Que sais-je? n. 847).

DZIDZIENYO, Anani. A África vista do Brasil. *Afro-Asia*, Salvador, n. 10-11, jun./dez. 1970.

ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS. Trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro reunido em Recife, em 1934. 1º v. Rio de Janeiro, Ariel, Ed. 1935. Prefácio de Roquette Pinto.

FERNANDES, Florestan. *A integração o negro na sociedade de classes*. São Paulo, Dominus Ed., 1965, 2 v.

----- PEREIRA, João Baptista Borges, NOGUEIRA, Oracy. *A questão racial brasileira vista por três professores*. Série Cultura Geral. Entrevista publicada por *A Gazeta*. 27 ago. 1966.

----- *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.

----- *Investigação etnológica no Brasil e outros ensaios*. Vozes, Petrópolis, 1975.

FERREIRA, Maria Nazareth. *A imprensa operária no Brasil. 1880-1920*. Petrópolis, Vozes, 1978.

FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do séc. XIX*. Recife, Imprensa Universitária, 1963.

----- *A imprensa como objeto de estudos da sociologia e da antropologia*. Universidade de São Paulo, 1970. (mimeogr.).

BIBLIOGRAFIA

tes nos planos político, econômico e ideológico. O tenentismo afirma-se como filosofia do Governo que se impõe pelas armas e dois anos depois é deflagrada a chamada revolução constitucionalista de São Paulo. Devemos, no caso particular do movimento de 32, destacar que foi criada uma Legião Negra⁴ para lutar ao lado dos constitucionalistas.

A organização da F.N.B. vai unir os negros e prepará-los para enfrentar a sociedade dominante. Assim, através de seu porta-voz, agiu no sentido de propiciar a integração do grupo, enquanto minoritário, e desenvolver a conscientização do negro quanto a sua situação racial. Para isso, é apontada a importância de manter a vida familiar organizada e amparada, adquirindo casa própria, etc. O jornal, tendo em vista os propósitos da organização do grupo negro, através da F.N.B., lança constantes apelos à filiação tanto na forma de chamadas como em artigos.

A imprensa negra teve um crescendo até 1937. Mas, com a instauração do Estado Novo há a repressão em toda a imprensa com a paralisação das atividades jornalísticas em geral.

Em 1945 termina a Segunda Guerra Mundial. Nesse ano, um movimento militar depõe Getúlio Vargas. Com a volta ao regime democrático rearticula-se a imprensa negra, agora em seu terceiro período. A F.N.B. tenta sua reorganização como partido político, ao mesmo tempo que se organizam outros partidos nacionais.

(4) – Segundo depoimento de Francisco Lucrécio, a Legião Negra foi chefiada por Joaquim Guaraná de Santana, dissidente da F.N.B., e favorável a revolução de 32. “Como a F.N.B. não apoiou o movimento, Guaraná Santana se separou da F.N.B.; formou a Legião Negra e partiu em caravanas para o interior arregimentando negros para as frentes de combate. A F.N.B. manteve posição de neutralidade; os frente-negrinos que foram para a revolução o foram como voluntários”.

Esta situação de transição e de reestruturação da sociedade brasileira e mundial vai se refletir nos jornais negros do período, daí a propaganda política aberta em jornais como “Mundo Novo” e “O Novo Horizonte” e a filiação de negros a partidos políticos da época.

Terminada a campanha eleitoral de 1950, nenhum negro foi eleito e nem teve votação significativa; apesar disso, o importante era a participação na representação política do país que no entender de Francisco Lucrécio, explica-se por que “o negro não é fazendeiro, o negro não é industrial, o negro não é banqueiro, e a sua única saída é o voto através do que se poderá levar outros negros para posições políticas”⁵.

No decorrer dos períodos considerados, o problema do negro se coloca, de 1915 a 1937, principalmente a nível racial, portanto do ponto de vista da cor. No terceiro período, reconsiderando a raça, o problema passa a ser visto do ângulo da luta de classes. Daí, a proposta apresentada pelo jornal “Mundo Novo”; mostrando aos negros que a sua luta de cor só será resolvida a partir da luta de classes.

De modo geral os jornais da imprensa negra não registram fatos ocorridos na sociedade brasileira. A que se atribuir esse silêncio? que razões levaram essa imprensa a omissões no seu campo de informação, restringindo-se à divulgação de acontecimentos do grupo negro?

Poderíamos atribuir a uma reserva cautelosa dos negros que não desejavam se envolver nesses acontecimentos?

O certo, porém, é que essa imprensa era quase impermeável aos acontecimentos da sociedade dominante.

A presença da África na imprensa negra de 1915 a 1963 é escassa e caracteriza-se pela imprecisão, até

(5) – Depoimento pessoal.

lado, cabe a essa imprensa fazer com que o negro supere a sua passividade e o seu conformismo; assim os jornais terão a função de socializar, integrar e controlar o grupo negro.

Para que o negro amealhe confianças em si mesmo, a imprensa negra tem como solução valorizar e exaltar tudo o que é negro; é significativo o número de biografias de homens como José do Patrocínio, Luiz Gama, Henrique Dias, Cruz e Souza. Além disso, esses homens são constantemente lembrados como grandes exemplos da história. Como escreve Bastide, "essas páginas de história não procuram a verdade objetiva. Ao contrário, elevam-se para o mito. /.../ Do mesmo modo os acontecimentos históricos se transformam também /.../ em idéias-forças que despertarão no preto de hoje a vontade de ser digno de tais fatos ou de tais avós" ².

Quanto à caracterização formal do material empírico, frise-se que a produção e a periodicidade dos jornais da imprensa negra, devem sua irregularidade a fatores econômicos. Há variações quanto ao formato e número de páginas. Esta precariedade financeira reflete-se também no aspecto gráfico, pois, conforme os recursos disponíveis, o jornal era impresso em gráficas diversas: casos houve, como o "Chibata", que era feito com componedor. Exceção feita a "O Clarim da Alvorada", que durante algum tempo teve sua gráfica na rua Rui Barbosa, e "A Voz da Raça", que mantinha contrato com as Oficinas Mariano.

Verifica-se uma co-participação dos colaboradores de um jornal para com outro. Alguns têm mais representatividade e expressão do que outros. O "Getulino" (1923), fundado por Lino-Guedes e Gervasio Moraes dá início a reivindicações (que irão prosseguir até 1937), notadamente através

da defesa da educação, contra o preconceito e algumas vezes pela participação do negro na vida social, política e econômica da sociedade brasileira.

"O Clarim da Alvorada" (1924), sob a responsabilidade de José Correia Leite e Jayme de Aguiar vai, principalmente, desenvolver o ideal de união e solidariedade entre os negros e também se posicionar com relação à necessidade de conscientização, educação e contra o preconceito. O grupo responsável por esse jornal teve certa influência na imprensa e movimentos da época, como também nos posteriores.

"O Progresso" (1928) foi jornal de certa expressão no segundo período. Também sob a responsabilidade de Lino Guedes, vai exaltar e valorizar o negro e voltar suas reivindicações contra o preconceito de cor.

"A Voz da Raça" (1933), com a participação e colaboração de integrantes da F.N.B. e também de outros que defendiam idéias afins ao movimento, busca, através da conscientização e do aprimoramento da educação, seu objetivo — a integração e a participação do negro na sociedade dominante. Alguns nomes destacam-se: Francisco Lucécio, Raul J. Amaral, Pedro Paulo Barbosa, Arlindo José Veiga dos Santos e outros.

A Associação dos Negros Brasileiros (A.N.B.), através do jornal "Alvorada" (1945) apresenta um programa que é resultado de uma revisão das propostas elaboradas por movimentos e jornais anteriores. Reuniu negros que participaram tanto do "A Voz da Raça" como de outros jornais: José Correia Leite, Raul Joviano Amaral, Fernando Góes; que apresentando o programa da A.N.B., propõe reunir os negros que haviam se dispersado, conscientizar e reivindicar a participação sócio-política e econômica.

A Revista "Senzala" (1946), de modo objetivo, faz uma revisão da Convenção Nacional do Negro de 1945,

CONCLUSÃO

para que este o possa demonstrar collectivamente requererá algum tempo.

(...). Nós outros os brancos, devemos abandonar a idea de que este mundo há de ser possessão exclusiva nossa. Este será um mundo no qual a raça branca tenha seu sítio, talvez, um sítio de supremacia si suas habilidades lhe permitir. Não será um mundo povoado por negros e governado por brancos.

Esta questão de raças é o problema mais arduo que o mundo encara presentemente (...). Os nativos devem desenvolver-se entre si e por si mesmos e para si mesmos, por meio de sua propria direção”³⁶.

“Mundo Novo” transcreve noticia em forma de telegrama. A propósito do problema dos indianos residentes, põe em evidência a disposição da África do Sul de não aceitar interferências internacionais, nomeadamente das Nações Unidas, pois, como é sabido, “a Assembléia Geral da ONU pediu às partes disputantes que procurassem solucionar suas divergências mediante acordo [União Sul-Africana, Índia e Paquistão] (...). De qualquer maneira, é lamentável que não tenha sido adotado um método que tivesse impedido o fracasso da conferência de mesa redonda”³⁷.

A ação dos organismos internacionais, especificamente no campo econômico é registrada pelo “Correio d’ébano”: “Um recente relatório publicado pela Comissão Econômica para a África focaliza as tendências da industrialização naquele continente dando ênfase às enormes possibilidades de

(36) – O Clarim da Alvorada. 1929 – ano VI,

(37) – Mundo Novo. 1950 – ano I, n. 5: 23/9.

desenvolvimento industrial na década que corre e sugerindo diretrizes para concretizá-las”³⁸.

A criação da Organização da Unidade Africana, em 1963, em Adis-Abeba, inicia um novo período na história política africana com a constituição de uma organização regional continental. Essa organização ultrapassou a divisão da África em dois blocos: o grupo de Casablanca, mais progressista – Marrocos, Egito, Ghana, Guiné-Konakry, Mali, além de representantes do GPRA (Governo Provisório da República Argelina) – a par do grupo de Monróvia, mais conservador, integrando a Etiópia, Nigéria, Sumali, Tunísia, Togo e outras ex-colônias francesas”³⁹.

Os registros relativos ao continente africano ora exaltam o homem negro (como Menelik), ora se referem ao racismo na África do Sul, a par de algum noticiário objetivo, como telegramas relativos às independências, denotando, possivelmente, o interesse de utilizar essas referências em sua luta de homem negro.

A pouca referência de África na imprensa negra explica-se, até certo ponto, pela falta de conhecimento sobre esse continente, o que era comum no Brasil da época, e pela reiteração da idéia de que o negro é brasileiro, pois a “África é para quem quizer, menos para nós, isto é para os negros do Brasil que no Brasil nasceram cresceram e multiplicaram”.

“Que os negros norte-americanos digam lá em brados altisonantes que a África é para os africanos ainda vá. Que os negros norte americanos queiram immigrar para a

(38) – Correio D’ébano. 1963 – ano I, n. 1 e 2: 16/6.

(39) – Esse fato é relatado no jornal Correio d’ébano sob o título: “É realidade: União dos Estados Africanos”.

gundo paiz independente da Africa, governado por gente africana. (...) A Liberia é muito ciosa do seu proprio desenvolvimento e faz o possivel afim de acompanhar a marcha do progresso.

Se ainda não está mais adiantada, isso não é por ignorancia ou negligencia, mas por falta de fundos necessários para o desenvolvimento do seu programma. A Liberia não faz a política dos empréstimos temendo expor, em beneficio de sua economia, a sua independencia política.

Se a Liberia adoptasse a politica financeira das colonias decerto estaria materialmente adiantada como ellas, mas a sua independencia politica seria usurpada pelas mãos habilissimas dos povos dominadores. Os liberianos evitam o mais possivel a infiltração européa²⁹.

O tema racismo no continente africano, isto é, o homem africano tido como inferior, aparece no "O Clarim da Alvorada", a propósito da exaltação das civilizações tradicionais africanas pelo jurista alemão Dr. Mendelssohn Banthldy.

"A sagrada terra dos nossos avós, tão injustamente considerada como um immenso mattagal cheio de feras e de negros imbecis, foi objecto de elogiosas considerações por parte do notável jurisconsulto allemão Dr. Mendelssohn Bantholdy.

(...) lembrou o notavel jurisconsulto que a Africa, séculos antes da nossa história, apresentava brilhantes civilizações cuja pompa e grandeza se fazia sentir em todos os pontos de vista.

(...). Os povos que habitam a Africa são tão negros ou tão escuros como os que contribuíram com o

seu genio para as primitivas civilizações. A história completa e SINCERA do que foi a Africa está occulta aos povos modernos pela miserável influencia americana.

Não há raças superiores nem raças inferiores, mas, umas mais adeantadas e outras menos adeantadas.

Ora, pois. É a raça negra inferior?

Não!

— Que foi que aconteceu?

— É que o seu adeanto desde séculos está sendo estrangulado pelas ambições e pelos interesses inconscientes dos que a odeiam.

Mas a história se repete³⁰.

Surge pela primeira vez um texto de autor africano (possivelmente sul-africano) abordando o problema da sobrevivência do homem branco através de uma política de segregação racial: "Recentemente algumas pessoas estavam sendo educadas para olhar o Africano como o maior perigo à América do Sul que estava fazendo tentativas para crear o estado preto na Africa; e que uma certa secção da comunidade sul-africana decidiria morrer primeiro, do que ver-se submergido num paiz negro (...). Hoje um homem branco insiste sobre segregação, se elle não pode adquirir direitos de igualdade e liberdade sob as condições presentes (...). A Europa foi feita para o europeu, Asia para o asiático, e Africa para o africano. Os africanos nunca invadiram a Europa, nem allegaram ser o seu paiz, nem tão pouco procuram ter leis passadas ahi ao seu favor (...). Por consequencia estamos educando as massas para organizar e estar promptos a combater, qualquer desaforamento de primogenitura dos africanos na Africa e em outra qualquer parte"³¹.

(29) — O Clarim da Alvorada. 1928 — ano I, n. 6:

(30) — *Id.* 1927 — ano IV, n. 28: 15/1.

(31) — *Id.* 1930 — ano I, n. 10: 24/3.

e na qualidade de regente e herdeiro, o rás Tafari, o futuro Hailé Selassié I, também conhecido por Negus.

“Com grande satisfação dos habitantes da Ethyopia, Ras Tafari ostenta a coroa que pertenceu a Menelik. /.../

O Ras Tafari tem tido sempre os seus olhos postos sobre a política europeia. Partidário dos aliados, principalmente da França e da Itália, que visitou em 1924, sendo acolhido cordialmente pelo Vaticano.

Incluída a Ethyopia na Sociedade das Nações em 1924, vinculando o soberano pela sua visita a Europa e pelo seu affecto aos chefes de Estado desse continente muito poderá fazer o seu governo para implantar o espirito moderno sobre as correntes básicas da tradição ethyopica”²³

“Ras Tafari, ‘Rei dos Reis’ e ‘Eleito do Senhor’ para mencionar apenas dois dos doze titulos pelos quais é mais conhecido na Europa e na América, vinha, como regente, governando a Ethyopia ha 12 annos.

Agora, cansado de governar somente em nome, exigiu Tafari que lhe fossem assegurados as mesmas prerrogativas de que goza a imperatriz Zauditu. (..)

As festas em regosijo pela coroação prolongaram-se durante 7 dias e sete noites

Tafari é muito viajado. Há cerca de dois annos fez uma prolongada excursão pela Europa, tendo impressionado agradavelmente os circulos diplomaticos da Inglaterra, onde foi recebido pelo rei Jorge V. Sua visita à Italia teve, ao que se diz, carater público” (...)²⁴

Em 1935, ano da invasão da Abissínia pelas tropas fascistas, “O Clarim” lança uma nota pondo em evidência

a reação do homem negro, relacionando essa posição com os movimentos negros norte-americanos: “A Abyssinia o unico Imperio Negro, graças ao Sr. Mussolini, o moderno Cesar romano, tambem teve, nesta fase de convulsões, a sua hora de figuração no cartaz dos assumptos que inquietam o mundo.

O grito de guerra que foi dado, não despertou apenas o entusiasmo da juventude da geração fascista da nova Itália. Não, o negro tambem já tem um mundo de pensamentos, e uma mentalidade racista, concebida nas luctas de toda a sorte de segregações.

E esse mundo negro que toma vanguarda das inspirações e defeza da raça, tem a sua orbita de centralização na America do Norte”²⁵.

A propósito da coroação do rás Tafari, o jornal “Progresso” publica um artigo sobre os costumes da Etiópia “incontestavelmente o [país] mais curioso, o mais interessante. Lá os costumes modernos, tomado o termo na sua verdadeira accepção, contrastam, por assim dizer, com os mais primitivos. Sob alguns aspectos a Ethyopia é um paiz que vai acompanhando a marcha da civilização, sob vários outros, porém, é a mesma Ethyopia de séculos atrás, com todos os preconceitos e usanças de então. Entretanto, tudo leva a crer que a Ethyopia dentro de alguns annos seja um paiz lidimamente moderno. (...). Outra circunstancia que tem impulsionado, e há de continuar a impulsionar o progresso dos ethyopes é a sua religião que é a catholica, e não o mahometismo, professado por outros povos vizinhos, cujo atraso, muitas vezes, os degrada até o fetichismo. (...). O novo rei da Ethyopia não constitue uma incognita para o seu povo. Havia já muito tempo, que o Ras Tafari dirigia como regente os destinos do paiz. (...). Com a sua personalidade origi-

"NAÇÕES UNIDAS O embaixador do Brasil, sr. Afonso Arinos de Melo Franco, ao falar perante a Assembléia Geral da ONU, fêz um apêlo a Portugal no sentido de que 'aceite a marcha natural da História' e que 'tome a iniciativa no movimento de libertação de Angola, para transformá-la em país independente que permaneça tão amigo de Portugal quanto o é o Brasil'.

(...). Arinos fêz referência ao relatório da sub-comissão das Nações Unidas encarregada de examinar a situação em Angola, segundo a resolução aprovada pela Assembléia Geral em 20 de abril de 1961. (...).

Do relatório apresentado (...), disse Melo Franco que sua delegação o estudara 'cuidadosamente' e que era, (...), 'um documento útil apesar de suas limitações, resultado da impossibilidade de se obter informação in loco'.

Neste sentido (...) - o governo brasileiro deplora que o governo português não concedesse à comissão a permissão para entrar em Angola. (...).

O diplomata brasileiro recordou a Portugal a 'imparcialidade e a objetividade' de seu país. 'Isso foi demonstrado em data recente quando da invasão das possessões portuguesas na Índia', disse.¹⁸

No mesmo exemplar do jornal "Hifen", em telegrama de Londres, põe-se em evidência a liderança de Julius Nyerere, presidente da Tanzânia e não Tanganica, designação colonial para a parte do território continental que juntamente com as ilhas de Pemba e Zâmbia vieram constituir a Tanzânia. "Londres, janeiro - Julius Nyerere, (...) primeiro-ministro do novo Estado independente de Tanganica, parece ter surgido como novo líder africano no tabuleiro internacio-

nal. Nyerere tem vantagens únicas sobre os demais dirigentes dos Estados recém-nascidos africanos. Quando veio ao mundo há 39 anos, Tanganica deixara de ser colônia alemã para converter-se, primeiro, em mandato da extinta Liga das Nações e, depois, em território sob tutela das Nações Unidas.

O deprimente qualificativo de 'lacaio colonialista', que os aspirantes a políticos africanos enfrentam, jamais poderia aplicar-se a Nyerere. Nem sua formação de líder pode ter-se torcido em consequência das frustrações políticas coloniais.

Como membro da tribo 'Zanaki' - (...) Nyerere cresceu em um país onde não existiam grandes tribos em luta para implantar seu domínio. De maneira que também está isento do maior obstáculo que se opõe aos homens da África, isto é, o tribalismo"¹⁹

Um outro telegrama, de Leopoldville referente à luta pelo poder no Congo, hoje Zaire, relata o seguinte: "LEOPOLDVILLE O vice primeiro-ministro Antoine Gizenga rejeitou uma ordem do governo para que regresse a esta capital. Afirmou que manterá sua negativa até que terminem as negociações com vistas a pôr termo à sucessão da província da Tanganica

A ordem enviada a Gizenga para que regresse, diz que deverá enfrentar acusações sobre 'atividades separatistas' ()."²⁰

Abissínia que ocupou lugar de destaque no noticiário internacional da imprensa em geral, em razão da invasão da Etiópia pela Itália em 1935, vinha anteriormente sendo objeto dos jornais da imprensa negra já em 1915. O-

"O nosso destino está em nossas mãos. Somos os senhores de nossa sorte e os architectos do nosso porvir. O passado já se foi; o presente está aqui — e o futuro ainda está diante de nós. (...). Hoje, milhões de povos pretos de descendência africanas estão se submettendo a dominação daquelles que teem roubado-lhes da riqueza, do lar, família e cultura.

Até quando tal fidelidade idiota continuará? Deus tem dotado todos os seres humanos de sabedoria e força para lutar pela sua propria protecção — Si deixarmos de affirmar tal poder, devemos culpar outro senão a nós mesmos? o que o homem tem feito, o homem deve corrigir ou reparar. (...)

'Africa para os Africanos' deve tornar-se grito de batalha de Cada Negro ou Negra. Devemos estar preparados para nos libertar"¹³.

O "Getulino" registra que "falleceu na Africa o preto Khama, o chefe dos bamanguatos, povo da familia dos cafres, que se encontra, como outros povos da mesma raça, debaixo do protectorado inglez. Os jornaes inglezes classificam o saba Khama como um grande homem africano, assignalando o seu valor physico e moral, a independencia do seu carater e a originalidade das suas idéas. Durante o espaço de cincoenta annos, governou o seu povo e nos conflitos havidos com os inglezes foi sempre fiel á sua raça, tratando sempre harmonisar uns e outros"¹⁴.

Em 1955, a Conferência Afro-Asiática de Bandung, reuniu países e movimentos asiáticos e africanos e países europeus de Leste consituindo-se numa bandeira motora dos movimentos de libertação nessa fase.

(13) — O Clarim da Alvorada. 1930 — ano VII,

n. 29:23/8.

(14) — Getulino. 1923 — ano I, n. 14:28/10.

No plano cultural, pondo em evidência a especificidade da cultura africana, reúne-se em Paris (1956), na Sorbone, o 1º Congresso de Escritores e Artistas Negros, formalizando os ideais da revista "Présence Africaine" fundada nessa mesma cidade e ligada ao movimento da Negritude. Apesar da importância desse acontecimento, não encontramos registro nos jornais analisados.

Possivelmente, como reflexo desses acontecimentos, nos anos 60 começam a surgir, na imprensa negra, registros dos movimentos pró-independência:

"Do Estreito de Gibraltar ao Cabo da Boa Esperança, do Golfo de Guiné ao Golfo de Adem, sopram em brisas sobre a África o vento da liberdade. O movimento nacional já é força social irreversível. Ao iniciar-se o post-guerra, o despertar nacionalista se reduzia aos países da África do Norte, do Médio Oriente e do Suldeste Asiático. Mas, nos ultimos cinco anos, a África negra adquiriu também consciência de seus direitos na livre disposição de seu destino. Em abril de 1955, somente dois países negros estavam representados na decisiva conferência afro-asiática de Bandoeing. Em janeiro último, na segunda conferência dos povos da África, celebrada em Tunis, o mundo negro esteve representado por uma dezena de delegações. (...). Em Tunis o movimento por libertação de Uganda afirmou: 'Podemos expressar nossa decisão de fixar o ano de 1963 como o último prazo para o término da dominação estrangeira na África. (...) Este ano, o movimento anti-imperialista vai remontar em suas ondas sete países do continente englobando territórios povoados por cerca de 70.000.000 de habitantes. (...) Na África central 'inglesa' os povos de Uganda, Quênia, Nyassa, Das Rodécias do Norte e do Sul, lutam encarniadamente também pela abolição das injustiças

vinda ao Brasil do balé africano da Guiné-Konakry de Keita Fodeba, intelectual conhecido na Europa como político.

“Grata foi para todos os aceneanos a visita do excepcional ‘Les Ballets Africains’ em nossa Sede Social no dia vinte e cinco de abril p.p.

Aquele conjunto, com exceção feita ao seu diretor Keito Fodeba [Keita Fodeba] que no momento estava ausente devido o seu rápido retorno á África para assumir o cargo de ministro do Interior, esteve presente com todos os seus componentes.

Na ocasião, o Teatro Popular Brasileiro dirigido por seu presidente Solano Trindade, executou varios numeros folcloricos, demonstrando assim a afinidade da musica brasileira à africana.

(...). Ficou assim mais uma vez provado que, por mais que se distancie os povos de uma mesma raça, os sentimentos serão sempre os mesmos realçados através da musica de origem que a todos une”¹⁰.

O aspecto lingüístico é abordado num registro pouco significativo sobre o hawsa e o swahili (língua veicular), pois muitos “idiomas europeus, falados outrora, desapareceram, de modo que ficou relativamente limitados o uso de linguas nacionaes. Mas na Africa isso não ocorreu. Ha, naturalmente, ainda no continente africano linguas praticadas em grandes territorios de milhões de individuos, como o arabe ao norte, o ‘haussa’ no Sudão occidental, o ‘suaheli’ na Africa oriental até ao Congo; mas, ao lado dellas conhecem-se idiomas compreendidos apenas por poucos milhares de pessoas”¹¹.

(10) – O Mutirão. 1958 – ano I, n. 1: -/5.

(11) – Progresso. 1929 – ano II, n. 8: 13/1.

O registro do noticiário político sobre continente africano compreende breves referências com simples menções da posição política brasileira..

Quanto a Libéria e Abissínia, os dois primeiros países independentes da Africa, aquela mereceu atenção esporádica e esta, noticiada na imprensa negra em função da guerra da Itália contra a Abissínia (1935), posta em evidência pela imprensa em geral.

África do Sul é mencionada também pela sua política racista.

O movimento Panafricano, idéia motor dos movimentos negros norte-americanos, com algumas ramificações em Africa, tal o caso da Libéria, Serra Leoa e que em Ghana aparece representado nas idéias do presidente Kwame Nkrumah, é apresentado em artigo curioso do “Getulino” que se refere às duas principais correntes do Panafricanismo. “Em Lisboa se encontrava, encarregada de uma missão importante e delicada, o sr. Logan, secretario adjunto da ‘Association Panafricaine’. O nosso informador, um homem de cor, com influência indigena, numa das colonias portuguesas da Africa Oriental, explicou-se assim:

– Sabe você de que se trata? Eu lhe digo: os negros espalhados pelo mundo unem-se.

– Para que?...

– Para a conquista da Africa! (...)

Realmente o dr. Magalhães [Mr. Logan] não é um homem vulgar. Originario da Africa, já não é propriamente um negro, mas a raça denuncia-se-lhe na pelle uniformemente escura.

Exerce a clinica em Lisboa, especializado em doenças dos climas tropicais (...).

– O movimento mundial dos negros – continuou Mr. Logan – é, pois, inteiramente pacifico. Não hostilizamos os governos europeus, onde quer que

África, considerando o universo total e partindo da análise do material empírico, será revista em transcrições, agrupadas em temas no período 1915-1963 – raízes, cultura, política, Abissínia/Libéria, África do Sul/racismo – que freqüentam esse período, segundo uma lógica distributiva.

A imprensa negra registra que “os nossos antepassados tiveram por berço a terra africana”, ao mesmo tempo em que “é preciso que se note”, “nós temos por berço e Pátria este País... Não somos africanos, somos brasileiros”¹.

O jornal “O Alfinete” se refere ao escravidão do seguinte modo: “*nos, filhos e netos de colonos africanos (...)* nada sabemos porque não queremos aprender um ofício para ganhar honradamente a nossa vida”².

(1) - O Bandeirante. 1918 - ano I, n. 3:-/9.

(2) - O Alfinete. 1918 - ano I, n. 2: 3/9.

posição que revelará o alto grau de interesse dos negros conscientes pela solução dos problemas da Raça, pelos destinos da Nacionalidade, pelos rumos políticos e sociais do Brasil. Assim é que nós abaixo assinado nos reunimos em comitê partidário afim de prestigiar um dos candidatos negros que, sob nosso ponto-de-vista, possa representar o nosso pensamento e lutar pelas reivindicações da nossa gente a que endereçamos o presente

MANIFESTO

Acreditamos que o problema do negro não se dissocia dos problemas gerais da coletividade, considerando a contribuição histórica do negro na formação econômica, política e social do Brasil. Não desconhecemos que mesmo entre as classes trabalhadoras o negro é assoberbado por uma maior soma de prejuízos de toda ordem. A nossa estrutura econômico-social estabelecendo o regime de desigualdade e de injustiças, é o meio propício ao desenvolvimento e manutenção dos preconceitos que atingem o negro e outras minorias. Impõe-se, pois, uma luta mais ampla, mais objetiva em todos os setores da atividade humana no sentido de solucionar o problema. Entretanto, não basta ser negro para oferecer uma garantia de que essa luta possa ser desenvolvida nas casas legislativas. Necessário se faz que seja um negro que como nós sinta o problema, que conosco tenha vivido e participado das nossas angústias, que tenha capacidade cultural, que tenha idoneidade moral e que acima de tudo seja portador de um passado de lutas, dedicado e desinteressadamente, provando assim a robustez das suas convicções e justeza do seu caráter¹³⁵.

A manifestação política se expressa no mesmo jornal através de "Um representante do negro no Legislativo

Bandeirante", ao apoiar a candidatura de Geraldo Campos de Oliveira:

"Quanto ao negro brasileiro, devido a lei que os considera oficialmente cidadãos, com direitos civis e jurídicos malgrado a guerra subterrânea dos particulares, não teve o mesmo incentivo, o mesmo espírito de luta para se fortalecer economicamente como os seus irmãos da terra dos dólares, como os japoneses no Brasil, como os judeus em todo o mundo. É, pois, fundamentalmente um caso de classes o problema que nos assoberba há mais de 60 anos.

Do mesmo modo que erram aqueles apologistas, infima minoria de intelectuais, pregadores de um separatismo puro e simples, esposando a idéia racista que já fez época: A África para os negros. Urge, pois, combatermos as duas interpretações errôneas: a da negação do preconceito pelos brancos e o racismo pelos negros de algumas luzes espichados pelas injustiças e continuas humilhações. Mas para isso temos necessidade de legítimos representantes da raça em todas as câmaras estaduais do Brasil afim de que, problemas negros não precisem das mal compreendidas iniciativas de um bem intencionado Afonso Arinos. Necessitamos, nas Assembleias Legislativas, de negros conscientes do seu papel e da sua representação. (...). Homens de ambiente negro, de famílias negras, continuadores da obra do profundo e mordaz Getúlio e do temido Tigre da Abolição¹³⁶.

Sob o título "Contra o capitalismo escravizador", o jornal "Mundo Novo", apóia a candidatura de Geraldo Campos de Oliveira.

(136) – *Id. ibid.*

Para o jornal "Notícias de Ébano", o "preconceito racial, veio dos tempos remotos, herança das ilhas dos príncipes de Angola e de várias partes da África, cuja importação se estendeu pela América Latina, vindo dos mais distantes recantos africanos, trazidos através de navios da época, sobre as ordens de homens brancos, para os trocar em víveres, terra e ouro. (...).

Veio então as alforias, as leis de igualdade e os direitos humanos peculiares, a todos os seres humanos que habita, no planeta. (...).

No Brasil não há pretos, há brasileiros, que falam a mesma língua e vivem em um só teto com a mesma bandeira, regidas pelas mesmas leis, e é exatamente seguido dentro desses princípios democráticos que clamo aos meus patrícios, para a frente, entusiasmo sem recalque, pois somos todos iguais, abandonamos o ponto de vista histórico e entramos na realidade, para que possamos libertar-mo-nos desta inercia social para bem do Brasil e do povo"¹³¹.

Um protesto contra o preconceito de cor é dirigido pelo jornal "Hifen", em artigo que se refere à indústria de tecidos Pluma e que "desde sua formação não aceita pessoas de cor". "Qual é o motivo para este preconceito? Se o negro não presta para trabalhar na fábrica Pluma S.A., não prestaria para fazer do Brasil este gigante de 460 anos.

Revolto-me sim, contra este racismo que não tem razão de ser. Revolto-me e ao mesmo tempo sinto pena destes que assim agem, demonstrando nada mais serem do que espíritos materialistas, ateus, disfarçados em homens cristãos. (...). Aquêles que se calam, diante destas atitudes,

não merecem a consideração dos demais irmãos de cor. Calar é aceitar. E nós não aceitamos, temos personalidade e cultura.

Não somos racistas. Por isto combatemos com os que o são sem contradizermos-nos"¹³².

Num âmbito geral, o "problema do negro brasileiro é antes de mais nada um problema de educação secundado pelo fator econômico".

Reverendo antecedentes históricos, a imprensa negra questiona a "liberdade em massa para o povo negro". A mesma liberdade que concedeu o "direito de cidadão ao escravo que ainda não se havia aculturado", quando o negro "estava ainda num estado de servidão econômica".

Por outro lado, "o afro-brasileiro ainda não atingiu o grau cultural da média do grupo branco" e o "negro, assim semi-analfabeto", para "vencer socialmente, faz um esforço equivalente ao de cem brancos. E quando consegue certas regalias sociais, afasta-se dos seus irmãos negros. Luta sózinho e nada quer com a sua raça". "Todos os valores negros surgidos no passado brasileiro, no cenário literário, artístico e científico, fizeram a sua obra pessoal, sem ter ligação direta alguma com sua raça originária".

Os pontos acima formam as "Diretrizes da Convenção do Negro Brasileiro", que assim prossegue na Revista "Senzala": "O elemento negro do Brasil de hoje, deve unir-se, imediatamente, no sentido psicológico, para acabar com os complexos e recalques, para atacar de frente o preconceito de cor e de raça que ainda perdura em nossa Pátria. Essa união entretanto, em nada vem ferir a unidade nacional. Ao fazer-se tal união, não se está fazendo racismo político, que já foi repudiado do consenso da nacionalidade em vários ma-

rizar a sua própria ação, representativa, sob o signo da ordem e do progresso"¹²⁵.

O artigo de Luiz Lobato publicado no primeiro número da revista "Senzala", na coluna "Um ponto-de-vista", "destinada a receber a manifestação do pensamento de todo pensador negro que queira dar livremente o seu parecer sobre a situação do negro em face da sociedade brasileira, no seu sentido, político, social e moral", faz uma revisão dos Congressos e Convenções dos negros no ano de 1945, e mais que isso, externa uma opinião com relação aos verdadeiros e falsos líderes negros. E de um ângulo social, político e econômico, mostra qual deve ser e como deve ser a participação do negro frente a sociedade dominante.

"O ano de 1945 foi muito fértil na realização de Congressos e Convenções de partidos políticos. (...).

Bem ou mal intencionados e orientados, os líderes negros de São Paulo movimentaram-se, fazendo reviver a luta que os nossos antepassados iniciaram com a campanha da Abolição. Novamente, surgiram em nosso meio os 'iluminados', desejando dar solução oportunista e imediata para o problema do negro. Outros, com tendências tipicamente racista e reacionária, julgaram poder avivar a luta de caráter racial, no intuito exclusivo de, por esse meio, poderem voltar às suas posições anteriormente desfrutadas. Desta vez, porém, a situação foi diferente daquela a que os 'comprometidos do passado' estavam acostumados. O negro, compreendendo o seu real papel na sociedade brasileira não se deixou enlevar pelos discursos racistas que outrora arrancaram muitos aplausos entre os negros. Ao contrário, nestas reuniões, convenções e congressos notamos que o elemento negro estava ajustando as contas com os lí-

deres, deixando-os, por vezes, em posição difícil perante aqueles que ali se achavam de boa-fé.

Cabe, pois, ao negro de nossos dias o grande papel de esteio da democracia no Brasil, já porque somos um potencial humano muito grande dentro da população nacional. Mesmo porque será impossível lutarmos pela nossa elevação social, econômica e política se não tomarmos em consideração a situação geral do povo brasileiro. Logo, ao lado de nossas reivindicações peculiares, temos de empunhar a bandeira de luta pela classe explorada"¹²⁶.

A educação no terceiro período é reivindicada de outra forma; se antes era dirigida diretamente aos pais dos jovens negros, ou o apelo era feito para que os negros fossem às escolas por um aperfeiçoamento cultural e intelectual, agora a educação é reivindicada a partir de uma reflexão apoiada no fator econômico, isto é, melhores condições de trabalho, que vão resultar em melhores condições econômicas, e que será "o ponto cardeal de sua existência: melhorar o trabalho do negro para minorar-lhe os sofrimentos da vida. Trabalho melhor, sob o ponto de vista de maior rendimento econômico, com menor esforço material. Isto, só lhe pode ser proporcionado produzir, pela educação, num grau elevado, no setor profissional. (...). fator primordial á melhoria da vida do negro: A EDUCAÇÃO MAIS COMPLETA TANTO QUANTO POSSA SER. Quando todo o negro for um profissional hábil pela aquisição de uma técnica que lhe fora ministrada por meios científicos, um trabalho ciente dos segredos profissionais em consequência de estudos e da prática a que se dedicou, o seu estágio de vida melhorará, numa correspondência ao poder aquisitivo de seus recursos profissionais: então, no meio social em que